

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA**

Aline Franciele Martins de Oliveira

**A DISCIPLINA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO NA
EEPSG PREFEITO JOSÉ RIBEIRO (PARANAPUÃ/SP. ANOS 1980): nem didático
nem literário, lúdico**

**Paranaíba/MS
2015**

Aline Franciele Martins de Oliveira

**A DISCIPLINA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO NA
EEPSG PREFEITO JOSÉ RIBEIRO (PARANAPUÃ/SP. ANOS 1980): nem didático
nem literário, lúdico**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação, Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa “Linguagem, Literatura, Educação e Sociedade”, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Dra. Estela Natalina Mantovani Bertolletti

**Paranaíba/MS
2015**

ALINE FRANCIELE MARTINS DE OLIVEIRA

**A DISCIPLINA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO NA
EEPSG PREFEITO JOSÉ RIBEIRO (PARANAPUÃ/SP. ANOS 1980): nem didático
nem literário, lúdico**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação, Linguagem e Sociedade.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Estela Natalina Mantovani Bertolotti (Orientadora)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof. Dr. Ademilson Batista Paes
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof.^a Dr.^a Rosane Michelli de Castro
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Aos meus pais, Marcia e José,
pelo amor e apoio incondicional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que tem me dado saúde, fortaleza para superar as dificuldades e acima de tudo, a vida, se mostrando criador, dando coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades.

À minha família, por sua capacidade de acreditar e investir em mim, que com muito carinho e apoio, não mediu esforços para que eu chegasse até essa etapa de minha vida. Em especial, a minha mãe, Marcia Martins de Oliveira, pois seu cuidado e dedicação foi que deram, em alguns momentos, a esperança para seguir. A meu pai, José Domingos de Oliveira, pois sua presença significou segurança e certeza de que não estou sozinha nessa caminhada. A minha avó, Maria de Lourdes Martins, que sempre me apoiou e amparou, me acompanhando nas viagens para que o caminho não fosse tão árduo; melhor convívio não poderia encontrar. Ao meu avô, Pedro Martins (*in memoriam*), que sempre me estimulou a buscar o conhecimento. Aos meus avós, tios, tias, primos e primas que mesmo com os momentos de silêncio contribuíram nesta minha caminhada, pois sei que sempre estive em suas preces e orações.

Ao meu noivo, Wellinton Capelli Martin, obrigada pelo carinho e paciência e por sua capacidade de me acalmar e trazer paz quando eu precisava e aceitar minha ausência quando necessária.

Agradeço a professora e orientadora, Estela Natalina Mantovani Bertoletti, que teve paciência e que me guiou na conclusão deste trabalho, além de promover muita aprendizagem e desenvolvimento para que eu amadurecesse como pessoa e como pesquisadora, ampliando meus horizontes. Posso dizer que a minha formação, inclusive pessoal, não teria sido a mesma sem a sua pessoa, por exigir de mim muito mais do que eu supunha ser capaz de fazer.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, pela contribuição nas atividades que desenvolvi durante os dois anos de mestrado.

As professoras, Rosa Fátima de Souza e Maria do Rosário Longo Mortatti, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – *campus* de Marília pela importância que tiveram em minha vida acadêmica, por seus ensinamentos e pela paciência ao longo dessa caminhada.

Aos professores, Ademilson Batista Paes e Rosane Michelli de Castro, com quem compartilhei o que era broto daquilo que seria meu trabalho. Obrigada por fazerem parte da banca examinadora.

Ao professor doutor, Fernando Rodrigues de Oliveira, que me possibilitou ampliar os horizontes em relação ao meu objeto de pesquisa e que cedeu alguns documentos.

Agradeço, também, aos meus professores de educação básica e graduação que durante muito tempo me ensinaram e me mostraram o quanto estudar é bom.

Aos integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação Brasileira (GEPHEB), que me possibilitaram vivenciar mais um lugar de aprendizagem.

Aos meus amigos, pelas alegrias e tristezas e dores compartilhadas. Com vocês, as pausas entre um parágrafo e outro de produção melhora tudo o que tenho produzido na vida. A todos aqueles que, de alguma forma, estiveram e estão próximos de mim, fazendo esta vida valer cada vez mais, em especial, Júlio Cesar Bombonatti, que durante todo o meu percurso sempre se mostrou paciente, empolgado com cada passo dado por mim e que sempre esteve a meu lado.

A minha amiga e companheira de mestrado, Rosimar Pires Alves, não poderia deixar de agradecer pelo companheirismo, dignidade, carinho, autenticidade, humildade e amizade e que sempre esteve ao meu lado nos momentos engraçados, tristes, de estudos e na cumplicidade do dia a dia durante o mestrado. Aproveito também para agradecer pelos almoços e lanches durante minha jornada em Paranaíba.

Às amigas, Renata Valadão e Noely Costa Dias Garcia, pelas ótimas histórias vividas e longos “papos” pela UEMS e em Congressos; pela amizade e por ajudar a tornar a vida acadêmica mais divertida.

Aos amigos da EMEIF Edison Rodrigues dos Santos Junior por terem participado de uma das melhores épocas da minha vida e por terem participado, direta ou indiretamente, neste trabalho e pela torcida positiva.

Aos meus alunos que de certa forma também me apoiaram nos últimos dois anos.

À Diretoria de Ensino de Jales que contribuiu significativamente na cessão de documentos.

À Escola Estadual Prefeito José Ribeiro que contribuiu significativamente na construção do meu trabalho, pois sem o apoio dessa escola muitos documentos não teriam sido localizados.

Aos professores e alunos que participaram da pesquisa, que com dedicação e carinho, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço a meus colegas de mestrado e, com certeza, futuros excelentes profissionais.

Agradeço a todos os funcionários da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) - Unidade Universitária de Paranaíba, em especial, à querida Irany Nunes Queiroz, que atenciosamente atendeu aos meus telefonemas e *e-mails*, e pelo seu jeito fraternal de tratar a todos.

E o que dizer a vocês? Obrigada pela paciência, pelo incentivo, pela força e principalmente pelo carinho. Valeu a pena toda distância, todo sofrimento, todas as renúncias... Valeu a pena esperar... Vocês, mesmo não tendo noção, iluminaram de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar mais conhecimentos.

Como dizia Cora Coralina: “Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas. Muitas vezes basta

ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove. E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida. É o que faz com que ela não seja nem curta, nem longa demais, mas que seja intensa, verdadeira, pura enquanto durar. Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”.

RESUMO

Nesta dissertação, apresentam-se resultados de pesquisa de mestrado, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, sobre o tema disciplina Literatura Infantil na formação de professores na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus (EEPSG) Prefeito José Ribeiro, cujos objetivos foram: contribuir para a produção de uma história da disciplina Literatura Infantil na formação de professores no curso HEM, nos anos 1980, no estado de São Paulo; realizar localização, recuperação, reunião, seleção, sistematização e análise das fontes documentais sobre a disciplina de Literatura Infantil no curso de HEM; compreender o ensino da disciplina Literatura Infantil na formação de professores na EEPSG Prefeito José Ribeiro, em Paranapuã; e, contribuir com pesquisas correlatas. A pesquisa fundamenta-se na abordagem histórica, no âmbito da educação, na vertente da Nova História Cultural. Dos resultados obtidos pode-se sintetizar: 1. Os anos 1980 foram efervescentes tanto na produção de promoção qualitativa de Literatura Infantil e discussão acadêmica, com fito de definir a partir de critérios literários os livros para crianças; 2. a disciplina Literatura Infantil foi ganhando estatuto acadêmico nos anos 1980, entre outros fatores, por sua presença na formação de professores no estado de São Paulo, desde os anos 1940; 3. na região de Jales, houve formação de professores nos anos 1980 nos cursos HEM, sendo a disciplina Literatura Infantil um desses aspectos de formação representada no município de Paranapuã, na EEPSG Prefeito José Ribeiro, seguindo as prescrições oficiais federais e estaduais; 4. o ensino de Literatura Infantil na EEPSG Prefeito José Ribeiro, nos anos 1980, consistia em ensino do lúdico, voltado para trabalhos manuais (caderno de comemorações, caderno de dobradura, livro de tecidos) e outros trabalhos como os cadernos de músicas infantis, muito embora manuais de ensino tenham sido encontrados na biblioteca da escola e prescrevessem, na formação de professores, um ensino voltado ao uso e à crítica de livros de gênero, sobretudo, para formação de leitores. Desse modo, pode-se concluir que a Literatura Infantil que circulava nos anos 1980, em relação ao que se prescrevia, não era o que se praticava em sala de aula, no entanto corroborava as indicações sobre o fim lúdico do gênero. Assim, o curso de formação de professores denominado HEM, da EEPSG Prefeito José Ribeiro, da cidade de Paranapuã, nos anos 1980 correspondeu a um modo próprio de ensinar a Literatura Infantil que não considerava a questão literária, mas em que prevalecia a questão do lúdico.

Palavras-chave: História da Educação. Disciplina Literatura Infantil. Formação de professores. Habilitação Específica para o Magistério. EEPSG Prefeito José Ribeiro.

ABSTRACT

In this work, we present master's research results, developed by the Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), (UEMS), University Drive Paranaíba on the subject discipline children's literature in teacher training at the Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus (EEPSG) Prefeito José Ribeiro (1980), whose objectives were: Contribute to the production of a history of the discipline children's literature in teacher education in HEM course, in the 1980s, the state of São Paulo; hold the location, recovery, meeting, selection, organization and analysis of documentary sources on the subject of children's literature in the course of HEM; understand the teaching of children's literature discipline in the training of teachers in EEPSG Prefeito José Ribeiro in Paranapuã; and contribute to related research. The research is based on the historical approach, in education, in the aspect of New Cultural History. The results obtained can be synthesized: 1. the 1980s were effervescent both in the production of qualitative promotion of gender and academic discussion, with aim of defining criteria from literary books for children; 2. children's literature discipline gained academic status in the 1980s, among other factors, by its presence in teacher education in the state of São Paulo, since 1940; 3. In Jales region, there were teacher training in the 1980s in HEM courses, and children's literature course of such training aspects represented in the municipality of Paranapuã in EEPSG Prefeito José Ribeiro, following federal and state official regulations; 4. The children's literature teaching in EEPSG Prefeito José Ribeiro, in the 1980s, consisted of playful teaching, facing crafts (celebrations book, folding notebook, tissue book) and other works such as books of children's songs, although the textbooks found in the school library. The school prescribe, in teacher training, teaching geared to the use and critical gender of books, especially for training readers. Thus, it can be concluded that the Children's Literature that circulated in the 1980s, compared to what was prescribed, it was not what was practiced in the classroom, however corroborated the information about the playful end of the race. Thus, the training course for teachers called HEM, the EEPSG Prefeito José Ribeiro, the city of Paranapuã in the 1980s corresponded to a particular way of teaching children's literature that did not consider the literary question, but that prevailed the issue of playful .

Key-words: History of Education. Discipline Children's Literature. Teacher training. Habilitação Específica para o Magistério. EEPSG Prefeito José Ribeiro.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa do estado de São Paulo com destaque a localização do município de Paranapuã.....	63
Figura 2 – Retrato do prefeito José Ribeiro	67
Figura 3 – Fachada da EEPSEG Prefeito José Ribeiro.....	68
Figura 4 – Projeto de Lei nº 593, de 1977	70
Figura 5 – Lei nº1704, de 5 de julho de 1978	71
Figura 6 - Fotografia da professora Haruko Takaki (atual).....	76
Figura 7 - Fotografia da professora Lídia de Jesus Capela Cardozo Silveira (atual)	77
Figura 8 – Capa de <i>Leituras na escola primária: guias para normalistas e professores</i> (1966) de Juracy Silveira.....	80
Figura 9 – Capa de <i>A literatura infantil: visão histórica e crítica</i> (1987), de Bárbara Vasconcelos de Carvalho	83
Figura 10 – Capa de <i>Literatura infantil: uma nova perspectiva de alfabetização na pré-escola</i> (1995) de Lúcia Lins Browne Rego	86
Figura 11 – Caderno de comemorações	89
Figura 12 – Caderno de comemorações	90
Figura 13 – Caderno de comemorações	90
Figura 14 – Caderno de dobraduras.....	91
Figura 15 – Capa de <i>Aventuras de Tiquinho</i>	92
Figura 16 – Capa de caderno de músicas infantis	93
Figura 17 – Caderno de músicas infantis	94
Figura 18 - Capa do livro <i>Lúcia já - vou - indo</i>	95
Figura 19 - Fantoches de cartolina do livro <i>Lúcia já - vou - indo</i>	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fontes documentais para estudo da disciplina literatura infantil na HEM da EEPSG Prefeito José Ribeiro.....	25
Quadro 2 – Professores que lecionaram a disciplina literatura infantil na EEPSG Prefeito José Ribeiro.....	26
Quadro 3 – Livros publicados nos anos 1980	37
Quadro 4 – Projetos de estímulo a leitura promovidos pela FNLIJ (1977 – 1991)	42
Quadro 5 – Publicações produzidas pela FNLIJ (1979 – 1989)	44
Quadro 6 – Escolas em Paranapuã, em 1968	65
Quadro 7 – Grade curricular da 4ª série (1985 -1988).....	73
Quadro 8 – Grade curricular da 4ª série (1989)	74

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
INTRODUÇÃO	23
1 LITERATURA INFANTIL, DISCIPLINA LITERATURA INFANTIL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO ESTADO DE SÃO PAULO NOS ANOS 1980	36
1.1 A emergência da Literatura Infantil na formação da mentalidade da criança....	36
1.2 A Literatura Infantil nas iniciativas da FNLIJ e os discursos acadêmicos dos anos 1980.....	41
1.3 A instituição da disciplina Literatura Infantil no estado de São Paulo: do curso normal à Habilitação Específica para o Magistério.....	51
1.4 A HEM e a disciplina Literatura Infantil.....	59
2 FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA EEPSPG PREFEITO JOSÉ RIBEIRO E A DISCIPLINA LITERATURA INFANTIL	63
2.1 O município de Paranapuã e suas escolas.....	63
2.2 EEPSPG Prefeito José Ribeiro e a disciplina Literatura Infantil.....	68
3 ENSINAR A ENSINAR A DISCIPLINA LITERATURA INFANTIL NA EEPSPG PREFEITO JOSÉ RIBEIRO	75
3.1 Os professores.....	75
3.2 Os manuais da Biblioteca da EEPSPG Prefeito José Ribeiro.....	79
3.3 Atividades das aulas de Literatura Infantil.....	89
3.4 Aspectos da disciplina Literatura Infantil na EEPSPG Prefeito José Ribeiro.....	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	104
INSTITUIÇÕES, ACERVOS E SITES CONSULTADOS	110
APÊNDICE A – Fontes documentais para estudo da disciplina Literatura Infantil na formação de professores no estado de São Paulo.....	113
APÊNDICE B – Roteiro para entrevistas com professores.....	117
APÊNDICE C – Cadastro do(a) entrevistado(a).....	118
APÊNDICE D – Autorização para uso de imagem, áudio e dados pessoais e biográficos.....	119
ANEXOS	120

APRESENTAÇÃO

Meu interesse pelo tema Literatura Infantil na formação de professores teve início em 2013 com minha entrada no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba/MS, vinculada à linha de pesquisa “Linguagem, Literatura, Educação e Sociedade”, sob orientação da professora Dra Estela Natalina Mantovani Bertoletti, que propôs o tema e me fez refletir sobre a possibilidade de desenvolver uma pesquisa relacionada à Literatura Infantil na formação de professores.

Considerando a sugestão de minha orientadora, no mesmo ano, passei a integrar o Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação Brasileira (GEPHEB¹), como forma de buscar compreender a abordagem do tema de um ponto de vista histórico.

A proposta feita pela orientadora me causou certa inquietação, o que me fez aceitar de imediato o que foi apresentado. Assim, busquei frequentar disciplinas que contribuíssem mais diretamente com o tema e com a abordagem. Então, em 2013 matriculei-me como aluna especial² na disciplina “Literatura Infantil Brasileira” ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP) - *campus* de Marília/SP, tendo como docentes responsáveis a Prof. Dra. Maria do Rosário Longo Mortatti e a Dra. Estela Natalina Mantovani Bertoletti. Com essa disciplina passei a refletir sobre aspectos relacionados à constituição da Literatura Infantil como gênero literário e como campo de conhecimento além de problematizar a relação entre literatura e ensino, de um ponto de vista histórico. A metodologia adotada consistiu em aulas expositivas e discussão de resultados de pesquisa sobre Literatura Infantil e Juvenil Brasileira; a avaliação deu-se por meio de textos orais e escritos produzidos pelos alunos no decorrer das atividades da disciplina, além de o resultado final ter sido avaliado a partir de uma produção

¹ De acordo com <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5820489263113510>, o Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação Brasileira tem como eixos norteadores, a história da escolarização da infância, das práticas, das disciplinas e instituições escolares Educação Brasileira. Suas ações estão concentradas em ensino, pesquisa e extensão, cujos objetivos encontram-se no fomento na graduação e pós-graduação de produção de trabalhos monográficos; relatórios de pesquisa; publicação de artigos em periódicos, anais e capítulo de livros; articulação, intercâmbio e colaboração com outros grupos de pesquisa que constituem o campo, vinculados ou não a outras instituições; organização, colaboração e coordenação de eventos institucionais e interinstitucionais na área.

² De acordo com o regulamento do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista - *campus* de Marília, aluno especial é aquele que está matriculado em outro programa de Pós-Graduação, mas frequenta uma disciplina ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista.

de texto científico ou contendo estudo sobre um dos textos que compuseram a bibliografia básica ou resenha crítica de um livro sobre literatura infantil, publicado nos últimos três anos. A partir disso, passei a realizar atividade como iniciante na pesquisa científica, sobretudo, da abordagem histórica sobre Literatura Infantil na formação de professores, mediante a utilização de procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e sistematização da bibliografia disponível no banco de dados da CAPES e IBICT.

Nos dados sobre o tema investigado, localizei um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e duas dissertações, produzidas entre 1993 e 2013, no Brasil, a saber: Côrrea Júnior (1993), Oliveira (2010) e Castilhos (2013).

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Côrrea Júnior (1993) intitulado *A importância da disciplina literatura infantil no curso de habilitação específica para o magistério* foi apresentado em 1993, junto ao curso de Pedagogia da UNESP (*campus* Rio Claro), sob orientação da Profa. Dra. Maria Augusta Hermengarda W. Ribeiro. Nele, o autor discutiu sobre a importância de se formar o professor para o trabalho com a literatura infantil na Habilitação Específica para o Magistério (HEM), focalizando a EEPSG Joaquim Ribeiro de Rio Claro, cujo objetivo foi analisar o curso HEM da EEPSG Joaquim Ribeiro, tendo como enfoque informações sobre a disciplina Literatura Infantil, obtidas por meio de ficha de entrevista para professores, questionários para alunos, utilizando-se de pesquisa de campo, de caráter descritivo, por meio de coleta, registro e análise de dados. De acordo com Côrrea Júnior (1993), a disciplina Literatura Infantil no curso HEM não teve a ênfase que merecia ter dentro da grade curricular, tendo em vista sua influência e importância na formação do caráter e personalidade infantil.

A dissertação de Oliveira (2010) intitulada *O ensino da literatura infantil em Compêndio de literatura infantil: para o 3º ano normal (1959)*, de Bárbara Vasconcelos de Carvalho, foi defendida em 2010, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, na Universidade Estadual Paulista, *campus* de Marília, sob orientação da Profa. Dra. Maria do Rosário Longo Mortatti. Nela, o autor apresenta resultados de pesquisa de mestrado, cujo objetivo foi o de contribuir para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil e contribuir para a compreensão da história da formação de professores e do ensino da Literatura Infantil no Brasil, tendo como enfoque a proposta para o ensino da Literatura Infantil apresentada no manual *Compêndio de literatura infantil: para o 3º. ano normal (1959)*, de Bárbara Vasconcelos de Carvalho (1915-2008), publicado pela Companhia Editora Nacional (SP). De acordo com Oliveira (2010), o estudo possibilitou concluir que, nesse manual, encontra-se um conjunto de saberes relativos à Literatura Infantil, considerados

necessários para a formação do professor primário, que contribuíram para a constituição da literatura infantil como disciplina dos cursos de formação de professores primários no Brasil.

A dissertação de Castilhos (2013) intitulada *A Literatura Infantil e sua institucionalização como disciplina na formação de professores (1920 – 1960)* foi defendida em 2013, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC - PR), sob orientação da Profa. Dra Rosa Lydia Teixeira Corrêa. Nela, Castilhos (2013) teve como proposta compreender historicamente a literatura infantil como disciplina escolar especificamente em cursos de formação de professores, enfocando cursos normais e cursos de Pedagogia. Para tanto, a autora fez levantamento e análise da Literatura Infantil em manuais escolares para estabelecer vínculos com a formação de professores. O estudo calcou-se no ponto de vista metodológico na abordagem histórico-cultural. De acordo com Castilhos (2013), os estudos historiográficos pontuam possibilidades de mudança no fazer pedagógico, na medida em que entendemos como certas disciplinas se constituem e se estabelecem no currículo escolar na contemporaneidade e a Literatura Infantil, como parte da cultura, acompanha o desenvolvimento da produção cultural refletindo o contexto social, no qual se encontra incluída. Desse modo, dada sua relevância na formação do ser humano, um novo olhar se faz necessário para o exercício da docência, no que se refere à disciplina Literatura Infantil.

Como se pode perceber, por meio desses dados, poucos e recentes³ são os estudos sobre o tema Literatura Infantil na formação de professores. Porém, esse tema, pode ser identificado como relevante e pertinente, não somente para expansão dos campos de Literatura Infantil e de formação de professores, como também para preenchimento de lacunas de pesquisas, cujos saberes são importantes e necessários para a formação do professor, pois ensinar a ler é papel de todo professor e a Literatura Infantil contribui para a formação de leitores. De acordo com Cademartori (1986, p. 18):

A literatura, [...] propicia uma reorganização das percepções do mundo e, desse modo, possibilita uma nova ordenação das experiências existenciais da criança. A convivência com textos literários provoca a formação de novos padrões e o desenvolvimento do senso crítico.

Assim, acredita-se que, a partir do entusiasmo que a criança alimenta pela literatura, nasce seu interesse para aprender o código escrito, passando a ter significado para ela, desenvolvendo, então, suas potencialidades para criar e expor suas ideias.

³ Localizei, também, alguns artigos publicados em periódicos e anais de eventos dos dois últimos autores e que tratam de aspectos das dissertações defendidas. Localizei, ainda, a tese de Oliveira (2014) não referenciada aqui, por extrapolar o período determinado para a coleta de dados, 2013.

A Literatura Infantil tem por tarefa, na sociedade em transformação, servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio do leitor com o livro, seja no diálogo ou nas atividades literárias pela escola.

A literatura infantil, nesta medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de *uma* tarefa a que está voltada toda a cultura - a de conhecimento do mundo e do ser. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988, p. 25).

Dialogando com as autoras, entendo que a escola é de suma importância para a Literatura Infantil, porque é o agente ideal para a formação cultural do indivíduo. É, pois, o espaço privilegiado onde deverão ser lançados desafios que abrem caminhos rumo à aprendizagem. Desse modo, a formação de professores para o ensino de Literatura Infantil torna-se crucial em todas as épocas. Com esse ponto de vista, juntamente ao desenvolvimento da pesquisa bibliográfica, durante o ano de 2013 e 2014, cursei no mestrado também as disciplinas:

1. *Educação Especial e Inclusiva: Formação de Educadores e Pesquisadores para o Ensino Superior*, ministrada pelas professoras Dra. Doracina Aparecida de Castro Araujo e Dra. Celi Correa Neres, no Programa de Pós-Graduação da UEMS/Unidade Universitária de Paranaíba, tendo como objetivo compreender estudos e pesquisas sobre Educação Especial e Inclusiva no Ensino Superior. A metodologia utilizada foi a de leituras de textos e discussões orais, sendo avaliada a apresentação oral de textos e a escrita de um texto científico.

2. *Pesquisa em Educação*, ministrada pelo professor Dr. Elson Luiz de Araujo, no Programa de Pós-Graduação da UEMS/Unidade Universitária de Paranaíba, tendo como objetivo a apresentação de abordagens da pesquisa educacional que contribuíssem com os projetos de dissertação dos mestrandos. A metodologia adotada foi a de leituras de textos e discussões e exposição dos projetos de forma sintética. Essa disciplina contribuiu com a melhoria do projeto de pesquisa, por meio dos textos que nortearam a sua re-elaboração.

3. *Teorias do Conhecimento e Educação*, ministrada pelos professores Dra. Samira Saad Pulchério Lancillotti, Dr. Fabrício Antonio Deffacci e Dr. Carlos Eduardo França, no Programa de Pós-Graduação da UEMS/Unidade Universitária de Paranaíba, com o objetivo recuperar a gênese da ciência moderna e seu desenvolvimento ao longo da história da modernidade; conhecer as três epistemologias que a partir do século XIX constituíram os fundamentos das ciências humanas e, especificamente, da educação; conhecer os desdobramentos estruturalistas e pós-moderno que no século XX constituíram-se como fundamentos das ciências especializadas. A metodologia utilizada foi a de leituras e exposição

de textos, discussões, escrita de texto científico no qual os objetos de pesquisa deveriam ser abordados a partir da perspectiva teórico-metodológica adotada. Como resultado, houve a compreensão das epistemologias da educação e suas diferentes perspectivas teórico-metodológicas.

4. *História da Educação e História Cultural: Perspectivas de Pesquisa*, ministrada pela professora Dra. Rosa Fátima de Souza, no Programa de Pós-Graduação da UNESP/campus de Marília, tendo como objetivo identificar diferentes abordagens teóricas no âmbito da História Cultural; discutir as implicações da História Cultural para a produção da pesquisa no campo da História da Educação; favorecer leitura e discussões de autores representativos de três vertentes da História Cultural e subsidiar o aprofundamento teórico-metodológico de investigações no campo da História da Educação por meio de apresentação e exposição de textos orais e escritos, tanto pela professora quanto pelos alunos; escrita de relatórios dos textos abordados e trabalho final com a escrita de texto científico. Essa disciplina contribuiu eficazmente para o aporte teórico-metodológico da pesquisa de mestrado realizada por mim.

5. *Seminário de Pesquisa em Educação, Linguagem e Sociedade*, ministrada pelos professores: Dr. José Antonio de Souza, Dr. Ademilson Batista Paes e Dr. Fabrício Antonio Deffacci, no Programa de Pós-Graduação da UEMS/Unidade Universitária de Paranaíba, objetivando a análise coletiva do projeto de pesquisa com observação das atividades, e a coerência entre o estudo proposto e a linha de pesquisa inserida. A metodologia adotada foi a de apresentação da pesquisa em andamento para docentes e discentes do curso, abordando os seguintes aspectos: questões de estudo, etapas realizadas, reflexão sobre os dados coletados, resultados alcançados, dificuldades e soluções encontradas no desenvolvimento da pesquisa. Por meio de apresentação de textos orais e escritos, apresentação do projeto de pesquisa, apresentação de pré-sumário, elaboração de um texto científico em co-autoria com o orientador, a disciplina culminou com a publicação de um livro: *Educação, Linguagem e Sociedade: temas e abordagens*, no qual tive publicado em coautoria com minha orientadora o artigo “O ensino de literatura infantil e a formação de professores na Escola Estadual Prefeito José Ribeiro da cidade de Paranapuã/SP (1983-1993)”.

6. *Teorias da Linguagem: um Percorso Teórico*, ministrada pelo professor Dr. José Antonio de Souza, no Programa de Pós-Graduação da UEMS/Unidade Universitária de Paranaíba, objetivando os estudos da linguagem e os estudos linguísticos. Por meio de apresentação de trabalhos, síntese dos textos trabalhados e das discussões orais em sala de aula, a disciplina foi concluída com a escrita de um texto científico envolvendo a bibliografia adotada.

As disciplinas contribuíram para minha formação como pesquisadora e algumas contribuíram mais diretamente para o desenvolvimento de minha pesquisa.

Durante o desenvolvimento da pesquisa de mestrado, também participei dos seguintes eventos:

1. *II Encontro de História da Educação do Centro Oeste (II EHECO)*, sediado na Universidade da Grande Dourados (UFGD), em outubro de 2013, apresentando o trabalho intitulado *A produção acadêmico-científica brasileira sobre o ensino de literatura infantil e juvenil na formação de professores (2003 – 2013)*. Com o objetivo de contribuir com os avanços, problemas e possibilidades desse campo, sobre o ensino de Literatura Infantil na formação de professores, apresentei, o que foi produzido sobre o tema no Brasil, durante o período de 2003⁴ - ano do primeiro trabalho localizado - a 2013 - ano do encerramento da coleta de dados, por meio de levantamento da produção acadêmica sobre o ensino de literatura infantil na formação de professores, realizado por meio de pesquisa bibliográfica mediante a utilização de procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e organização da bibliografia disponível no banco de dados da Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia (IBICT). Por meio dos dados coletados, foi possível fazer o balanço das várias possibilidades de problematização do tema, conceber o movimento de Literatura Infantil como campo de conhecimento e pesquisa, contribuindo, para um melhor entendimento dos avanços, problemas e possibilidades desse campo ainda fértil e promitente. Compreendi que a produção acadêmico-científica sobre Literatura Infantil e Juvenil na formação de professores é, ainda, pouca e recente, apesar de sua relevância e pertinência, e situada, sobretudo, nas regiões sul e sudeste.

2. *I Colóquio Educação e Memória: Professores Alfabetizadores de Paranaíba (1940 – 1970)*, sediado na UEMS/Unidade Universitária de Paranaíba, em outubro de 2013,

⁴ Localizei trabalhos, indiretamente relacionados com o tema, a saber: a tese de Klinké (2003), com o título *Escolarização da leitura no ensino graduado em Minas Gerais (1906-1930)*, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, nível de Doutorado, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob a orientação dos professores Dr. Antonio Augusto Gomes Batista e Dra. Cynthia Greive Veiga, cuja defesa realizou-se em 2003. A dissertação de Almeida (2009), com o título *Discursos sobre o livro infantil (1968–1978)*, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, nível de Mestrado, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), sob a orientação da professora Dra. Alda Junqueira Marin, cuja defesa foi em 2009. Por último a dissertação de Pautasso (2010), com o título *A Comissão de Literatura Infantil do Ministério da Educação e Saúde do Brasil nos anos 1936 a 1938: Literatura e leitura infanto-juvenil no contexto da nacionalização do ensino*, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, nível de Mestrado, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob orientação da professora Dra. Maria Stephanou, cuja defesa realizou-se em 2010.

realizado pelo GEPHEB com o apoio do Programa de Pós-Graduação da UEMS/ Paranaíba, objetivando contribuir para a produção de uma História da Educação de Mato Grosso do Sul e do Brasil; divulgar pesquisas históricas em educação; valorizar as histórias de professores; valorizar o professor e o trabalho docente; e recuperar, reconstruir e preservar a memória de ex-professores atuantes na escola primária em Paranaíba/MS⁵.

3. *X Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*, sediado na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC – PR), em Curitiba (Paraná/ Brasil), em agosto de 2014, apresentando o trabalho intitulado *O ensino de literatura infantil brasileira na formação de professores (1940 – 1971)*, com o objetivo de contribuir para a produção de uma história sobre Literatura Infantil brasileira e seu ensino na formação de professores primários no Brasil. Para elaboração e desenvolvimento, realizei leituras de textos-base que contribuíram para a sistematização da reflexão sobre literatura infantil e formação de professores, além disso, realizei levantamento dos cursos de formação de professores que tiveram/têm a disciplina e/ou o ensino de Literatura Infantil no estado de São Paulo/Brasil, sobretudo, na região de Jales, bem como recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais sobre essa disciplina e/ou ensino nessa formação. Na busca pela institucionalização dessa disciplina no estado de São Paulo, encontrei no aspecto legal e curricular, informações sobre as prescrições para a formação de professores no âmbito dessa disciplina; mas foi nos arquivos escolares, realizando recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais sobre o tema, que encontrei dados mais concretos sobre a existência, de fato, dessa formação, sobretudo, nos cursos de Habilitação Específica para o Magistério (HEM), na região de Jales. Tal estudo permitiu compreender desde quando e de que modo a Literatura Infantil começou a se fazer presente nos cursos de formação de professores. Os resultados obtidos permitiram, ainda, confirmar o quão relevante se faz o estudo sobre o tema.

4. *VIII Congresso Brasileiro de História da Educação: matrizes Interpretativas e Internacionalização*, sediado na Universidade Estadual de Maringá (UEL), em Maringá (Paraná/ Brasil), em junho/julho de 2015, apresentando o trabalho intitulado *Ensinar a ensinar literatura infantil no curso magistério (Paranapuã/SP: 1983- 1993)*, tendo como proposta compreender historicamente a disciplina literatura infantil no curso HEM na EEPSG Prefeito José Ribeiro, atual Escola Estadual Prefeito José Ribeiro, no município de Paranapuã/SP, no período de 1983 a 1993 (período em que houve o curso de HEM nessa escola), para depreender como se ensinava a ensinar Literatura Infantil. Com o objetivo de

⁵ Nesse evento não houve apresentação de trabalhos.

contribuir para a produção de uma história sobre Literatura Infantil Brasileira e seu ensino na formação de professores, realizei recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais sobre essa disciplina nessa formação, buscando tanto no aspecto legal, quanto no aspecto curricular, informações sobre as prescrições para a formação de professores, assim como nos arquivos escolares, documentos produzidos no interior de uma cultura escolar. O estudo calcou-se do ponto de vista metodológico nas contribuições da Nova História Cultural para a História da Educação, sobretudo, no campo da cultura escolar e da história das disciplinas escolares. Assim, o estudo permitiu, de acordo com Julia (2001), identificar, tanto por meio das práticas de ensino utilizadas na sala de aula como dos grandes objetivos que presidiram a constituição da disciplina, o núcleo duro que pode constituir uma história renovada da educação: a “caixa preta” da escola, ao buscar compreender o que ocorreu nesse espaço particular. Portanto, a análise dessas fontes e da pesquisa propiciou compreender como foi constituído o ensino da Literatura Infantil na formação de professores, os materiais didáticos utilizados, as práticas escolares, o perfil dos professores que ensinavam a ensinar Literatura Infantil, entre outros, especialmente no curso HEM na EEPSPG Prefeito José Ribeiro, além de permitir compreender desde quando e de que modo a Literatura Infantil começou a se fazer presente nos cursos de formação de professores, para que eles fossem considerados habilitados a ensinar Literatura Infantil. Os resultados obtidos permitiram, ainda, confirmar o quão relevante se faz o estudo sobre o tema “disciplina Literatura Infantil na formação de professores”.

Participei também de sessões de orientação, de outras atividades promovidas pelo GEBHEP, de Seminários de Pesquisa promovidos pela UEMS, de Simpósio Científico e Cultural (SCIENCULT), e do lançamento do livro *Educação, Linguagem e Sociedade*: temas e abordagens. Nesse livro tive publicado um artigo, como informado, em coautoria com minha orientadora intitulado “O ensino de literatura infantil e a formação de professores na Escola Estadual Prefeito José Ribeiro da cidade de Paranapuã/SP (1983-1993)”. Este texto teve como objetivo contribuir para a produção de uma história sobre Literatura Infantil Brasileira e seu ensino na formação de professores. Para elaboração e desenvolvimento, realizei leituras de textos-base que contribuíram para a sistematização da reflexão sobre literatura infantil e formação de professores no curso HEM na EEPSPG Prefeito José Ribeiro (1983- 1993), na cidade de Paranapuã, bem como recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais sobre essa disciplina nessa formação.

Nesse processo formativo, fui determinando o tema e definindo o problema de pesquisa, bem como traçando os objetivos e buscando maior embasamento sobre a metodologia adotada.

INTRODUÇÃO

No Brasil, pensar as questões relativas à Literatura Infantil e seu ensino é algo que data de mais de um século. Pesquisas do tipo “estado da arte”, que visam a mapear o conhecimento acumulado sobre esse assunto, como as desenvolvidas por Magnani (1998), têm possibilitado compreender que, desde o final do século XIX, observa-se a preocupação com a estreita relação entre literatura e escola e por isso com o caráter estético e/ou didático dos livros de literatura infantil, de modo que nas últimas décadas tem crescido o número de sujeitos envolvidos com estudos e pesquisas nesse campo. (OLIVEIRA, 2010).

Ao buscar aprofundar-me no tema, observei que, de acordo com Bertoletti (2012), desde sua gênese, no final do século XIX, no Brasil, a Literatura Infantil foi reconhecida por seu caráter formador. Para a mesma autora,

[...] essa formação consistia, sobretudo, no preparo do homem futuro por meio do preparo da criança, por isso o gênero manteve estreita relação com a escola, seja por ser produzida e criticada por professores brasileiros; seja por ser produzida para atender a necessidades escolares e educativas, com finalidade de proporcionar ensino útil de modo agradável à criança; seja por submeter-se ao processo de escolarização de aprendizagem da leitura. (BERTOLETTI, 2012, p. 9).

Diante disso, diversos setores da sociedade mobilizaram-se para definição, delimitação e seleção da Literatura Infantil Brasileira, bem como expansão e disseminação da “boa” Literatura Infantil. A formação de professores foi um desses setores que, respaldada pelo setor editorial, na produção de manuais de ensino, e pelo setor legislativo, na aprovação de leis, entre outros, voltou-se para o ensino de Literatura Infantil como meio de preparo emocional e mental da criança, seus futuros alunos.

Interessada no tema Literatura Infantil na formação de professores, fui até a Diretoria de Ensino de Jales⁶, para localizar onde houve cursos de formação para professores e se havia a oferta da disciplina Literatura Infantil. Obtive a informação de que não houve oferta do curso normal, no entanto houve o curso denominado Habilitação Específica para o Magistério (HEM), a partir de 1970, nas seguintes escolas: Escola de Primeiro e Segundo Graus Dr. Euphly Jalles (Jales/SP), Escola de Primeiro e Segundo Graus Orestes de Ferreira Toledo (Palmeira d’Oeste/SP), Escola de Primeiro e Segundo Graus Prof^a Maria Pereira de Brito Benetoli (Auriflama/SP), Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Prof. Akió Satoru (Urânia/SP) e Escola de Primeiro e Segundo Graus Prefeito José Ribeiro (Paranapuã/SP).

⁶ Optei pela Diretoria de Ensino de Jales, por ser a diretoria em que atuo como professora.

Optei por centrar minha pesquisa na EEPSG Prefeito José Ribeiro, atual Escola Estadual (EE) Prefeito José Ribeiro, no município de Paranapuã, pois de acordo com o currículo, foi ofertada a disciplina Literatura Infantil, na parte como matéria de livre escolha⁷, e foi oferecida efetivamente nos anos 1985, 1986, 1987, 1988 e 1989.

Assim, busquei no tema a seguinte problematização: quais foram os aspectos constitutivos da disciplina Literatura Infantil, do curso de formação de professores denominado HEM, da EEPSG Prefeito José Ribeiro, da cidade de Paranapuã, nos anos 1980?

Para isso, formulei algumas questões de pesquisa:

- Que formação foi oferecida na disciplina Literatura Infantil no curso HEM na EEPSG Prefeito José Ribeiro?
- Quem foram os professores que lecionaram a disciplina Literatura Infantil naquela época e qual o perfil deles?
- Quais os manuais foram utilizados no espaço escolar para o desenvolvimento da formação desses futuros professores?
- Quais as atividades de ensino foram realizadas pelos alunos (futuros professores) na disciplina Literatura Infantil?

Movida pelas questões citadas, passei a refletir sobre os possíveis aspectos da história do ensino de Literatura Infantil no Brasil, em especial ao curso de HEM e com intuito de responder a esses questionamentos, portanto, voltei-me para a institucionalização da disciplina Literatura Infantil nos cursos de formação de professores no estado de São Paulo, sobretudo, no curso HEM, da EEPSG Prefeito José Ribeiro, na cidade de Paranapuã, buscando tanto no aspecto legal, quanto no aspecto curricular, informações sobre as prescrições para a formação de professores no âmbito dessa disciplina; depois, voltei-me para os arquivos escolares, realizando recuperação, reunião, seleção, sistematização e análise de fontes documentais sobre o tema para compreender como se ensinava a disciplina Literatura Infantil na HEM, além de leituras da bibliografia especializada sobre abordagem histórica, sobre Literatura Infantil, formação de professores, HEM e aspectos correlatos; também conversei com a equipe da escola com a finalidade de encontrar documentos tais como decretos e portarias, livro ponto da época com nomes de professores que lecionaram a disciplina literatura infantil, localização de manuais de ensino da época e de trabalhos confeccionados pelos alunos, dentre outros que foram localizados, como demonstra o Quadro 1.

⁷ Mesmo sendo de livre escolha, de acordo com as informações obtidas, todos os alunos deveriam frequentar as disciplinas que se encontravam na parte diversificada e que eram de livre escolha.

**Quadro 1 - Fontes documentais para estudo da disciplina Literatura Infantil na HEM da
EEPSG Prefeito José Ribeiro**

TIPOS DE DOCUMENTOS	DOCUMENTOS LOCALIZADOS
Leis/ Reformas/ Programas/ Decretos Federais	Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961 Lei nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971
Leis/ Reformas/ Programas/ Decretos Estaduais (SP)	Lei nº 3739, de 22 de janeiro de 1957; Coleção de leis e Decretos do Estado de São Paulo, de 1957; Anteprojeto de programa de literatura infantil nas escolas normais, de Lourenço Filho, de 1957; Programa do Curso Normal. Comunicado nº 18, de 03 de março de 1958, da Chefia do Ensino Secundário e Normal; Coleção de leis e Decretos do Estado de São Paulo, de 1959; Comunicado nº 4, de 31 de janeiro de 1975 Habilitação específica de 2º. Grau para o Magistério: guias curriculares para a parte diversificada da formação especial, de 1981.
Manuais de ensino	<i>Leitura na escola primária</i> : guia para normalistas e professores de Juracy Silveira, de 1966. <i>A literatura infantil</i> : visão histórica e crítica, de Bárbara Vasconcelos de Carvalho, de 1987. <i>Literatura infantil</i> : uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola de Lúcia Lins Browne Rego, de 1995.
Cadernos, livros de pano, fantoches	<i>Caderno de Comemoração</i> de Adenir de Fátima Franzato, de 1983; <i>Caderno de dobradura</i> de Adenir de Fátima Franzato, de 1983; <i>Aventuras de Tiquinho</i> de Andréa Ferreira dos Santos. (livro de pano), de 1987; <i>Caderno de Músicas</i> de Andréa Ferreira dos Santos de 1987; <i>Lúcia já vou indo</i> de Marcia Martins de Oliveira, (fantoches), de 1989.

Fonte: Biblioteca Municipal de Paranapuã/ SP; Escola Estadual Prefeito José Ribeiro, acervo pessoal das ex-alunas : Adenir de Fátima Franzato, Andréa Ferreira dos Santos e Marcia Martins de Oliveira.

As fontes localizadas na instituição EEPSG Prefeito José Ribeiro, Biblioteca Municipal de Paranapuã e acervo pessoal e citadas no Quadro 1, estão organizadas em forma de referência no Apêndice A. Isso porque, essas fontes, ou melhor, os dados e as informações contidos nessas fontes, uma vez localizadas no acervo da instituição onde a disciplina, objeto

de investigação, se desenvolveu, remetem tanto ao que Chervel (1990) denomina de “finalidades de objetivo”, quanto ao que ele denomina de “finalidades reais”.

Assim, tais fontes fornecem uma dupla leitura, pois ao conterem prescrições dos “especialistas” são produtoras de determinada cultura pedagógica, que deveria se consolidar por meio das práticas de leituras dos professores e a prática na sala de aula. Então, na medida em que é possível localizar tais documentos nos acervos documentais e bibliográficos da instituição educativa, são passíveis de serem lidos, pelo pesquisador da história da educação, como testemunho do discurso que foi legitimado em dada instituição nas práticas escolares, e ao mesmo tempo em que também legalizam essas práticas na instituição. Então, tais documentos podem ser lidos como veiculadores, disseminadores e legitimadores das chamadas “finalidades reais”. (CHERVEL, 1990)⁸

Com isso, percebi a necessidade de suplementar a análise com outros tipos de fonte. Recorri, assim, às evidências orais (BURKE, 1992b) buscadas por meio de questionário aplicado a professores⁹ (APÊNDICE B) que ministraram a disciplina Literatura Infantil na EEPSG Prefeito José Ribeiro, no período focalizado, dentre os localizados nos livros de ponto, resultando nos organizados no Quadro 2.

Quadro 2 - Professores que lecionaram a disciplina Literatura Infantil na EEPSG Prefeito José Ribeiro

ANO	PROFESSORES
1985	Haruko Takaki
1986	Maria do Carmo Kubn Mariano
1987	Não localizada
1988	Lídia de Jesus Capela Cardozo Silveira
1989	Não localizada

Fonte: Secretaria da EE Prefeito José Ribeiro.

Desse modo, tendo em vista que essa pesquisa possibilita compreender aspectos não explorados tanto da Literatura Infantil quanto da formação de professores, considerei possível a resposta ao problema e às questões de pesquisa formuladas.

A partir disso, defini como objetivos da pesquisa, os seguintes:

- Contribuir para a produção de uma história da disciplina literatura infantil na formação de professores no curso HEM, nos anos 1980, no estado de São Paulo;

⁸ esse conceito ainda não está bem compreendido no mundo acadêmico, dada sua complexidade.

⁹ Realizei o questionário com duas professoras, pois, foram as duas com quem eu consegui contato e aceitaram participar dessa pesquisa, sendo elas: Haruko Takaki e Lídia de Jesus Capela Cardozo Silveira. Os resultados desse questionário encontram-se no capítulo 3 deste texto.

- realizar localização, recuperação, reunião, seleção, sistematização e análise das fontes documentais sobre a disciplina Literatura Infantil no curso de HEM;
- compreender o ensino da disciplina Literatura Infantil na formação de professores na EEPSPG Prefeito José Ribeiro, em Paranapuã;
- contribuir com pesquisas correlatas.

A fim de alcançar esses objetivos e considerando o problema que defini para a pesquisa, busquei na perspectiva teórica advinda da Nova História, herdada dos *Annales*, fundada na França em 1929, por Bloch e Febvre, tendo como principais representantes Fernando Braudel, Jacques Le Goff e outros, o aparato metodológico, com o “[...] objetivo de fazer dela um instrumento de enriquecimento da história, por sua aproximação com as ciências vizinhas e pelo incentivo à inovação temática”. (BURKE, 1992a)

O *Annales* pode ser compreendido como um movimento inserido na história que teve como marca o lançamento da revista dos *Annales* que circulou na Universidade de Estrasburgo, na França, a partir do final de 1920, trazendo uma nova proposta para a história, numa perspectiva diferenciada e mais abrangente de agregar outras ciências ao fazer histórico. (BURKE, 1992a).

Para Albuquerque Júnior (2012, p. 26), a revista *Annales*, não foi “[...] só um movimento de renovação das regras que presidiram a produção do saber histórico como a articulação de uma defesa pública da disciplina, propondo assim um novo papel social para a escrita e o ensino da história”.

De acordo com Burke (1992a, p. 04):

A necessidade de uma história mais abrangente e totalizante nascia do fato de que o homem se sentia como um ser cuja complexidade em sua maneira de sentir, pensar e agir, não podia reduzir-se a um pálido reflexo de jogos de poder, ou de maneiras de sentir, pensar e agir dos poderosos do momento. Fazer uma outra história, era portanto menos redescobrir o homem do que, enfim, descobri-lo na plenitude de suas virtualidades, que se inscreviam concretamente em suas realizações históricas. Abre-se, em consequência, o leque de possibilidades do fazer historiográfico, da mesma maneira que se impõe a esse fazer a necessidade de ir buscar em outras ciências do homem os conceitos e os instrumentos de permitiriam ao historiador ampliar sua visão do homem.

Dialogando com Albuquerque Júnior (2012, p. 30),

[...] aprendemos com os historiadores dos *Annales* que a história se faz a partir do e para o presente, [...] o passado não possui uma verdade fechada, mas está sujeito a permanente reelaboração de sua inteligibilidade a partir das questões que lhe são formuladas a partir das preocupações, das condições históricas do presente em que é interrogado, estudado, analisado, ensinado.

Desse modo, a história “[...] produzirá versões distintas para o passado, tratando-o sob novas perspectivas, dando-lhe novas abordagens, à medida que as próprias transformações históricas assim requeiram.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 30). Tendo a história, então, uma das funções sociais de

[...] construir o passado, dotando a sociedade de uma visão do tempo que vá além daquilo que se define e se pensa como presente. A história serve para que possamos realizar, no plano do conhecimento, do pensamento do imaginário, da memória, aquilo que não podemos fazer no plano da realidade e da empiria: sair do presente, ausentar-nos desta temporalidade que nos cerca, olhar este tempo de fora e ter com ele uma relação de distanciamento, de estranhamento, ter, dele, uma visão perspectiva. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 30).

Portanto, uma das tarefas contemporâneas da história na visão de Albuquerque Júnior (2012, p. 31), “[...] é ensinar e permitir a construção de maneiras de olhar o mundo, de perceber o social, de entender a temporalidade e a vida humana. Ensinando a [...] desnaturalizar, a ter um olhar perspectivo e a atentar para as diferenças, relativizando nossos valores e pontos de vista”, possuindo, pois, a utilidade de

[...] produzir o artefato mais complexo e mais importante da vida social: o próprio ser do humano, a subjetividade dos homens. Implicando o aprendizado da alteridade, o aprendizado da possibilidade da existência de outras formas de sermos humanos, o aprendizado da viabilidade de outras maneiras de se comportar, da existência de outros valores, de outras idéias, de outros costumes, que não aqueles dos homens e mulheres contemporâneos. A história nos permite o aprendizado da tolerância para com o diferente, com o estranho, com o distinto, com o distante, com o estrangeiro. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012, p. 31).

Assim, “[...] a história nos ensina a prestar atenção no outro, a medir nossa distância e nossa diferença em relação a ele, não para recusá-las ou para construir uma hierarquia entre elas, mas para aceitá-las em sua essência.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012, p.31).

Para o desenvolvimento da pesquisa de que resultou essa dissertação, optei, portanto, pela pesquisa histórica em educação como campo de investigação, entendida como:

[...] um tipo de pesquisa científica, cuja especialidade consiste, do ponto de vista teórico – metodológico, na abordagem histórica – no tempo – do fenômeno educativo em suas diferentes facetas. Para tanto demanda a recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais, como mediadoras na produção do objeto de investigação. (MORTATTI, 1999, p. 73).

Ao pensar sobre a história da educação como disciplina escolar, formula-se uma série de discussões, principalmente sobre historiografia da educação e fontes, pois:

[...] os historiadores da educação dependem, nas suas investigações, não apenas das questões formuladas dentro de certas matrizes teóricas, mas também dos materiais históricos com que podem contar. Não fazemos bons trabalhos na área sem respeitar a empiria contra a qual lutamos; e todos já nos deparamos com a dificuldade de recolher fontes impressas e arquivísticas, geralmente lacunares, parcelares e

residuais. Apesar dessas dificuldades, é justamente no manuseio crítico das fontes que o pedagogo ganha a distância necessária para olhar de uma nova maneira a pedagogia, tornando-se, pela sua prática e pelo seu projeto, um historiador. (NUNES; CARVALHO, 1993, p. 29).

Um dos fatores relevantes é que se faz necessário mudar as práticas da historiografia da história da educação: é preciso voltarmos-nos aos arquivos e fontes. Mas por que os arquivos?

Não só porque é com relação a eles que o problema das fontes é mais complexo, mas também porque contém informações inestimáveis, necessárias ao cotejo e crítica de informações provenientes de outras fontes e da própria historiografia educacional já produzida. Sem a pesquisa arquivística, essa historiografia, no limite, inexistente. (NUNES; CARVALHO, 1993, p. 32).

Como reforça Certeau (1982), a história começa com gestos de separação, reunião e transformação em "documentos", de certos objetos que ganham nova distribuição num certo espaço. O trabalho do pesquisador começa quando a partir desse campo já produzido, opera novos recortes, alocações e redistribuição dos documentos a partir de ações que visam a estabelecer "suas fontes" e criar a configuração de um espaço específico de investigação, a partir de uma redefinição epistemológica que inclui o trabalho com os conceitos e o tratamento e a interpretação documental.

Assim, além de se informar sobre o que há nos arquivos e suas lacunas, compete ao historiador, fazer a leitura crítica dos documentos. Segundo Le Goff (2003, p. 538),

O documento não é inócuo. É antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio.

Conceituando documentos, o autor utiliza-se do “[...] termo latino *documentum*, derivado de *docere* ‘ensinar’, evoluir para o significado de ‘prova’ e é amplamente usado no vocabulário legislativo.” (LE GOFF, 2003, p. 536).

Sendo assim:

A única habilidade (do historiador) consiste em tirar dos documentos tudo o que eles contêm e em não lhes acrescentar nada do que eles não contêm. O melhor historiador é aquele que se mantém o mais próximo possível dos textos. [...] A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitos pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. (LE GOFF, 2003, p. 536).

De acordo, ainda com Le Goff (2003, p. 545):

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.

Segundo Belotto (1979, p. 133), por utilizar o procedimento de sistematização das fontes documentais, essencial em pesquisa histórica, o instrumento de pesquisa se caracteriza como uma das “[...] vias de acesso do historiador ao documento, sendo a chave da utilização dos arquivos como fontes primárias da História”.

Paralelamente a essa perspectiva teórica, elenquei como conceitos operativos: “Literatura Infantil”, “formação de professores” e “HEM”.

Abordando a Literatura Infantil sobre a ótica metodológica da História da Educação, entendida como meio de interpretação de processos de produção de objetos e saberes culturais, pelo homem, bem como seus mecanismos de recepção e apropriação, observa-se que esta se situa no universo da cultura escolar nas diferentes acepções que toma forma em sua história.

Para Mortatti (2000b), Literatura Infantil é

[...] um conjunto de textos - escritos por adultos para serem lidos por crianças - que foram paulatinamente sendo dominados como tal, em razão de certas características sedimentadas historicamente, por meio, entre outros, da expansão de um mercado editorial específico e de certas instâncias normatizadoras, como a escola e a academia. No caso brasileiro, especificamente, trata-se de um gênero literário, cuja origem está diretamente relacionada com a organização de um aparelho escolar republicano e com certas concepções de infância [...] Em decorrência dessa condição de origem, tem-se uma unidade múltipla determinante constitutiva do gênero simultaneamente literário e didático. (MORTATTI, 2000b, p. 13).

Em relação à expressão “Formação de Professores” refere-se ao “[...] preparo específico para o desenvolvimento da função de ensinar”. (LABEGALINI, 2005, p. 16). De acordo com Magnani (1993, p. 30), trata-se de processo formativo que se caracteriza como:

[...] parte do processo de formação de sujeitos, num dado momento histórico, em determinadas relações sociais de trabalho. O preparo específico e a prática dessa profissão caracterizam-se por aprender a ensinar, a aprender, a analisar e formular concepções de mundo e formas de atuação.

A expressão “Habilitação Específica para o Magistério”, de acordo com Menezes e Santos (2002), é o nome da aptidão oferecida por determinadas escolas de ensino médio (antigo segundo grau) para formação de professores. Dessa forma, o aluno concluída o segundo grau habilitado para lecionar nas séries iniciais do primeiro grau (hoje anos iniciais do ensino fundamental).

Por meio dos estudos realizados, uma série de considerações acerca de cultura, cultura escolar e história das disciplinas escolares tornou-se necessário.

Certeau (1995) analisa cultura como as práticas das pessoas comuns, as maneiras de fazer que, majoritárias na vida social, não aparecem muitas vezes senão a título de resistência ou inércia em relação ao desenvolvimento da produção sociocultural; uma ciência prática do singular que faz dos espaços públicos e privados um lugar de vida possível.

Viñao e Escolano (1998, p. 168) descrevem cultura como um “[...] mundo humanamente construído, mundo das instituições e dos signos no qual, desde a origem, se banha o indivíduo humano, tão somente por ser humano, e que constitui como que sua segunda matriz”.

Pessanha, Daniel e Menegazzo (2004) concebem cultura como produto e processo que impõe significados às práticas humanas. Nesse sentido, pode-se dizer que a escola é sempre analisada como lugar de cultura, como lugar de formação. Portanto, o conceito de cultura escolar aparece sempre relacionado com um espaço destinado/privilegiado para transmissão de conhecimentos e, principalmente, valores em determinado tempo. (JULIA, 2001).

Para Julia (2001), cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, “[...] a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular”. (JULIA, 2001, p. 10).

Desse modo, cultura escolar pode ser descrita como:

Conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas. (JULIA, 2001, p. 10).

Logo, normas e práticas devem ser analisadas, desde que se considere o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. (JULIA, 2001).

De acordo com o mesmo autor, os historiadores da pedagogia tenderam a superestimar modelos e projetos e a constituir a cultura escolar como um isolamento, assim, para se “[...] evitar a ilusão de um total poder da escola, convém voltar ao funcionamento interno dela”. (JULIA, 2001, p. 12).

Dialogando com Chervel, Viñao (2008) menciona que uma instituição escolar não se limita, pois, a produzir o que está fora dela, mas sim, o adapta, o transforma e cria um saber e

uma cultura própria. Uma dessas produções ou criações próprias, “[...] resultado da mediação pedagógica em um campo de conhecimento, são as disciplinas escolares.” (VIÑAO, 2008, p. 189).

Segundo Chervel, uma disciplina “[...] é igualmente, para nós, em qualquer campo que se encontre, um modo de disciplinar o espírito, quer dizer de lhe dar os métodos e as regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte”. (CHERVEL, 1990, p. 180).

Viñao utiliza-se de um questionamento feito por Chervel, em 1991, trazendo as seguintes indagações a respeito da história das disciplinas escolares:

Tem algum sentido a noção das disciplinas escolares? Apresentam analogias ou nexos comuns a história das diferentes disciplinas? E para aprofundar um pouco mais, a observação histórica permite extrair normas de funcionamento ou inclusive, um ou vários modelos disciplinares ideais, cujo conhecimento e aplicação poderiam ser de alguma utilidade nos debates pedagógicos presentes e futuros? (VIÑAO, 2008, p. 176).

Viñao (2008, p. 182) também destaca que somente um “[...] modo social e historicamente construcionista de examinar o currículo” poderia estender uma ponte entre os estudos centrados na prática curricular e a história da educação e do currículo. (VIÑAO, 2008, p. 182).

Viñao (2008, p. 184) ainda cita que as disciplinas escolares “Não são, [...] entidades monolíticas, senão amálgamas sujeitos a mudança de subgrupos (adversários) e tradições, que através da controvérsia e do compromisso, influem na direção dessa mudança”.

Para tanto, no estudo das disciplinas, Viñao (2008, p. 204) sugere considerá-las como organismos vivos.

As disciplinas não são, com efeito, entidades abstratas com uma essência universal e estática. Nascem e se desenvolvem, evoluem, se transformam, desaparecem, engolem umas às outras, se atraem, se repelem, se desgarram e se unem, competem entre si, se relacionam e intercambiam informações (ou as tomam emprestadas de outras) etc.

Assim, a história das disciplinas escolares, de acordo com o estudo proposto, no período mencionado, permite de acordo com Julia (2001),

Tentar identificar, tanto através das práticas de ensino utilizadas na sala de aula como através dos grandes objetivos que presidiram a constituição das disciplinas, o núcleo duro que pode constituir uma história renovada da educação. [...] a ‘caixa preta’ da escola, ao buscar compreender o que ocorre nesse espaço particular. (JULIA, 2001, p. 13).

Para isso, Julia (2001, p. 17) acredita que o historiador sabe fazer flechas com qualquer madeira, ou seja,

Os cadernos de notas tomadas pelos alunos (mesmo sendo grande o risco de se verem conservados apenas os mais bonitos deles) e os cadernos de preparações dos educadores, não são escassos e, na falta destes, pode-se tentar reconstituir, indiretamente, as práticas escolares, a partir de normas ditadas nos programas oficiais ou nos artigos das revistas pedagógicas.

Chervel (1990, p. 219) observa ainda a tarefa de repensar o conceito de disciplina, remontando à questão da sua finalidade, de seus objetivos:

[...] a história das disciplinas escolares, colocando os conteúdos de ensino no centro de suas preocupações, renova as problemáticas tradicionais. Se é verdade que a sociedade impõe à escola suas finalidades, estando a cargo dessa última buscar naquela apoio para criar suas próprias disciplinas, há toda razão em se pensar que é ao redor dessas finalidades que se elaboram as políticas educacionais, os programas e os planos de estudo, e que se realizam a construção e a transformação históricas da escola.

Segundo Chervel (1990), a prática escolar fornece informações sobre a produção do conhecimento que não são encontradas no nível de sua produção dentro da ciência ou em outras instâncias da sociedade.

De acordo com Pessanha, Daniel e Menegazzo (2004) essa constatação fez com que os estudos de Chervel se dirigissem para a investigação da história das disciplinas escolares que lida com fontes primárias, como por exemplo, os manuais didáticos e os cadernos escolares, com páginas escritas que, segundo ele, podem revelar uma história ainda não relatada nem analisada.

Para as mesmas autoras (2004, p. 58), “[...] a disciplina escolar seria resultado da passagem dos saberes da sociedade por um filtro específico, a tal ponto que, após algum tempo, ela pode não mais guardar relação com o saber de origem”. Já para Chervel (1990), a disciplina é o preço que a sociedade paga à cultura para passá-la de uma geração à outra.

Desse modo,

À medida que a história de uma disciplina se desenrola, sofre transformações no seu interior, as quais dificultam a análise de sua relação com a sociedade, dando a impressão de que só os seus fatores internos, ou aqueles relacionados com a sua ciência de referência, foram responsáveis pela sua história. Encontrar os pontos principais desse processo, considerando as forças e os interesses sociais em jogo na história de determinadas disciplinas, pode lançar mais luz sobre seus conteúdos e suas práticas com o objetivo de, se necessário, modificá-los para atender a novas necessidades, em vez de reproduzi-los como se fossem neutros e independentes. (PESSANHA; DANIEL; MENEGAZZO, 2004, p. 58).

Daí, também, pode-se afirmar, como Faria Filho (1996), que a cultura escolar não só se articula em torno do conhecimento, mas da possibilidade histórica de construção de uma instituição e de tudo que a constitui.

Segundo Pessanha, Daniel e Menegazzo (2004, p. 63)

Para analisar a cultura escolar, é preciso o conjunto das normas e práticas definidores dos conhecimentos que aquela sociedade desejava que fossem ensinados, e os valores e comportamentos a serem impostos. Esses elementos nem sempre são visíveis nos registros oficiais. Muitas vezes, é preciso ler esses registros de forma diferente, além de procurar outros menos formais, como: cadernos, planos de ensino, livros, provas e material didático em geral.

Para as autoras (2004, p. 63), constituem fontes privilegiadas para a análise da cultura escolar: “[...] cadernos, exercícios, planos de ensino, provas, exames, manuais didáticos, relatórios de inspetores, fotos de formatura, boletins escolares, atas escolares, diplomas, relatórios e depoimentos que, normalmente, não são mantidos nem conservados nos arquivos públicos”.

Em vista do exposto, organizei meu trabalho da seguinte forma:

Na apresentação, exponho o meu percurso de formação relacionando ao meu interesse na pesquisa sobre disciplina Literatura Infantil e formação de professores e as atividades que desenvolvi para consolidação dessa pesquisa de mestrado.

Nessa introdução, apresento as finalidades da pesquisa (problema de investigação, questões de pesquisa e objetivos), a revisão bibliográfica situando a contribuição da pesquisa para o avanço do conhecimento sobre o tema, e o quadro teórico-metodológico que a fundamenta.

No capítulo 1, intitulado “A Literatura Infantil, disciplina Literatura Infantil e formação de professores no estado de São Paulo nos anos 1980”, apresento dados sobre a emergência da Literatura Infantil na formação da mentalidade da criança, as iniciativas e os discursos acadêmicos sobre o gênero dos anos 1980, além da instituição da disciplina Literatura Infantil no estado de São Paulo: no curso normal à habilitação específica para o magistério. No capítulo 2, intitulado “Formação de professores na EEPSG Prefeito José Ribeiro e a disciplina Literatura Infantil” trato do município de Paranapuã e suas escolas, da EEPSG Prefeito José Ribeiro e a disciplina Literatura Infantil. No capítulo 3 intitulado “Ensinar a ensinar a disciplina Literatura Infantil na EEPSG Prefeito José Ribeiro, descrevo analiticamente os professores que ministraram a disciplina Literatura Infantil na EEPSG Prefeito José Ribeiro, os manuais localizados na biblioteca da escola e as atividades dos alunos de modo a compreender o ensino de Literatura Infantil na formação de professores da EEPSG Prefeito José Ribeiro. Na sequência, seguem as considerações finais.

Ainda, apresento as referências dos textos citados; os acervos, base de dados *online* e *sites* consultados, durante o desenvolvimento da pesquisa e que utilizei neste trabalho e as fontes documentais localizadas e organizadas em forma de referências (APÊNDICE A); o

questionário aplicado aos professores (APÊNDICE B); o cadastro do(a) entrevistado (a) (APÊNDICE C); a autorização para uso de imagem, áudio e dados pessoais e biográficos (APÊNDICE D) e Anexos.

1 LITERATURA INFANTIL, DISCIPLINA LITERATURA INFANTIL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO ESTADO DE SÃO PAULO NOS ANOS 1980

Neste capítulo abordo a Literatura Infantil e seu processo de disciplinarização nos anos 1980, no Brasil, para formação de professores no estado de São Paulo. Os anos 1980 foram efervescentes na história da educação brasileira (SAVIANI, 2008) como também no tema em estudo, seja na produção do gênero, seja nas iniciativas não-governamentais, seja na produção acadêmica.

1.1 A emergência da Literatura Infantil na formação da mentalidade da criança

Bordini (1998) acredita que não é possível compreender a Literatura Infantil dos anos 1980 sem um retrospecto aos anos 1970 que foram

[...] marcados por uma sociedade estrangulada, dividida entre contradições radicais, iludindo-se com grandes empreendimentos desenvolvimentistas, enquanto os problemas seculares das relações campo-cidade, latifundiários e camponeses, capitalistas e operários continuavam a se reproduzir sem nenhuma perspectiva de solução. (BORDINI, 1998, p. 22).

Ainda, de acordo com Bordini (1998), quando se pensa que a literatura, como objeto cultural produzido num sistema capitalista, essa depende das macroestruturas econômicas tanto quanto do ímpeto criativo de seus produtores. Assim fica evidenciado que a análise de Bordini (1998) é típica dos estudos dos anos 1980 e 1990 que vincula fatores econômicos como determinantes dos fatores culturais e especialmente no que a autora reconhece como cenário contraditório dos anos 1970:

[...] a indústria editorial expandiu-se, confiante nos ganhos com a inflação da moeda e com o surgimento de um público cativo, o único efetivamente forçado a comprar, o das escolas, que se multiplicou em massa pelo país, oferecendo, evidentemente, uma educação também massificada e alienante. (BORDINI, 1998, p. 23).

Logo, para Bordini (1998) com o aumento do mercado e a demanda incipiente de ideias, o número de escritores aumentou bem como as estratégias de apelo ao público, tratando de conquistar leitores em todas as faixas etárias, desde a criança até o operário.

De acordo, ainda com Bordini (1998),

[...] a literatura abandona o esteticismo existencialista dos anos 50, a rigidez ideológico-pedagógica dos anos 60, vale-se da ironia e da fantasia para driblar a censura nos 70 e, finalmente, nos anos 80, lança-se à apropriação dos meios de cultura de massa, então já garantida pelo agigantamento das redes de televisão, parodiando-as. (BORDINI, 1998, p. 24).

Para Bordini (1998), a euforia da redemocratização e da expansão mercadológica para o livro continuou tendo a base econômica assentada sobre a especulação financeira, a indústria editorial em expansão nos anos 1970, e se consolidou nos anos 1980, a partir das facilidades de capital de giro oferecidas pela inflação.

No caso da Literatura Infantil, Bordini (1998) afirma que a situação não evoluiu de maneira muito diversa. Também nas águas do processo de modernização empreendido tecnoburocraticamente nos anos 1970, o gênero, que na análise da autora, desde seu nascimento, vinculou-se à sociedade burguesa industrial, beneficiou-se dessas condições de incremento capitalista. Foi, porém, complementado um tanto paradoxalmente, o lugar em que muitas mentes progressistas puderam exercer um trabalho de caráter humanístico e emancipatório mais claro num país sob regime de força, uma vez que no setor de se escrever para criança a resistência ao regime militar passou despercebido e plantou sementes de liberdade. (BORDINI, 1998).

Bordini (1998) menciona autores e livros¹⁰ que seguiram essa tônica, destacando em cada um deles as características que prevaleceram em seu conteúdo, como os organizados no Quadro 3:

Quadro 3 - Livros publicados nos anos 1980

ANO	TÍTULOS	AUTOR	CARACTERÍSTICAS
-	<i>O reizinho Mandão</i>	Ruth Rocha	Desconfiança de ideias
-	<i>De olhos nas penas</i>	Ana Maria Machado	Desconfiança de ideias
-	<i>Do outro lado tem segredo</i>	Ana Maria Machado	Desconfiança de ideias
-	<i>Os colegas</i>	Lygia Bojunga Nunes	Desconfiança de ideias
-	<i>Angélica</i>	Lygia Bojunga Nunes	Desconfiança de ideias
-	<i>A bolsa amarela</i>	Lygia Bojunga Nunes	Desconfiança de ideias
-	<i>Lando das ruas</i>	Carlos de Marigny	Desconfiança de ideias
-	<i>Fadinha contestadora</i>	Fernanda Lopes de Almeida	Desconfiança de ideias
-	<i>Coleção do Pinto</i>	Sérgio Caparelli	Desconfiança de ideias
1985	<i>A fada enfadada</i>	Eliane Ganen	Menos militante, mais dúctil, com personagens infantis fortes
1985	<i>Uxa, ora fada, ora bruxa</i>	Sylvia Orthof	Menos militante, mais dúctil, com personagens

¹⁰ Esses livros foram os livros citados no texto de Bordini (1998), portanto não são livros encontrados na biblioteca da EEPSP Prefeito José Ribeiro. Estão aqui elencados com fito de alcançar os objetivos deste capítulo explicitados no início deste texto.

			infantis fortes
-	<i>Sangue Fresco</i>	João Carlos Marinho	Menos militante, mais dúctil, com personagens infantis fortes
1989	<i>O assassinato do conto policial</i>	Paulo Rangel	Menos militante, mais dúctil, com personagens infantis fortes
1985	<i>Meg foguete</i>	Sérgio Caparelli	Menos militante, mais dúctil, com personagens infantis fortes
-	<i>Ciganos</i>	Bartolomeu Campos Queirós	Menos militante, mais dúctil, com personagens infantis fortes
1980	<i>Cão vivo, leão morto</i>	Ary Quintella	Denúncias de problemas sociais
1980	<i>Porã</i>	Antônio Hohfeldt	Denúncias de problemas sociais
1987	<i>Você viu meu pai por aí?</i>	Charles Kiefer	Denúncias de problemas sociais
1985	<i>Tchau</i>	Lygia Bojunga Nunes	Denúncias de problemas sociais
1982	<i>Doze reis e a moça no labirinto do vento</i>	Marina Colasanti	Denúncias de problemas sociais
1982	<i>Bisa Bia, Bisa Biel</i>	Ana Maria Machado	Denúncias de problemas sociais
1980	<i>O curumim que virou gigante</i>	Joel Rufino dos Santos	Denúncias de problemas sociais
1980	<i>O short amarelo da raposa</i>	Maria Heloisa Penteadó	Denúncias de problemas sociais
1980	<i>Pinote o fracote e Janjão o fortão</i>	Fernanda Lopes de Almeida	Denúncias de problemas sociais
1980	<i>As muitas mães de Anel</i>	Mirna Pinsky	Denúncias de problemas sociais
1984	<i>A viagem de Clarinha</i>	Maria Clara Machado	Denúncias de problemas sociais
1984	<i>O dicionário de Serafina</i>	Cristina Porto	Denúncias de problemas sociais
1985	<i>O galo maluco</i>	Sônia Junqueira	Denúncias de problemas sociais
1989	<i>A menina de sol e areia</i>	Ana Maria Bohrer	Denúncias de problemas sociais
1984	<i>História do Trancoso</i>	Joel Rufino dos Santos	Folclore nacional
1984	<i>A botija de ouro</i>	Ricardo Azevedo	Folclore nacional
1986	<i>A caranguejinha de ouro</i>	Aramis Ribeiro Costa	Folclore nacional
1980	<i>Uma boa cantoria</i>	Ana Maria Machado	Folclore nacional
1984	<i>O barbeiro e o coronel</i>	Ana Maria Machado	Folclore nacional
1980	<i>Guriatã (poesia)</i>	Marcus Accioly	Folclore nacional
-	<i>Jacaré cosmonauta</i>	Walmir Ayala	Folclore nacional, com adaptação da literatura de massa

1985	<i>A operação do tio Onofre</i>	Tatiana Belinky	Folclore nacional, com adaptação da literatura de massa
1984	<i>O barulho fantasma</i>	Sônia Junqueira	Folclore nacional, com adaptação da literatura de massa

Fonte: BORDINI, Maria da Glória. A literatura infantil nos anos 80. In: SERRA, Elizabeth D'Angelo (Org.). *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. Campinas, SP: Mercado das Letras, Associação da Leitura do Brasil, 1998. p. 22-30.

Conforme se pode observar no Quadro 3, segundo análise de Bordini (1998), os livros de Literatura Infantil publicados nos anos 1980 traziam em seu conteúdo características de: desconfiança de ideias; menor militância com personagens infantis fortes; denúncias de problemas sociais; folclore nacional; e folclore nacional com adaptação da literatura de massa. Desses, nove títulos entre os mencionados, desacreditavam dos valores que sustentavam a política de linha dura dos militares, de certo modo, induzindo uma geração a pensar por si e a desconfiar de ideias; seis títulos, cujo modelo de criança venceu o adulto dos anos 1970, originário do conto de fadas compensatório, tornou-se menos militante e mais dúctil, mas com personagens fortes; 14 títulos tiveram o predomínio da verossimilhança sobre a veracidade, o emprego da fantasia sem hesitações, com caráter metafórico e não apenas compensatório e a criação de personagens infantis fortes, mesmo diante de barreiras sociais, de denúncias dos problemas sociais, cuja tendência não elegia o modelo criança *versus* adulto e sim criança e/ou adulto *versus* condições sociais adversas, como a degradação da natureza, o genocídio das nações indígenas, a desestruturação familiar, a emancipação da mulher, assim, como temáticas difíceis, tais como: o entendimento infantil sobre a separação dos pais, o abandono dos filhos, os desníveis gerados pela má distribuição de rendas, ao lado de uma defesa da fantasia como refúgio e sentido para a vida. E, por último, nove títulos que tinham como característica aproveitar o folclore nacional e adaptar os gêneros da literatura de massa. (BORDINI, 1998) já de acordo com Brandão (1998), o grande marco da Literatura Infantil dos anos 1980, aconteceu por duas vias em diálogo: produção e reflexão. De uma forma geral, “[...] a produção de livros infantis e juvenis na década de 1980 cresce vertiginosamente e consolida-se em termos de mercado editorial, em quantidade e também em qualidade de propostas em ficção, poesia e livro de imagem.” (BRANDÃO, 1998, p. 31).

Para Brandão (1998), um bom número de escritores que vinham se dedicando à Literatura Infantil se consolidou no mercado pela qualidade de suas propostas e seus questionamentos, como Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Joel Rufino dos Santos, Sylvia Orthof, Maria Heloisa Penteado, Ziraldo e Elvira Vigna, a título de exemplo.

De 1985 a 1990 a “[...] vasta produção de livros infantis manteve-se, surgindo um número significativo de escritores na área, como: José Arrabal, Tatiana Belinky, Ciça Fittipaldi, Rogério Borges, Anna Flora, Ana Maria Bohrer, Márcia Kupstas, Terezinha Alvarenga e outros”. (BRANDÃO, 1998, p. 31).

No campo da poesia, ainda, “[...] contou-se com a presença de Roseana Murray, Sérgio Caparelli, José Paulo Paes, Wania Amarante, Elias José, Ciça Alves Pinto, Mônica Versiani, Antônio Barreto e Dilan Camargo”. (BRANDÃO, 1998, p. 32).

Brandão (1998) afirma que nos anos 1980, percebe-se que algumas editoras abriram espaço para os coordenadores editoriais que eram profissionais e que burilavam um questionamento lúcido sobre a Literatura Infantil, seja em trabalho como educadores atuantes, seja como especialistas, junto à imprensa ou ao mercado editorial, ou mesmo aqueles que levaram em conjunto várias dessas atuações.

Logo no início dessa década encontrou-se publicações com coordenação editorial de Ziraldo e Jaguar com a ‘Coleção Pasquinzinho’, no Rio de Janeiro (editora Codreci); de Edmir Perroti com a ‘Coleção Ponto de Encontro’ (edições Paulinas), de Fanny Abramovich com as coleções ‘Sem-vergonha’ (Editora Escrita) e ‘cometa’ (Salesiana Dom Bosco), de Ruth Rocha com ‘Coleção Peixinho’ (Cultrix), Regina Mariano com as coleções ‘Lagarta Pintada’, ‘Série Pique’, ‘Boca de Forno’ e ‘curupira’ (Ática) e Ione Meloni Nassar com as coleções ‘Primeiras Histórias’, ‘Segundas Histórias’, ‘Terceiras Histórias’ e ‘Falas Poéticas’ (FTD), em São Paulo, Regina Zilberman com a ‘Série Menino Poeta’ (Mercado Aberto), em Porto Alegre. (BRANDÃO, 1998, p. 32).

[...]

Nessa época, também, registrou-se excelentes traduções de contos de diversas culturas feitas diretamente da língua em que a obra foi escrita originalmente. Deste modo, as crianças tiveram acesso por exemplo, aos contos dos Irmãos Grimm em publicações traduzidas diretamente do alemão, com texto integral, por Tatiana Belinky, ‘Contos de Grimm’ para as Edições Paulinas, por Verônica Sônia Kiihle para a ‘Coleção Era uma vez Grimm’ para a Editora Kuarup, por Maria Heloisa Penteado para ‘Contos de Grimm’ da Ática ou as de Ana Maria Machado para ‘Chapeuzinho e outros contos de Grimm’ feitas para a Nova Fronteira. (BRANDÃO, 1998, p. 32).

Como se pode perceber, a produção de Literatura Infantil dos anos 1980, no Brasil constituiu-se segundo aspectos vigentes em sua época, incrementando qualitativamente a produção do gênero. Nesse ínterim várias iniciativas vieram acelerar e verticalizar essa produção, dentre elas, as iniciativas da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e o discurso acadêmico.

1.2 A Literatura Infantil nas iniciativas da FNLIJ e discursos acadêmicos dos anos 1980

De acordo com Brandão (1998), por trás do crescimento que se pode aferir pelas muitas livrarias especializadas em Literatura Infantil que surgiram nos anos 1980 por todo o país, está um trabalho realizado nas universidades mediante cursos sobre o gênero, seminários, mesas-redondas e congressos promovidos por entidades públicas, como as Secretarias de Educação, e privadas, como FNLIJ, dos quais participaram centenas de professores e de bibliotecários que atuavam no primeiro grau de ensino, e ainda nas colunas de crítica que começavam a ocupar espaços em vários jornais.

Em 23 de maio de 1968, criou-se a FNLIJ, seção brasileira *do Internacional Board on Books for Young People* (IBBY), que se constituiu como uma instituição de direito privado de utilidade pública federal e estadual, de caráter técnico-educacional e cultural, sem fins lucrativos, estabelecida na cidade do Rio de Janeiro/RJ, com o objetivo de promover a leitura e divulgar o livro de qualidade para crianças e jovens, defendendo o direito dessa leitura para todos, por meio de bibliotecas escolares, públicas e comunitárias e contribuir para a melhoria da educação e da qualidade de vida de crianças e jovens, como valor básico para a educação e cidadania. (FNLIJ, 2015).

A FNLIJ apresentou em 1980 os seguintes valores:

Valorizar a leitura e o livro de qualidade; - Divulgar a produção brasileira de livros de qualidade para crianças e jovens e, em particular, os livros de literatura e informativos; - Contribuir para a formação leitora dos educadores, sejam professores, bibliotecários ou pais, quanto ao conhecimento das teorias e experiências sobre temas afins, tais como leitura, literatura e formação de bibliotecas; - Promover a tolerância, a solidariedade e a paz por meio da leitura partilhada; - Valorizar a biblioteca da escola e a pública como o lócus para o processo democrático à cultura escrita e mantenedora da prática da leitura. (FNLIJ, 2015).

Em relação à formação do educador, os objetivos institucionais da FNLIJ visavam a contribuir para a formação leitora de crianças e jovens. Entendendo que essa é uma ação educativa e cultural, sempre mediada e promovida por um adulto a quem se denomina adulto educador-leitor, a FNLIJ, desde sua criação, investiu na formação de professores e bibliotecários realizando oficinas, cursos, seminários e prestando assessorias junto a entidades públicas e privadas (FNLIJ, 2015). De 1972 a 1982 coordenou, para a Câmara Brasileira do Livro (CBL), o Seminário de Literatura Infantil e Juvenil realizado durante as bienais de São Paulo/SP. Em 1974, durante o 14º Congresso do IBBY realizado no Rio de Janeiro com a presença de mais de 500 interessados de vários estados, trouxe ao Brasil conferencistas

estrangeiros¹¹. Foi em 1974 que a FNLIJ começou sua premiação anual, quando foi criado o Prêmio “FNLIJ- O Melhor Para Criança”, distinção concedida aos considerados melhores livros infantis e juvenis. (FNLIJ, 2015).

No período em questão, a FNLIJ criou no país projetos de estímulo à leitura, entre os quais se destacam os organizados no Quadro 4:

Quadro 4 - Projetos de estímulo a leitura promovidos pela FNLIJ (1977 – 1991)

NOME DO PROJETO	DESCRIÇÃO
Cursos sobre Biblioteca Infantil	Em 1977, a FNLIJ trouxe ao Brasil, com o apoio da Aliança Francesa, a bibliotecária francesa <i>Geneviève Patte</i> que proferiu cursos sobre Biblioteca Infantil, do Pará ao Rio Grande do Sul.
Encontros e Seminários	<p>De 1972 até 1980, aconteceu o Seminário de Literatura Infantil - dentro da Bienal do Livro de São Paulo/SP.</p> <p>Em 1974, aconteceu o 14º Congresso de Literatura Infantil do IBBY (primeiro congresso do IBBY a ser realizado fora da Europa), no Rio de Janeiro.</p> <p>Em 1976, a FNLIJ organizou, juntamente com o Departamento de Letras da PUC - Rio e com o apoio do Instituto Estadual do Livro, um Curso de Extensão de Literatura Infantil e Juvenil, ministrado pelo Professor Klaus Doderer, da Goethe Universität, Frankfurt, na Alemanha. O seminário <i>Literatura infantil na Universidade Brasileira</i> contou com a presença de professores de vários estados que ao retornarem às suas universidades criaram a cátedra de Literatura Infantil e Juvenil.</p> <p>Em 1980, a FNLIJ organizou, juntamente com a Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Rio de Janeiro, o 1º Encontro de Professores Universitários.</p> <p>Também, em 1980, a FNLIJ organizou, no Museu da República, com o patrocínio do CERLALC, o 1º Encontro de Pessoas que trabalham com Programas de Incentivo à Leitura, publicado na obra <i>A criança e o livro: guia prático de estímulo à leitura</i>, organizado por Laura Sandroni e Luiz Raul</p>

¹¹ Até o momento, não obtive informações sobre quem foram os conferencistas que vieram ao Brasil.

	Machado, Editora Ática, em 1986. Também publicado em espanhol pelo CERLALC, em 1983.
Criação de Bibliotecas Infantis	<p>Em 02 de abril de 1979, foi criada a <i>Biblioteca Infantil e Juvenil Maria Mazzetti</i>, nos jardins da Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Até 1982, a biblioteca teve suas atividades coordenadas voluntariamente pela equipe da FNLIJ, que tratou os livros e desenvolveu atividades com as crianças. Atualmente, a administração é feita pelo Governo Federal.</p> <p>Em 30 de abril de 1981, foi inaugurada a <i>Biblioteca Infantil de Brasília Teimosa</i>, em Recife, na Comunidade Brasília Teimosa, em convênio entre a Secretaria de Ação Cultural - SEAC/MEC e a FNLIJ. A responsável era a professora Marina Quintanilha Martinez. A biblioteca foi aberta dentro de uma comunidade carente para proporcionar o acesso ao livro às crianças carentes, com a colaboração da comunidade local.</p> <p>Em 1981, foi criada pela FNLIJ, a <i>Biblioteca Infantil do Morro dos Cabritos</i> - na favela de Euclides da Rocha, em Copacabana, no Rio de Janeiro. A responsável foi Rejane França de Lima.</p>
Ciranda de Livros	A <i>Ciranda de Livros</i> ¹² , durante seus quatro anos de existência (1982 – 1985), possibilitou que cerca de trinta e cinco mil escolas brasileiras, tanto da zona rural como da zona urbana, recebessem um acervo de 15 livros por ano, livros estes, da melhor qualidade e de autores pouco conhecidos nas escolas à época. Sendo, então, distribuídos 60 livros de literatura para escolas públicas, com o apoio da Fundação Roberto Marinho e da Hoescht. Hoje são considerados clássicos da literatura infantil.
Pesquisa FNLIJ	A partir de 1983, a pesquisa " <i>Por uma Política Nacional de Difusão da Leitura</i> ", financiada pela FINEP, que mais tarde veio a dar origem ao Programa Nacional de Incentivo à Leitura – PROLER, em 1991.
Viagem da Leitura	Em 1987 e 1988, por meio da <i>Viagem da Leitura</i> , houve a distribuição de 60 livros de literatura para bibliotecas públicas em todo o país com o apoio do Instituto Nacional do

¹² Ciranda de Livros foi um projeto em parceria com a FNLIJ e apoio da Fundação Roberto Marinho e da Hoescht, com o objetivo de estimular o hábito da leitura, coordenado pela escritora Laura Sandroni.

	Livro (INL/MEC), Fundação Roberto Marinho e Ripasa Indústria de Papéis (Lei Sarney).
Livro Mindinho, seu Vizinho	Em 1987 e 1988, houve a criação de minibibliotecas com acervos e pequenos cursos para comunidades carentes na periferia do Rio de Janeiro, com o apoio da White Martins S/A (Lei de Incentivos Fiscais/ MinC).
Biblioteca para o projeto Recriação/MPAS	Em 1988 e 1989, houve a promoção de leitura para programas destinados às crianças que não frequentavam a escola, , financiados pelo então Ministério da Previdência e Assistência Social.

Fonte: FNLIJ (2015).

Como se pode observar no Quadro 4, os projetos que aconteceram no período entre 1977 e 1991, de acordo com a FNLIJ (2015), beneficiaram uma clientela de crianças e jovens que não tinham acesso a um acervo variado de livros considerados de qualidade.

No site da FNLIJ, apresenta-se por meio do Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOP) da FNLIJ, um manancial de informações *de* e *sobre* literatura infantil e juvenil capaz de subsidiar aos interessados da área, como demonstra o Quadro 5.

Quadro 5 - Publicações produzidas pela FNLIJ (1979 – 1989)

PUBLICAÇÕES	DESCRIÇÃO
Seleção de livros para a Infância e a Juventude	Publicação com resenhas de livros, de 1979 a 1983.
Anais do Encontro de Professores Universitários de Literatura Infantil e Juvenil	Anais com textos e trabalhos do Encontro de Professores Universitários de Literatura Infantil e Juvenil, em 1980.
<i>El Niño y el Libro: Guía Práctica de Estimulo a la Lectura</i>	Laura Sandroni & Luiz Raul Machado (compilado). Traducido por Luz Jaramillo en colaboración con David Jiménez P. Publicado por CERLAL/Kapelusz Comobiana/Procultura, em 1984.
Anais dos três Congressos FNLIJ de Literatura Infantil e Juvenil	São anais com textos dos congressos organizados pela FNLIJ, em 1985, 1987 e 1989.
Catálogo Nacional: Mostra de Ilustrações para Crianças - Rio 87- BNDES	Catálogo organizado pela FNLIJ, para a Mostra de Ilustrações para Crianças, no Rio

	de Janeiro, em 1987.
Revista Pirlimpimpim	Revista sobre literatura infantil e juvenil. A número 1 contou com o apoio do INL, em 1989; a número 2, como o número da revista <i>Releitura da Biblioteca Pública Infantil de Belo Horizonte</i> , da Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte. A publicação não teve continuidade por falta de patrocínio.

Fonte: FNLIJ (2015).

Observando-se o Quadro 5, pode-se afirmar que a FNLIJ (2015) tem produzido desde 1980 publicações com o apoio e parcerias de governo, instituições privadas e editores, a fim de orientar especialistas e pesquisadores, e tais publicações estão disponíveis para consulta no CEDOP.

Nos anos 1980, pode se perceber, portanto, que “[...] os profissionais da área começaram a sentir necessidade de refletir sobre o papel da literatura infantil e juvenil, apontando caminhos e começando a detectar tendências”, o que ajudou a esboçar possíveis diretrizes. (BRANDÃO, 1998, p. 33).

Para Brandão (1998),

[...] foi um tempo em que a barreira do medo de opinar começa a ceder e dar lugar à diversidade de opiniões e de posicionamentos. E o pensar, o dizer, o refletir, o concordar e o discordar passou a ser exercício de construção do conhecimento, fazendo dos anos 1980 um tempo de amadurecimento de ideias e de posicionamentos sobre a literatura, a política democrática que se iniciava e a sociedade em seus acertos e desacertos. (BRANDÃO, 1998, p. 33).

Em vista disso, pode-se afirmar que iniciativas como as da FNLIJ descritas neste texto contribuíram significativamente e para a constituição da concepção de Literatura Infantil e de seus usos.

De acordo com Oliveira (2010), em decorrência da criação de programas de Pós-Graduação e da constituição da Literatura Infantil como disciplina no curso de Letras e Pedagogia, a produção sobre Literatura Infantil aumentou significativamente. Nos anos 1980, foram publicadas pesquisas realizadas por professoras da área de Letras, vinculadas a Instituições de Ensino Superior, como a título de exemplo, Coelho (1982), Zilberman (1987), Perroti (1986), Cademartori (1986) e Magnani (1989).

Coelho (1982) teve publicado *A literatura Infantil: história, teoria, análise* cuja seleção dos tópicos, obedeceu principalmente a questões básicas de *criação literária* ou da *tarefa docente* ligada a ela:

O QUE cria/produzir ou sugerir como a literatura às crianças ou jovens estudantes. Ou ainda, qual o critério a seguir para a criação atualizada ou para a seleção dos livros, por entre a imensa gama de sugestões inovadoras ou de publicação, se não há, via de regra, o trabalho selecionador/orientador da crítica organizada? COMO interessar o jovem leitor por essa atividade básica em sua formação se, normalmente, ela é repudiada como enfadonha ou inútil? COMO concorrer com a influencia maciça dos meios de comunicação de massa que cada vez se expandem mais? POR QUE o texto literário é essencial a condição humana? E sendo assim, por que deve ser a peça-chave no processo de formação dos novos? ONDE a crescente massa de estudantes poderá encontrar livros suficientes à crescente demanda imposta pelos novos métodos didáticos que, necessariamente, levam os textos? (COELHO, 1982, p. 16).

Partindo, então, do pressuposto de que a Literatura Infantil é a abertura para a formação de uma nova mentalidade, Coelho (1982, p. 3) assegura que “[...] é ela, dentre as diferentes manifestações da Arte, a que atua de maneira mais profunda e duradoura, no sentido de dar forma e divulgar os valores culturais que dinamizam uma sociedade ou uma civilização”.

Disso resulta a importância da Literatura Infantil, pois segundo a autora:

[...] cumprindo sua tarefa de alegrar, divertir ou emocionar o espírito de seus pequenos leitores ou ouvintes; leva-os, de maneira lúdica, fácil, a perceberem e a interrogarem, suas aspirações, suas necessidades de auto-afirmação ou de segurança, ao lhes propor objetivos, ideias ou formas possíveis (ou desejáveis) de participação social. (COELHO, 1982, p. 3).

Desse modo, para Coelho (1982, p. 04), “[...] nenhuma outra forma de ler o mundo dos homens é tão eficaz e rica quanto a que a Literatura permite”. Coelho (1982) cita a natureza da literatura infantil, como advinda dos estágios psicológicos da criança que obedecem às diversas etapas do desenvolvimento infantil, sendo esta a preocupação fundamental de todos que têm a seu cargo a educação das crianças, segundo a autora.

Para Coelho (1982), a compreensão da criança se faz por meio da perspectiva estabelecida por Piaget¹³, sintetizando as muitas e diferentes interpretações de cada etapa no desenvolvimento da criança e o tipo de literatura mais adequada a cada uma.

Pode-se dizer que Literatura é um fenômeno de expressão, que é uma linguagem específica que, como toda linguagem expressa uma experiência (a do autor) e provoca outra (a do leitor). Em se tratando de Literatura Infantil, é preciso lembrar, de início, que além de ser um fenômeno literário é um produto destinado às crianças, que em suas origens nasceu destinado aos adultos. Ou melhor, que certas obras que foram famosas como literatura para adultos, com o tempo e através de um misterioso processo de adaptação, acabaram se transformando em entretenimento para crianças. (COELHO, 1982, p. 19).

¹³ Jean Piaget (1896-1980) foi um renomado psicólogo e filósofo suíço, reconhecido por seu trabalho pioneiro no campo da inteligência infantil. Piaget passou grande parte de sua carreira profissional interagindo com crianças e estudando seu processo de raciocínio. Seus estudos tiveram um grande impacto sobre os campos da Psicologia e Pedagogia. (JEAN PIAGET..., 2014).

A autora também destaca as definições, as distinções, as manifestações específicas ou os modos de existência literária, abordando a atitude narrativa (em relação ao leitor e ao objeto narrado), o foco narrativo, os elementos estruturantes da narrativa (ação, personagem, espaço, tempo, a linguagem narrativa), as técnicas e os processos narrativos, os gêneros e as formas literárias, os subgêneros, a coleção e o álbum de figuras, o fenômeno histórias em quadrinhos, e poesias destinadas a crianças e seus autores.

Coelho (1982) parte da narrativa primordial (as fontes orientais do mundo mágico da fábula), as primeiras manifestações literárias no Ocidente Europeu (histórias da Idade Média), até se aproximar dos tempos modernos de formação e consolidação da civilização burguesa, passando pelas histórias do século XVII, XVIII, XIX (quando houve a descoberta da criança).

A autora destaca, também, as narrativas dos Irmãos Grimm, Hans Andersen, Lewis Carroll, James M. Barrie, Charles Dickens, dentre outros, inclusive sobre a literatura infantil no Brasil; destaca os textos destinados às crianças e os autores, dando ênfase ao Brasil no século XX, tendo como exemplo o escritor Monteiro Lobato.

Monteiro Lobato, de acordo com Coelho (1982), foi:

O divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje. Foi ele, sem sombra de dúvida que, fazendo a herança do passado submergir no presente, encontrou o novo caminho criador que a Literatura Infantil estava necessitando. Rompe, pela raiz, como o racionalismo tradicional e abre as portas para a criatividade que precisava ser liberada. (COELHO, 1982, p. 354).

Em 1981, com o lançamento da 1ª edição do livro intitulado *A Literatura Infantil na Escola*, Zilberman (1987¹⁴) problematiza a relação entre literatura infantil e escola e considera que, em decorrência da literatura infantil ter sido “inventada” a partir do aparelho escolar, ela está diretamente relacionada à pedagogia. (ZILBERMAN, 1987).

Por meio dos estudos sobre Literatura Infantil, produzidos no Brasil, a autora cita que os estudos procuraram ocupar esse território tornado vago, talvez por negligência, descaso ou comprometimento com os prejuízos por parte da Teoria Literária. E ela “[...] esperou-se ter atingido determinadas metas, balizadas por algumas teses diretoras”:

a) A literatura infantil é um campo a ser privilegiado pela Teoria Literária, devido à rica contribuição que fornece a qualquer indagação bem intencionada sobre a natureza do literário. b) este gênero pode ser questionado por tal ciência, porque é da qualidade estética das obras produzidas que retira sua importância e valor. c) é ao enfoque estético que cumpre presidir a abordagem do livro para crianças, porque somente a realização literariamente válida rompe os compromissos (que estão na gênese histórica da produção infantil) com a pedagogia, sobretudo, com a doutrinação. d) o fato de a literatura infantil não ser subsidiária da escola e do ensino não quer dizer que, como medida de precaução, ela deva ser afastada da sala de aula.

¹⁴ Utilizei a edição publicada em 1987.

Sendo agente de conhecimento porque propicia o questionamento dos valores em circulação na sociedade, seu emprego em aula ou em qualquer outro cenário desencadeia o alargamento dos horizontes cognitivos do leitor, o que justifica e demanda seu consumo escolar. e) porque este tipo de arte com a palavra divide-se entre uma aptidão poética e um apelo externo do adulto à doutrinação da criança, patenteia-se sua inscrição social, que não deixa de ser também a de toda a literatura. É nesta medida que ressurgem a validade de uma reflexão crítica sobre sua natureza, pois representa, de um lado, a interrogação sobre os vínculos ideológicos da manifestação artística (no que colabora com a Teoria Literária) e, de outro, o desvelamento de um dos processos – espelhando, portanto, os demais – de dominação da infância (no que colabora com sua emancipação). (ZILBERMAN, 1987, p. 10).

Assim, em relação ao desenvolvimento do leitor crítico, Zilberman (1987) assevera:

A atividade com a literatura infantil – e, por extensão, com todo o tipo de obra de arte ficcional – desemboca num exercício de hermenêutica, uma vez que é mister dar relevância ao processo de compreensão, pois é esta que complementa a recepção, na medida em que não apenas evidencia a captação de um sentido, mas as relações que existem entre a significação e a situação atual e histórica do leitor. Portanto, não é atribuição do professor apenas ensinar a criança a ler corretamente: se está ao seu alcance a concretização e expansão da alfabetização, isto é, o domínio dos códigos que permitem a mecânica da leitura, é ainda tarefa sua o emergir do deciframento e compreensão do texto, através do estímulo a verbalização da leitura procedida, auxiliando o aluno na percepção dos temas e seres humanos que afloram em meio à trama ficcional. (ZILBERMAN, 1987, p. 24-25).

Zilberman (1987, p. 25), ainda, ao tratar de leitor crítico, diz textualmente que “[...] a literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica”.

Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura – a de ‘conhecimento do mundo e do ser’. [...] o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além – propicia os elementos para a emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do saber. (ZILBERMAN, 1987, p. 25).

Para a autora (1987), confundida frequentemente com o livro didático, o conto de fadas ou a história em quadrinhos, a literatura infantil necessita, para sua definição, inicialmente de uma demarcação de seu alcance e uma fixação de seus limites. Sendo um dos produtos culturais que a sociedade contemporânea oferece à criança, ela se vê imiscuída ou àquilo que não pertence integralmente ao mundo infantil, ou, dando-se o contrário, parece abarcar o que não diz respeito, com legitimidade, à literatura. “[...] Enfim, devido à sua produção maciça em nossos dias, quando praticamente inexistia antes do século 18, tem seu eventual valor estético contestado, sendo relegada ao setor da literatura trivial e da cultura de massas.” (ZILBERMAN, 1987, p. 43).

Assim, por todos esses fatos, para a autora

Uma conceituação da literatura infantil significa concomitantemente uma marcação de fronteiras e a situação de um campo de trabalho diverso, de um lado, das formas não literárias e, de outro, daquilo não especificamente dedicado ao leitor infantil. Uma verificação no âmbito histórico e no conteúdo do termo composto literatura infantil fornece os indícios para sua caracterização. (ZILBERMAN, 1987, p. 43).

Em relação a Monteiro Lobato, Zilberman (1987) sugere que é com esse autor que se rompeu o círculo da dependência aos padrões literários provindos da Europa, principalmente no que diz respeito ao aproveitamento da tradição folclórica. (ZILBERMAN, 1987). Sendo assim, Zilberman (1987) menciona que Lobato valorizou a ambientação local predominante na época, inventando o Sítio do Picapau Amarelo. Além disso, não apenas utilizou personagens nacionais, como é igualmente razão de seu êxito literário e estético, o emprego de crianças como heróis, o que possibilitou uma identificação imediata com o leitor. (ZILBERMAN, 1987).

Em 1986, foi publicado pelo professor, crítico e pesquisador Edmir Perroti o livro *O texto sedutor na Literatura Infantil*, no qual tratou do discurso estético e do discurso utilitário com base na dimensão estética dos textos para crianças e jovens.

Perroti (1986) afirma que, desde o surgimento da literatura infantil, predominava uma concepção “utilitária” desse gênero, que não busca a realidade da criança, mas a transmissão de uma verdade, “[...] antes de mais nada, tentam convencer o leitor de determinado ponto de vista do autor.” (PERROTI, 1986, p. 38).

Para esse autor, a partir do início dos anos 1970, uma geração de escritores retoma a postura do iconoclasta Lobato. “[...] colocando em crise a concepção utilitária da literatura para crianças e jovens, propondo uma nova compreensão para o fenômeno”. (PERROTI, 1986, p. 11).

Os escritores dos anos 1980, de acordo com Perroti (1986, p. 11), possuíam

[...] uma consciência nova de seu papel social, reclamando a condição de artistas e desejando que suas obras sejam compreendidas enquanto objeto estético, abandonando, assim, o papel de moralistas ou ‘pedagogos’ que até então fora reservado a quem escrevesse para a faixa infanto-juvenil.

Ao concluir sua análise, Perroti (1986) afirma que, após essa ruptura, compreende-se a importância do discurso estético, condizente com a participação democrática do leitor. E, “[...] somente o discurso estético, dado o seu caráter de ‘escritura’, mostrou-se, desde, sempre, capaz de, ao mesmo tempo, conter interesses históricos e de transcendê-los”. (PERROTI, 1986, p. 153).

No ano de 1986, ainda, Cademartori (1986) teve publicado o livro *O que é Literatura Infantil*, abordando o conceito e a importância da Literatura Infantil.

Segundo Cademartori (1986, p.15), “[...] do ponto de vista da educação, observa-se uma união de esforços de educadores dos diferentes níveis de ensino, do ensino básico à universidade no sentido de promover a leitura para resgatar faltas do nosso sistema de educação.”

Para a mesma autora, “[...] a literatura propicia uma reorganização das percepções do mundo e, desse modo, possibilita uma nova ordenação das experiências existenciais da criança. A convivência com textos literários provoca a formação de novos padrões e o desenvolvimento do senso crítico.” (CADEMARTORI, 1986, p. 18-19).

Sendo assim, se o homem se constitui à proporção da formação de conceitos, a infância se caracteriza por ser o “[...] momento basilar e primordial dessa constituição e a literatura infantil um instrumento relevante dele.” (CADEMARTORI, 1986, p. 23).

Desse modo, a Literatura Infantil para ela:

Se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade. [...] surge como um meio de superação da dependência e da carência por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento. (CADEMARTORI, 1986, p. 23).

Essa determinação colabora com a definição do que vem a ser Literatura Infantil, mas não a simplifica, porque a questão da Literatura Infantil é inseparável da questão da educação. Assim, a mesma autora afirma textualmente que:

[...] se a literatura tem um papel no desenvolvimento linguístico e intelectual do homem, desse modo, articula-se com interesses que a escola propala como seus, cabe tentativa de explicitar qual poderia ser a relação da literatura com a criança a partir do início da escolaridade. (CADEMARTORI, 1986, p. 66).

Isso porque, como “[...] veículo do patrimônio cultural da humanidade, a literatura se caracteriza, a cada obra, pela proposição de novos conceitos que provocam uma subversão do já estabelecido”. (CADEMARTORI, 1986, p. 23). Desse modo, a literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade. (CADEMARTORI, 1986).

Em 1989, a professora e pesquisadora Maria do Rosário Mortatti Magnani teve publicado o livro *Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto*, no qual buscou investigar as relações entre leitura, literatura e escola, do ponto de vista da formação do gosto estético.

Assim, a autora evidencia que:

Subjacentes a essa idéia não só se encontra a crença de que a escola forma para a vida e que a leitura, especialmente a da literatura, tem grande parcela de responsabilidade nessa formação, como também se evidencia a vinculação histórica entre literatura e escola, o que se torna mais problemático quando se pensa na instituição escolar como um espaço de conservação e na literatura como a possibilidade da contradição e do movimento e, portanto, como agente de transformação. (MAGNANI, 1989, p. 11).

Nota-se, portanto, que se a literatura tem grande importância na formação do indivíduo, cabendo àqueles que ensinam e dão o exemplo de leitores, terem uma formação que os capacite da melhor forma possível,

Ainda que consciente das limitações e problemas, o professor vê-se, em seu cotidiano, envolvido em dúvidas que remontam à questão nevrálgica da teoria literária: o que é literatura? Em que consiste a literariedade e qual a sua função em contexto histórico e social? Como buscar o equilíbrio entre o útil e o agradável? (MAGNANI, 1989, p. 62).

Em vista do exposto, Magnani (1989) conclui que, ao aprender a ler, pode-se formar o gosto pela leitura literária de qualidade e pode-se formar o gosto estético e, por isso, o professor deve “interferir criticamente” nesse processo.

Embora diversos em sua base teórica, os estudos aqui descritos vinculam-se à área de Letras e reivindicam cada um a seu modo, o caráter literário da Literatura Infantil, secundarizando o aspecto infantil, ou seja, em que pese suas diferenças, os discursos sobre Literatura Infantil nos anos 1980 revelam a importância da literatura para formação humana e para formação de leitores na escola.

Frente às iniciativas e aos discursos sobre Literatura Infantil como os esboçados neste tópico, a Literatura Infantil passou a ter também gradativa inserção e institucionalização como matéria de ensino e/ou disciplina nos currículos dos cursos de formação de professores em nível de terceiro grau, nos anos 1980, conforme já enunciado. Esse processo, entretanto, já vinha ocorrendo nos cursos de formação de professores no nível secundário, inicialmente nos chamados cursos normais, depois na HEM.

1.3 A instituição da disciplina Literatura Infantil no estado de São Paulo: do curso normal à Habilitação Específica ao Magistério

A primeira iniciativa de instituição do ensino de Literatura Infantil nos cursos normais, no estado de São Paulo, de acordo com Oliveira (2010) ocorreu durante a década de 1940.

Segundo Pimenta e Gonçalves (1992) a partir de 1942, o Ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema¹⁵ iniciou as reformas que ficaram conhecidas como Leis Orgânicas do Ensino, ampliando o caráter nacional de legislação educacional iniciado por Francisco Campos¹⁶. Ao todo foram oito decretos-lei, mas o que se refere ao curso normal é o Decreto-Lei nº 8.530 de 2 de janeiro de 1946.

A Lei Orgânica do curso normal foi publicada com a finalidade de estabelecer algumas mudanças nesses cursos, dentre as quais: um curso normal dividido em dois ciclos, o de regente do ensino primário, em quatro anos e o de formação de professores primários, em três anos; e a criação dos cursos de especialização para administradores escolares.

Embora a matéria Literatura Infantil tenha sido instituída, pela primeira vez, em 1947, no estado de São Paulo, até o final da década de 1950, o Departamento de Educação não havia publicado, segundo Oliveira (2010), nenhum programa de ensino referente a essa matéria.

Dez anos após a reforma do curso normal paulista, decorrente de sua adequação à Lei Orgânica do curso normal, em 1957, os cursos de formação de professores desse estado passaram por uma nova reforma (OLIVEIRA, 2010). Essa reforma aconteceu por meio da promulgação da Lei nº. 3.739, de 22 de janeiro de 1957, estabelecendo novas disposições sobre a organização do curso normal no estado de São Paulo, e revogando todas as leis sobre esse ensino em vigor, até então. Por meio dessa reforma, foi fixado um modelo único de curso

¹⁵ Gustavo Capanema Filho nasceu em Pitangui/MG, em 10 de agosto de 1900 e morreu no Rio de Janeiro, em 10 de março de 1985. Formou-se pela Faculdade de Direito de Minas Gerais, em 1923. Em 1927 iniciou sua vida política ao eleger-se vereador em sua cidade natal. Em setembro de 1933, Capanema foi designado pelo presidente Vargas para dirigir o Ministério da Educação e Saúde. Nomeado em julho de 1934, permaneceu no cargo até o fim do Estado Novo, em outubro de 1945. Foi ministro da Educação durante onze anos. Criou a Faculdade Nacional de Filosofia e a Escola Nacional de Educação Física. Edificou o Palácio do Ministério da Educação e Saúde. (CPDOC, 2014).

¹⁶ Francisco Luís da Silva Campos nasceu em Dolores do Indaiá/MG, em 18 de novembro de 1891 e morreu em Belo Horizonte, no dia 1º de novembro de 1968. Em 1910 foi matriculado na Faculdade Livre de Direito de Belo Horizonte. Foi deputado federal pelo seu estado, de 1921 a 1925, quando se afastou da Câmara para assumir a Secretaria do Interior de Minas, presidiado por Antônio Carlos. Na sua gestão, foi criada a Universidade de Minas Gerais e renovado todo o ensino primário e normal no estado, numa experiência pioneira no país. Com a Revolução de 30 e a ascensão de Getúlio Vargas, assumiu o Ministério da Educação e Saúde, entre 1930 e 1932, período em que adotou medidas reformistas, como a organização dos estatutos das Universidades brasileiras; a reforma do ensino secundário; a reintrodução, em caráter facultativo, do ensino religioso nas escolas etc. Foi professor catedrático de Filosofia do Direito, na Faculdade Nacional de Direito e consultor-geral da República, de 1933 a 1937. Ministro da Justiça, de 1937 a 1941, arquitetou a Constituição de 1937, conhecida como 'Polaca', por ter sido inspirada no modelo polonês. Durante sua gestão, Francisco Campos elaborou várias emendas ao texto constitucional; promoveu, ainda, as reformas do Código de Processo Civil, do Código Penal e do Código de Processo Penal, e cuidou, também, de um anteprojeto do novo Código Civil. Seu período no Ministério da Justiça foi marcado por grande repressão política. Foi presidente da Comissão Jurídica Interamericana, de 1943 a 1955. No regime militar, inaugurado em 1964, redigiu, com Carlos Medeiros Silva, uma 'legislação revolucionária': o Ato Institucional, que mais tarde passou a ser numerado como o primeiro de uma série. (BRASIL, 2014).

normal para todo o estado de São Paulo, extinguindo as diferenças existentes entre os diferentes cursos.

Segundo Labegalini (2005, p. 99), essa reforma, também, estabeleceu que o currículo, que compreendia matérias e era distribuído em “cadeiras”, passasse a ser distribuído em disciplinas. As disciplinas estabelecidas para o curso normal paulista, com a reforma de 1957, foram:

Artigo 3.º - O Curso Normal dos Institutos de Educação e das Escolas Normais terá a duração de 3 (três) anos e currículo constituído das seguintes disciplinas:

- 1 - Pedagogia e Psicologia geral e Educacional;
 - 2 - Filosofia e História da Educação;
 - 3 - Metodologia e Prática do Ensino Primário;
 - 4 - Anatomia e Fisiologia Humanas, Higiene e Biologia Educacional;
 - 5 - Sociologia Geral e Educacional;
 - 6 - Desenho Pedagógico;
 - 7 - Português, Linguagem e Literatura Infantil;**
 - 8 - Matemática e Estatística Aplicada à Educação;
 - 9 - Ciências Físicas e Naturais;
 - 10 - História da Civilização Brasileira;
 - 11 - Música e Canto Orfeônico;
 - 12 - Educação Física, Recreação e Jogos;
 - 13 - Trabalhos Manuais e Economia Doméstica e
 - 14 - Educação Social e Cívica.
- (SÃO PAULO, 1957, p.160, grifos meus).

Assim, de acordo com a Lei nº 3739, de 22 de janeiro de 1957 do estado de São Paulo, Literatura Infantil constituiu-se disciplina vinculada à disciplina “Língua Portuguesa e Linguagem”, compondo um único bloco, porém, sendo ministradas separadamente, cada uma em uma série. Nos cursos normais diurnos, ela era ministrada no 3º ano, com carga horária de duas horas-aulas semanais e, nos cursos normais noturnos, era ministrada no 4º ano, também, com carga horária de duas horas-aulas semanais. (SÃO PAULO, 1957).

Com a Reforma de 1957, portanto, incluiu-se no Programa de Ensino do curso normal, no estado de São Paulo, a disciplina Literatura Infantil, “[...] mediante a qual já se pode assegurar a formação do professor, neste terreno, não só no trato da língua e de seu emprego, como no conhecimento de obras destinadas à infância e adolescência, com o estudo, a análise e a crítica dos textos.” (D’ÁVILA, 1961, p. 39).

Segundo Oliveira (2010), a pedido do escritor Francisco Marins, Lourenço Filho¹⁷ elaborou um anteprojeto de programa de ensino para a disciplina Literatura Infantil, com o

¹⁷ Manuel Bergström Lourenço Filho nasceu em Porto Ferreira/SP, em 10 de março de 1897 e faleceu no Rio de Janeiro em 3 de agosto de 1970. Seguiu a carreira do magistério, inicialmente em São Paulo, em seguida no Rio de Janeiro. Entre 1922 e 1923 foi responsável pela reforma no ensino público no Ceará. Na década de 30, transferiu-se para o Rio de Janeiro exercendo funções de chefe de gabinete do ministro da Educação Francisco Campos. Por essa época, concebeu uma faculdade reunindo as áreas de educação, ciências e letras. No tempo da gestão de Anísio Teixeira na Secretaria de Educação do Distrito Federal, dirigiu o Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Em 1935 foi nomeado diretor e professor de psicologia educacional da Escola de Educação da

intuito de colaborar com a elaboração dos programas definitivos para a disciplina. Esse documento foi entregue à Chefia do Ensino Secundário e Normal, tendo em vista, então, colaborar com a elaboração dos programas definitivos para a disciplina Literatura Infantil. (OLIVEIRA, 2014).

Após a elaboração desse anteprojeto, o jornal *A Gazeta*, publicou-o de forma parcelada, entre os dias 29 de maio e 06 de junho de 1957, com o objetivo de auxiliar os alunos dos cursos normais no estudo da Literatura Infantil e também auxiliar os professores catedráticos dessa disciplina na organização de seus planos de ensino.

No dia 29 de maio de 1957 a publicação iniciou-se com o primeiro tópico: *Origem e Desenvolvimento da Literatura Infantil*. Nesse tópico, Lourenço Filho¹⁸ (1957a) apresentou a relação da literatura infantil com a tradição oral, por meio das cantigas de ninar, parlendas e rondas infantis, provérbios, lendas e fábulas de cunho moral, enfatizando os contadores de história e os contadores populares, sendo a contribuição folclórica a comunicação da experiência social à criança. (LOURENÇO FILHO, 1957a).

Lourenço Filho (1957a) afirmou o contar e ouvir como uma necessidade humana de comunicação, expondo, assim, as primeiras iniciativas de histórias:

As fábulas de Esopo; o ‘Livro de Simbad’; o Fabulario da Raposa; ‘As Mil e uma Noites’; o relato de viagens maravilhosas: ‘Marco Polo’; ‘As viagens de Gulliver, de Swift’; ‘Robinson Crusoé’; ‘Gil Blas de Santilhana’, todas escritas para adultos. Os contos de duendes, e fadas, e as legendas épicas. As primeiras coletâneas de contos maravilhosos do folclore para uso de adulto: Charles Perrault (1627-1703) na França; os irmãos Jacob Grimm (1785-1863) e Carl Grimm (1786-1859) na Alemanha; Hans Christian Andersen (1805-1875) na Dinamarca. Os três últimos adaptaram muitas histórias recolhidas para uso da infância, com o que se iniciou propriamente a Literatura Infantil. Os estudos sobre as crianças e sua evolução, bem como a renovação educativa deveriam fazer prosperar a ideia. ‘Alice no país das maravilhas’ de Lewis Carrol (1865); ‘Pinocchio’ de C. Collodt (1826-1890), as obras da Condessa de Sêgur (1799-1874) e as do Conego Schmid (1768-1854) além de outras, acabaram por definir uma leitura de ficção recreativa, para crianças e jovens. (LOURENÇO FILHO, 1957a, p. 18).

No dia 31 de maio de 1957, foi dada continuidade ao tópico *Origem e desenvolvimento da Literatura Infantil*, abordando o Brasil. Desse modo, Lourenço Filho (1957b) apresentou a literatura, os autores e as tendências dos primeiros textos voltados ao público infantil, no Brasil.

Universidade do Distrito Federal. Posteriormente, foi diretor geral do Ensino Público em São Paulo, membro do Conselho Nacional de Educação em 1937 e diretor geral do Departamento Nacional de Educação. Em 1938, a pedido do ministro Gustavo Capanema, organizou o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos que, em 1944, lançou a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Publicou, entre outros trabalhos, *Introdução ao estudo da Escola Nova e tendências da educação brasileira* (1940). (CPDOC, 2014).

¹⁸ A produção de Lourenço Filho *de e sobre* literatura infantil, contendo estas e outras ideias do autor sobre o tema podem ser vislumbrados, sobretudo, em Bertoletti (2012).

Seus precursores: Alberto Figueiredo Pimentel e as ‘Histórias da Carochinha’ (1894); A Biblioteca Infantil, organizada por Arnaldo de Oliveira Barreto (1915), traduções, adaptações e obras originais para crianças, por Olavo Bilac, Osório Duque Estrada e Coelho Neto. A publicação da primeira revista infantil, ‘o Tico-Tico’, em 1908. A obra de Monteiro Lobato, iniciada em 1921, com ‘Narizinho arrebitado’, depois seguida de outras obras originais e de adaptação. Caracteres Gerais e influencia dos livros de Lobato. Outros homens de letras dedicados ao assunto: Viriato Corrêa, Gustavo Barroso, Humberto de Campos e Érico Veríssimo. Professores dedicados ao assunto: Thales de Andrade, Renato Sêneca Fleury, Cecília Meireles, Leila Machado. (LOURENÇO FILHO, 1957b, p. 13).

Nos dias 03, 04 e 05 de junho de 1957, *A Gazeta* publicou o segundo tópico denominado *Caracterização e funções da Literatura Infantil*. Nesse tópico, o autor defendeu a influência dos estudos de psicologia das crianças, buscando um equilíbrio entre o imaginário e o real:

[...] a fase **egocêntrica**, ou de fabulação (dos 3 aos 7 anos) e a fase de pensamento **socializado** ou racional, que se desenvolve na idade escolar. 2 Fases e modalidades da literatura infantil, livros de estampas, sem texto ou texto muito reduzido (4 a 6 anos); narrativas breves, muito singelas, para iniciantes na vida escolar (6 a 8 anos); histórias ainda com grande associação do maravilhoso a fatos da vida real (7 a 10 anos); aventuras e narrativas mais complexas para pré-adolescentes (10 a 13 anos); histórias com sentido de iniciação científica, cunho histórico romanceado e intenção de aperfeiçoamento estético (primeira parte da adolescência; aventuras em geral, biografias com sentido de formação social e de orientação educacional ou profissional; adolescentes em geral. (LOURENÇO FILHO, 1957c, p. 16, grifos do autor).

De acordo com Lourenço Filho (1957), outra característica necessária é a poesia na literatura infantil. Para ele, em sentido geral, toda obra infantil deve ser poética, isto é, sugerir ou “falar” por imagens, conter harmonia e beleza. (LOURENÇO FILHO, 1957c).

Em relação, às *funções da literatura infantil*, essas implicam em

a) estimular o desenvolvimento da ‘leitura autônoma’, servindo ao programa básico de leitura e linguagem adotado; b) exercitar o bom gosto na apreciação dos motivos e da linguagem, preparando o futuro apreciador das boas letras; c) enriquecer os interesses infantis e bem encaminhá-los no sentido da formação da personalidade equilibrada; d) inculcar hábitos de sadio entretenimento ou de bom aproveitamento das horas de lazer; e) dar oportunidade para evasão da vida quotidiana, com incentivo, porém, à afirmação de nobres ‘níveis de aspiração’ pessoal, compreensão normal dos sentimentos familiares, cívico e de larga compreensão humana e análise de textos em que vivamente se apresenta materialmente a cada uma ou a todas essas funções. (LOURENÇO FILHO, 1957d, p. 13).

Além de se preocupar em desenvolver o bom gosto pela leitura, Lourenço Filho (1957d) também tinha uma preocupação com a qualidade do conteúdo do livro, abordando assim, os requisitos que os livros infantis e juvenis deveriam apresentar, além da qualidade estética das ilustrações e apresentação material das obras.

Requisitos que os livros infantis e juvenis devem apresentar para que bem atendam às suas finalidades: o motivo central, a concepção geral; a linguagem e sua adequação, tendo-se em vista a clientela a que possa o livro ser destinado, quer quanto ao vocabulário, quer quanto à construção e conteúdo informativo e o conteúdo poético ou sugestivo, com perfeito equilíbrio entre o imaginário e o real, segundo também os níveis de idade e desenvolvimento a que a obra deve ser destinada. Convém associar a literatura infantil e juvenil à aprendizagem inicial e ao desenvolvimento da leitura, com atenção a apresentação estética. Sua função era centros de interesses, projetos ou unidades de trabalho. Questões particulares da forma da literatura infantil: o vocabulário, a construção sintática, a extensão das narrativas, suas partes ou capítulos, as descrições, a dialogação, o número de personagens e sua movimentação. Bons motivos mal apresentados, e maus motivos por vezes sedutoramente apresentados com estas últimas características. A apresentação material das obras de literatura infantil. Formato, caracteres de impressão, cor do papel e da tinta, ilustrações. A importância das ilustrações, sobretudo nas obras para as crianças mais tenras. Tipos de ilustrações e sua adequação às idades. O valor estético das ilustrações. Defeitos que os livros infantis devem evitar: a) redação defeituosa que por incorreção gramatical, uso de plebeísmos grosseiros e emprego abusivo de termos e expressões regionais; b) temas que induzam à depreciação de vultos históricos e instituições nacionais; ou inspirem o desamor a virtude; ou exalem tendências agressivas; ou insinuem preconceitos de raça; ou contenham sugestões para vícios e crimes; ou procurem negar ou destruir sentimento religioso; ou combater qualquer confissão religiosa em especial; c) assuntos que menosprezem as legítimas prerrogativas da personalidade humana; d) feição exclusiva ou predominantemente didática. (LOURENÇO FILHO, 1957d, p. 13-14).

Sobre as funções da Literatura Infantil, o autor ainda destacou as revistas infantis e juvenis, suas vantagens e desvantagens; as histórias em quadrinhos, seus motivos mais constantes e perigos que poderiam ocasionar no desenvolvimento sentimental da criança; os problemas da Literatura Infantil no teatro e a dramatização espontânea. O teatro, de acordo com Lourenço Filho (1957e), deveria ser adaptado à criança e não a criança ao teatro. (LOURENÇO FILHO, 1957e).

No dia 6 de junho de 1957, foi publicada a terceira e última parte do anteprojeto de programa para Literatura Infantil de Lourenço Filho, denominado *Parte Prática*, que, de acordo com Oliveira (2010), contribuiu para a elaboração dos programas nos cursos normais.

Na execução desse programa, aplicará o professor exercícios práticos referentes a cada um dos assuntos estudados, seja no exame de textos, seja também na execução de pequenas investigações de caráter local ou regional, ou ainda na Escola Modelo Anexa. Assim, o primeiro item do programa pode sugerir o levantamento de contos regionais da região, de lendas e fábulas, de provérbios de uso mais constante, de cantigas de ninar. Poder-se-á encarregar grupos de alunos do estudo minucioso de obras de um só autor, quanto aos motivos, formas de construção, assuntos predominantes, valor educativo geral, etc. Poderão ser feitos inquéritos com alunos de diferentes níveis, na escola modelo, quanto à justa compreensão de uma ou mais obras, suas preferências de leituras e as razões dessa preferência, etc. Incentivo também valioso será pedir a grupos de adultos de alunos que preparem indicações de livros, ou trechos de trabalhos, para associação com determinados assuntos dos programas primários vigentes; desse modo se poderá compor um fichário de real utilidade para os futuros professores, e ademais, dar-se-lhes-á o hábito de sentir o valor funcional da literatura infantil como auxiliar do ensino. Toda parte prática poderá ser feita em coordenação com os trabalhos de metodologia e prática de ensino. Ao tratar da parte de poesia, como da de teatro, poderão os alunos incumbir-se do preparo de pequeninas peças ou episódios dramatizados, segundo seja o seu

nível de desenvolvimento, com auxílio dos programas de Prática de Ensino. (LOURENÇO FILHO, 1957f, p. 10).

Para Oliveira (2014, p. 225), foi Lourenço Filho, por meio desse anteprojeto de programa de ensino que, de certo modo, definiu, no caso paulista, as diretrizes gerais do que se devia ensinar *sobre* Literatura Infantil, ao futuro professor.

Após a apresentação deste anteprojeto, no ano de 1958, a Chefia do Ensino Normal e Secundário do Departamento de Educação do Estado de São Paulo, publicou por meio do Comunicado nº. 18, de 03 de março de 1958, os programas de ensino do curso normal, dentre os quais, o programa de Literatura Infantil. (OLIVEIRA, 2014).

Eles apresentavam “[...] as alterações necessárias à vista da nova distribuição de disciplinas e de aulas, constante do Quadro de aulas publicado a 29-01-1958 ou introduzidas em atenção às sugestões que lhe foram apresentadas”. (SÃO PAULO, 1958, p. 3).

De acordo com os programas de ensino do curso normal estabelecidos em 1958, o programa de ensino da disciplina Literatura Infantil ficou assim estabelecido:

- I - Literatura Infantil.
 - 1- Origem e desenvolvimento da Literatura Infantil
 - a) a tradição oral
 - b) fábulas, viagens, contos de fadas para adultos.
 - c) Primeiras coletâneas dos contos maravilhosos para adultos.
 - d) A literatura de ficção creativa no século XIX.
 - e) A literatura infantil no Brasil. Os precursores (século XIX), os propulsores do movimento: homem de letras e professores (século XX)
 - f) A expansão da literatura infantil brasileira nos últimos tempos. As publicações infanto-juvenis.
 - 2- Caracterização da literatura infantil
 - a) A literatura didática e a recreativa: fases e modalidades.
 - b) O ajustamento do literato à evolução da criança: a fase do egocentrismo e da socialização.
 - c) A poesia na literatura infantil: os pequenos poemas e as fábulas em verso. Os cantos escolares.
 - d) Os requisitos morais e materiais do livro de literatura infantil.
 - 3- Finalidades didáticas, psicológicas, sociais e morais da literatura infanto-juvenil.
 - 4- A Biblioteca escolar infanto-juvenil: finalidade e organização. Clubes de leitura.
 - 5- O Teatro Infantil: representações infantis, teatros de sombras, de bonecos, de fantoches. (SÃO PAULO, 1958, p. 9-10).

Como se percebe, “[...] todos os pontos que Lourenço Filho (1957) indicou como básicos para a formação do futuro professor no que se refere ao ensino da Literatura Infantil constam nesse programa de ensino, publicado em 1958”. (OLIVEIRA, 2014, p.171).

De acordo com Oliveira (2010), os programas de ensino das disciplinas Português, Linguagem e Literatura Infantil eram organizados em três partes: a primeira referente ao “conteúdo teórico específico” de cada uma das três disciplinas; a segunda, chamada de “prática de composição”, que compreendia o ensino da escrita de textos condizentes com a parte teórica da disciplina; e a terceira, conhecida como “A leitura em função do programa”

que prescrevia as práticas de leitura dos normalistas em relação ao conteúdo teórico constante da primeira parte desses programas.

À disciplina Literatura Infantil, o programa de ensino de 1958 continha as seguintes prescrições para a segunda e terceira parte:

I-Prática de composição:

- a) Reprodução, narração, descrição, desenvolvimento de provérbios, biografia em função do Curso Primário.
- b) Redação de contos para crianças.
- c) Adaptação de obras clássicas e folclóricas para crianças.
- d) Organização de programas para comemorações cívicas.
- e) Dramatizações de fatos históricos, fábulas e contos infantis
- f) Composição de pequenas peças para Teatro Infantil

II- A leitura em função do programa.

O aluno continuará os exercícios dos anos anteriores, mas usando como texto obras de literatura infantil. (SÃO PAULO, 1958, p. 10).

De acordo com Oliveira (2014), apesar das semelhanças entre o anteprojeto de Lourenço Filho (1957a) e o programa da disciplina Literatura Infantil de 1958, não há nenhuma menção no Comunicado nº. 18, a esse anteprojeto ou às contribuições desse autor para a elaboração da versão definitiva desse programa.

Em 1961, foi promulgada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 4.024, de 20/12/61), que tramitava no Congresso Nacional desde 1948. Essa lei, para Tanuri (2000), não trouxe soluções inovadoras para o curso normal, conservando as grandes linhas de organização anterior, seja em termos de duração dos estudos seja de divisão em ciclos.

Ainda na década de 1960, “[...] quando se iniciou o período mais repressivo da ditadura militar brasileira, o Departamento de Educação do Estado de São Paulo reestruturou todo o seu sistema de ensino paulista” (OLIVEIRA, 2014, p. 191). Durante o período de vigência da Lei 4.024 cumpre destacar a reforma no ensino secundário e normal realizada no estado de São Paulo, em 1968, durante a administração Ulhoa Cintra (Decreto 50.133, de 20/08/68). “[...] A reforma parecia ter atingido seus objetivos quantitativos, no que diz respeito à diminuição da procura pelo curso normal.” (TANURI, 2000, p. 80).

Assim, o curso normal então disponível começava a se descaracterizar como instância adequada para formação do professor das séries iniciais, processo esse que se acentuou progressivamente com as mudanças decorrentes da legislação do regime militar e com a deterioração das condições de trabalho e de remuneração que acompanharam o processo de expansão do ensino de primeiro grau.

A partir da década de 1970, especificamente em 11 de agosto de 1971, com a Lei 5.692/71, que fixou as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus no Brasil, o curso

normal passou a ser denominado de Habilitação Específica de 2º grau para o Magistério (HEM),

De acordo com Oliveira (2014, p. 231),

[...] que mais que mudar simplesmente a nomenclatura escolar, significou mudanças importantes no ensino elementar e médio, em esfera nacional. Dentre essas mudanças, destacam-se: ampliação da escolaridade obrigatória para oito anos (ensino de 1º grau), tentativa de eliminação da dualidade do sistema educacional; e unificação do ensino secundário e técnico no ensino de 2º grau, dentre outros.

Conforme Pimenta e Gonçalves, estabeleceram-se

[...] objetivos do ensino, de seus graus, das assim chamadas “matérias”, os mínimos de dias eletivos, de carga horária anual e por cursos, normas para o financiamento da educação e para a formação de pessoal docente, dentre outros aspectos. (PIMENTA; GONÇALVES, 1992, p. 50).

Com a Lei 5.692/71, o curso normal foi extinto em todos os estados brasileiros, rompendo-se, desta forma,

[...] uma antiga associação existente no sistema educacional brasileiro, pela qual se ligavam estruturalmente as séries posteriores do ensino primário. Para as restantes séries do ciclo colegial criou-se o nome de ‘ensino de 2º grau’, com a característica principal de profissionalização universal e compulsória. (PIMENTA; GONÇALVES, 1992, p. 50).

Para Tanuri (2000), na Lei 5.692/71, que estabelecia diretrizes e bases para o primeiro e segundo graus, contemplou-se o curso normal e, no bojo da profissionalização obrigatória adotada para o segundo grau, transformou-a numa das habilidades desse nível de ensino, abolindo de vez a profissionalização antes ministrada em escola de nível ginásial. Assim, a já tradicional escola normal perdia o *status* de “escola” e, mesmo, de “curso”, diluindo-se numa das habilidades profissionais do ensino de segundo grau, a chamada HEM. (TANURI, 2000, p. 80).

1.4 A HEM e a disciplina Literatura Infantil

Como mencionado anteriormente, as escolas de Habilitação Específica para o Magistério foram criadas no contexto em que, em nome da profissionalização do magistério, acabou-se com o chamado curso normal e criou-se a habilitação específica no âmbito do ensino profissionalizante de segundo grau.

No artigo 1º, da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, traçavam-se os objetivos do ensino a partir de então:

Art. 1º. O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício da consciente da cidadania. (BRASIL, 1971).

No capítulo V que remete aos professores e especialistas, regulamentava-se:

Art. 29. A formação de professores e especialistas para o ensino de 1º e 2º graus será feita em níveis que se elevem progressivamente, ajustando-se as diferenças culturais de cada região do País, e com orientação que atenda aos objetivos específicos de cada grau, às características das disciplinas, áreas de estudo ou atividades e às fases de desenvolvimento dos educandos. (BRASIL, 1971).

De acordo com o art. 30, exigia-se como formação mínima para o exercício da HEM:

a) no ensino de 1º grau, da 1ª à 4ª séries, habilitação específica de 2º grau; b) no ensino de 1º grau, da 1ª à 8ª séries, habilitação específica de grau superior, ao nível de graduação, representada por licenciatura de 1º grau, obtida em curso de curta duração; c) em todo o ensino de 1º e 2º graus, habilitação específica obtida em curso superior de graduação correspondente a licenciatura plena. § 1º Os professores a que se refere a letra 'a' poderão lecionar na 5ª e 6ª séries do ensino de 1º grau se a sua habilitação houver sido obtida em quatro séries ou, quando em três, mediante estudos adicionais correspondentes a um ano letivo que incluirão, quando for o caso, formação pedagógica. § 2º Os professores a que se refere a letra 'b' poderão alcançar, no exercício do magistério, a 2ª série do ensino de 2º grau mediante estudos adicionais correspondentes no mínimo a um ano letivo. § 3º Os estudos adicionais referidos aos parágrafos anteriores poderão ser objeto de aproveitamento em cursos ulteriores. (BRASIL, 1971).

Em relação aos currículos,

Art. 4º. Os currículos do ensino de 1º e 2º graus terão um núcleo comum obrigatório em âmbito nacional, e uma parte diversificada para atender, conforme as necessidades e possibilidades concretas, às peculiaridades locais aos planos dos estabelecimentos e às diferenças individuais do aluno. (BRASIL, 1971).

No estado de São Paulo, para se adequar a essas alterações nos cursos, foi publicado o Comunicado nº 4, de 31 de janeiro de 1975, contendo sugestão de currículo para o curso HEM. Nessa sugestão, Literatura Infantil passou a integrar o conjunto de disciplinas da parte diversificada do currículo da HEM, devendo ainda ser ministrada na 3ª e 4ª séries desse curso.

Em 1981, foi publicado, pela Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas do Estado de São Paulo (CENP), órgão vinculado à Secretaria de Estado da Educação e responsável pela elaboração de documentos relativos à Educação nesse estado, o documento *Habilitação Específica de 2º grau para o Magistério*: guias curriculares para a parte diversificada da formação especial.

Este documento contém as prescrições para as disciplinas que integram a parte diversificada dos currículos da HEM, no qual sobre a disciplina Literatura Infantil são

apresentadas as “[...] sugestões para a elaboração de um planejamento de curso que [...] serão úteis para o desenvolvimento desse componente curricular”. (SÃO PAULO, 1981, p. 9).

Sobre a disciplina Literatura Infantil esses guias curriculares estão estruturados da seguinte forma: introdução, objetivos da disciplina; conteúdos programáticos (unidade I, unidade II, unidade III e unidade IV); procedimentos; sugestões para elaboração de um plano de ensino de literatura infantil; sugestões para elaboração de um cronograma; sugestões para o planejamento de pesquisa programada; sugestões para escolha de textos teóricos para cada tema dos conteúdos programáticos; sugestões de textos literários infantis e sugestão de bibliografia teórica sobre Literatura Infantil.

Sendo assim, o documento *Habilitação Específica de 2º grau para o Magistério: guias curriculares para a parte diversificada da formação especial* dispõe que

A Literatura Infantil é uma das disciplinas que compõem a parte diversificada de Educação Geral da Habilitação Específica de Segundo Grau para o Magistério com uma carga semanal de duas aulas, essa disciplina é ministrada nas três áreas que se constitui a Habilitação Específica de Segundo Grau para o Magistério, ou seja, na área de Magistério na Pré-Escola e nas de Ensino de 1.ª e 2.ª séries e de 3.ª e 4.ª séries. (SÃO PAULO, 1981, p. 31).

A justificativa para a inserção da disciplina Literatura Infantil no currículo da HEM, de acordo com o guia curricular para a disciplina “[...] se reveste da maior importância se atentarmos para o fato de que essa disciplina vai colocar o professorando em face da problemática que envolve a leitura feita pelas crianças”. (SÃO PAULO, 1981, p. 31)

Assim, o documento assenta-se nos objetivos para formação do magistério:

- Propiciar uma reflexão sobre a conceituação de literatura infantil;
- Permitir a discussão sobre o problema da função ou funções da literatura infantil;
- Dar informações ao futuro professor sobre as principais características dos gêneros literários a que se filiam as obras literárias destinadas à infância;
- Focalizar, numa visão panorâmica diacrônica, a preocupação em despertar na criança, o gosto pela literatura;
- Analisar a situação da literatura infantil, no Brasil;
- Dar informações sobre os principais requisitos exigidos numa obra literária, destinada à infância;
- Dar condições, ao futuro professor, para que, conhecendo os problemas básicos que dizem respeito ao relacionamento criança/literatura, possa analisar e criticar livros infantis, para, futuramente, orientar e incentivar a leitura das crianças, despertando-lhes o gosto literário e nelas desenvolvendo um hábito fundamental para o adequado desempenho das atividades culturais. (SÃO PAULO, 1981, p. 32).

De acordo, então, com os guias curriculares (1981), quando o professor conhece o essencial sobre a importância da literatura para a infância, sobre a motivação que sempre levou o adulto a despertar nas crianças o gosto pela leitura, sobre a atualidade nacional e mundial, em termos de livros infantis, e sobre os requisitos fundamentais das obras literárias

para crianças, o professorando, que se prepara para exercer o magistério na pré-escola e nas quatro séries do primeiro grau, estaria em condições de desenvolver, nas crianças, hábitos de leitura que poderiam acompanhá-las por toda a vida.

2 FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA EEPSP PREFEITO JOSÉ RIBEIRO E A DISCIPLINA LITERATURA INFANTIL

Neste capítulo situo o município de Paranapuã e a EEPSP Prefeito José Ribeiro, relativamente à formação de professores. Destacando a disciplina Literatura Infantil. Assim, apresento o curso HEM e a disciplina Literatura Infantil na EEPSP Prefeito José Ribeiro, no período em que foi ofertada nos anos 1980.

2.1 O município de Paranapuã e suas escolas

O município de Paranapuã está localizado na Figura 1.

Figura 1: Mapa do estado de São Paulo com destaque à localização do município de Paranapuã



Fonte: PARANAPUÃ. In: Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Paranapuã>>.

Como mostra a Figura 1, Paranapuã¹⁹ é um município localizado no noroeste do estado de São Paulo, no Brasil, localizado a uma latitude 21°46'05" a sul e a uma longitude 50°46'18" a oeste, estando a uma altitude de 474 metros, pertencendo à microrregião de Jales²⁰. Nos anos 1980, de acordo com os dados do IBGE (1991)²¹, a cidade possuía uma população de aproximadamente 6000 habitantes²², tendo a sede cerca de 3.500 e o distrito de Mesópolis cerca de 2500. A população da zona rural era de cerca de 2000 habitantes, sendo a maioria de cor branca e parda, havendo ainda, um grande número de imigrantes japoneses. O município contava com base econômica a agricultura e pecuária e de acordo com o IBGE (2010) a cidade tem hoje uma população de 3 815 habitantes e área de 140,5 km².

Em 1949, Paulo Guilherme Ferraz²³, grande proprietário na região, adquiriu as terras do atual município, então desabitadas, por meio de leilão, promovendo o loteamento de suas terras, para facilitar o povoamento e fundação de um patrimônio, concretizado por João Batista Schiavon²⁴, que adquiriu uma gleba de 56 alqueires. Os fundadores denominaram o povoado, inicialmente, de "Entre Rios", por se localizar entre os dois rios: Grande e Paraná. Todavia, optaram pelo Topônimo indígena Paranapuã que, significa "mar redondo" pela junção de *paraná* (mar) e *apu'a* (redondo), mas segundo alguns autores, significa "rio grande das abelhas".

Entre os fatores marcantes no desenvolvimento de Paranapuã, destacam-se a ascensão econômica de Jales, de então recente fundação (fundada a 15 de abril de 1941), e a atuação de companhias de colonização no noroeste de São Paulo, que atraíram povoadores. Outro fator foi a implantação da estrada de ligação com Jales e consequente acesso à Estrada de Ferro Araraquara, possibilitando o escoamento dos produtos cultivados e desenvolvimento da lavoura.

¹⁹Dados sobre o município e sua fundação extraídos do site. (Cf. IBGE. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/saopaulo/paranapua.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2015).

²⁰ A microrregião de Jales é uma das microrregiões do estado brasileiro de São Paulo pertencente à Mesorregião de São José do Rio Preto. Está dividida em 23 municípios, sendo Aparecida d'Oeste, Aspásia, Dirce Reis, Dolcinópolis, Jales, Marinópolis, Mesópolis, Nova Canaã Paulista, Palmeira d'Oeste, Paranapuã, Pontalinda, Populina, Rubinéia, Santa Albertina, Santa Clara d'Oeste, Santa Fé do Sul, Santa Rita d'Oeste, Santa Salete, Santana da Ponte Pensa, São Francisco, Três Fronteiras, Urânia e Vitória Brasil. (MICRORREGIÃO DE JALES, 2014).

²¹Fonte: IBGE - Censo Demográfico 1991.

²² De acordo com o Censo Demográfico 1991, Mesópolis pertencia a Paranapuã, por isso, uma população de aproximadamente 6000 habitantes. Embora seja importante destacar sobre a população em idade escolar, de acordo, ainda com o IBGE, nessa época em que focalizei minha pesquisa, poucas crianças ainda não frequentavam a escola, a maioria estava seguindo o processo de alfabetização de acordo com as faixas etárias.

²³ De acordo com os arquivos do IBGE e do município, Paulo Guilherme Ferraz era proprietário de terras nesta região. Não encontrei maiores informações sobre ele até o presente momento.

²⁴ Não foi encontrado dados sobre João Batista Schiavon até o momento.

Em relação à formação administrativa, em 1959, a região adquiriu o *status* de distrito pertencente a Dolcinópolis, pela Lei estadual nº 5285, de 18-02-1959. Em 28 de fevereiro de 1964, o distrito adquiriu a condição de município autônomo pela Lei nº 8092.

Ao pesquisar documentos na Escola Estadual Prefeito José Ribeiro, localizei um documento intitulado *Salve Paranapuã no seu 3º aniversário*, de 1968, com imagens sobre o que havia na cidade até aquele ano e com dados sobre a cidade.

Numa das reportagens Paranapuã recebe o *slogan* de “cidade progresso”, “cidade futuro” pelo então Chefe do Executivo Municipal de Paranapuã, Sr. José Ribeiro. De acordo com José Ribeiro “cidade futuro” é o mesmo que uma cidade desabrochando e seu povo espera que o progresso venha mais acentuado. José Ribeiro acrescentou que muita gente não sabia que a arrecadação municipal aumentara, pois em 1965 foram arrecadados: (Ner\$50.500,00); em 1966: Ner\$112.000,00; em 1967: Ner\$ 292.825,00; e para 1968 a previsão era de Ner\$ 500.000,00 a Ner\$ 600.000,00. Daí o nome “cidade futuro” porque sem dinheiro nada se podia fazer, de acordo com o prefeito.

No documento *Salve Paranapuã no seu 3º aniversário* localizei dados que informam que em 1968, o município constava com os seguintes aspectos no setor educacional, como mostra o Quadro 6.

Quadro 6 - Escolas em Paranapuã, em 1968

NOME DA ESCOLA	BAIRROS QUE CONTEMPLAVAM AS ESCOLAS	ANO DE CRIAÇÃO
Retiro Velho	Bairro do Saltinho, Fazenda Junqueira, Corrêgo do Cedro e Fazenda São João	Não localizei
Grupo Escolar de Paranapuã (construído pelo Estado de São Paulo – Governo Abreu Sodré)	Fazenda Santa Izabel	1958
Ginásio Comercial de Paranapuã – funcionando no Grupo Escolar	Bairro da Aldeia	1958
Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Paranapuã ²⁵	Centro da cidade	1966

Fonte: *Salve Paranapuã no seu 3º aniversário*.

A partir do Quadro 6, observa-se que Paranapuã, embora sendo então recentemente elevada a município, apresentava um bom setor educacional comparativamente a sua

²⁵ Quando foi criada em 1966, a EEPSG Prefeito José Ribeiro era denominada EEPSG Paranapuã, no entanto, o curso HEM só funcionou a partir de 1983.

população em idade escolar, criando em 1958, quando era distrito de Dolcinópolis, o Grupo Escolar por meio do Decreto de nº 1 publicado em 02 de dezembro de 1958 nos termos dos artigos 201 e 205 do Decreto nº 17.698 de 26 de novembro de 1947. Funcionando juntamente com o Grupo Escolar, havia também o Ginásio Comercial de Paranapuã, fundado no mesmo ano (1958). E em 1966 é instalado no município o Ginásio Estadual de Paranapuã denominado EEPSG de Paranapuã. Isso talvez se deveu ao lema da gestão do prefeito José Ribeiro “escola para todos”, tanto o é que passou a denominar a EEPSG de Paranapuã, a partir de 1978, como se observará mais adiante, neste texto.

De acordo com a revista publicada *Salve Paranapuã no seu 3º aniversário*, entre as inúmeras realizações do prefeito destaca-se, a promoção ao desenvolvimento educacional, como observado em relação ao Quadro 6. Assim, procedeu à reforma do Grupo Escolar da Sede e do Distrito, bem como de todas as classes das escolas isoladas do município. No segundo ano de seu mandato, conseguiu junto à Administração Estadual, a construção da Escola de Primeiro e Segundo Graus de Paranapuã, com capacidade para mil alunos, e a criação da escola isolada no Bairro do Saltinho. O curso de Contabilidade também foi instalado na cidade durante sua gestão, o que evitou o êxodo da juventude estudantil da região, naquela época.

O Prefeito José Ribeiro nasceu em Nova Granada/SP, em 4 de dezembro de 1925, filho de Bento José Ribeiro e Alexandrina Luiza das Dores. Em 18 de junho de 1951, mudou-se para Paranapuã (nesta época, um pequeno vilarejo), juntamente com seus pais, seus irmãos e sua esposa, Olivina Batista Ribeiro, na época com dois filhos, Wilson Ribeiro e Irene Ribeiro. Vieram por terem adquiridos uma propriedade rural onde todos trabalhavam. O casal teve mais cinco filhos neste município: Isaura Ribeiro, Célia Ribeiro, Gerson Ribeiro, Maria José Ribeiro e Sandra Ribeiro.

Em 1963, candidatou-se a vereador pelo município de Dolcinópolis para representar o distrito de Paranapuã. Foi eleito pelo Partido Social Democrático (PSD) em primeiro lugar com 347 (trezentos e quarenta e sete votos), conforme descrito em Ata original, artigo 118 do Código Eleitoral, Lei nº 1.164 de 24/07/1950.

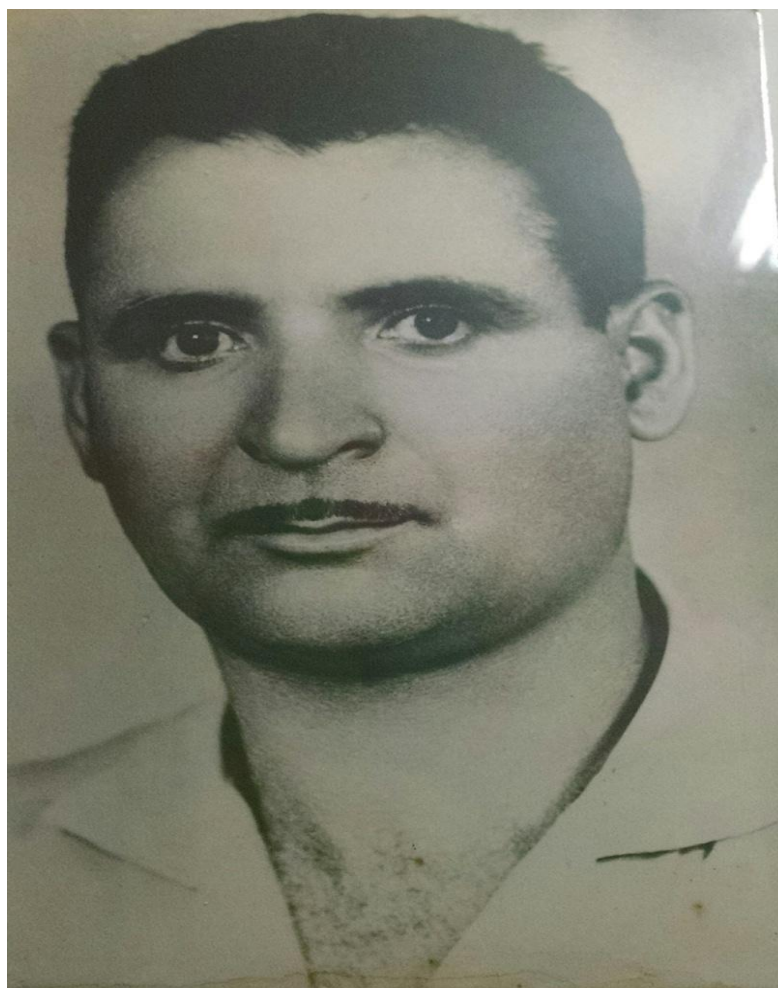
Em 1964, ano da emancipação política e criação do município de Paranapuã, José Ribeiro, então vereador em Dolcinópolis candidatou-se e foi eleito prefeito de Paranapuã, diplomado pelo juiz eleitoral da Comarca de Jales, conforme legislação vigente no dia 08/03 1965.

Morreu em acidente de carro na Rodovia Washington Luis – município de São Lourenço do Turvo - Km 318 às 22h30 do dia 29/04/68. Estava a serviço da Prefeitura em

busca de recursos para construção da Praça, juntamente com o Prefeito de Meridiano; seu sepultamento aconteceu no dia 01/05/68 com missa de corpo presente rezada pelo Bispo Dom Arthur.

Ao inaugurar o novo prédio onde funcionaria o grupo escolar e o ginásio estadual, atendendo pedido da comunidade por meio do Deputado Estadual Roberto do Valle Rollemberg, a Assembléia Legislativa aprovou o decreto 5.943, publicado em 05/04/1975 e o governador sancionou e promulgou a Lei nº 1.704/78 pub. em 06/07/78 que autorizou a mudança de EEPG de Paranapuã para EEPG Prefeito José Ribeiro”– Processo nº 007532/86- DRE/SJRP-CONESP- aut. ocupação do prédio – ampliação.

Figura 2 - Retrato do Prefeito José Ribeiro



Fonte: Escola Estadual Prefeito José Ribeiro.

A Figura 2 mostra a imagem do Prefeito José Ribeiro, sendo essa a mesma imagem que se encontra na EE Prefeito José Ribeiro.

2.2 EEPSG Prefeito José Ribeiro e a disciplina Literatura Infantil

Criada em 24 de janeiro de 1966 por meio do decreto nº 9457 de 27 de janeiro de 1966 a única escola estadual do município de Paranapuã era denominada como Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus “Paranapuã” (EEPSG “Paranapuã”), conforme observado. E como mostra a Figura 3:

Figura 3 - Fachada da frente da EEPSG Prefeito José Ribeiro



Fonte: Arquivos da EE Prefeito José Ribeiro

A Figura 3, refere-se a fachada da escola na Avenida Luizete.

Em virtude de o município pertencer à microrregião de Jales, já mencionado anteriormente, a escola pertencia à Delegacia de Ensino de Jales. (atual Diretoria de Ensino de Jales).

De acordo com a ficha cadastral da escola e com o plano escolar de 1981, era localizada no centro da cidade, na Avenida Luizete (avenida central), sendo o prédio próprio do estado, podendo dizer que havia uma boa infraestrutura, pois, era distribuído da seguinte maneira:

- pavilhão destinado à Administração: 1 diretoria, 1 secretaria, 1 sala de assistente, 1 sala de professores, 2 sanitários para professores (masculino e feminino), 1 sala do CCE, 1 sala de dentista, 1 biblioteca, 1 sala para mimeógrafo e 1 almoxarifado.

- pavilhão destinado às salas de aula: 12 salas de aulas bastante arejada, com uma área de 49m², possibilitando atender ao modelo pedagógico de 35 alunos por classe, com reserva de 12m² para o professor.

-pavilhão destinado à zeladoria: 1 zeladoria, 1 cozinha, 1 sala para pré-primário, 1 sanitário, 1 sala de educação física, 1 sala de material de fanfarra e 1 cantina.

- pavilhão destinado a Sanitários: 5 sanitários masculinos e 6 sanitários femininos, além de vestuário de alunos.

- área de lazer: pátio coberto e duas quadras de esporte.

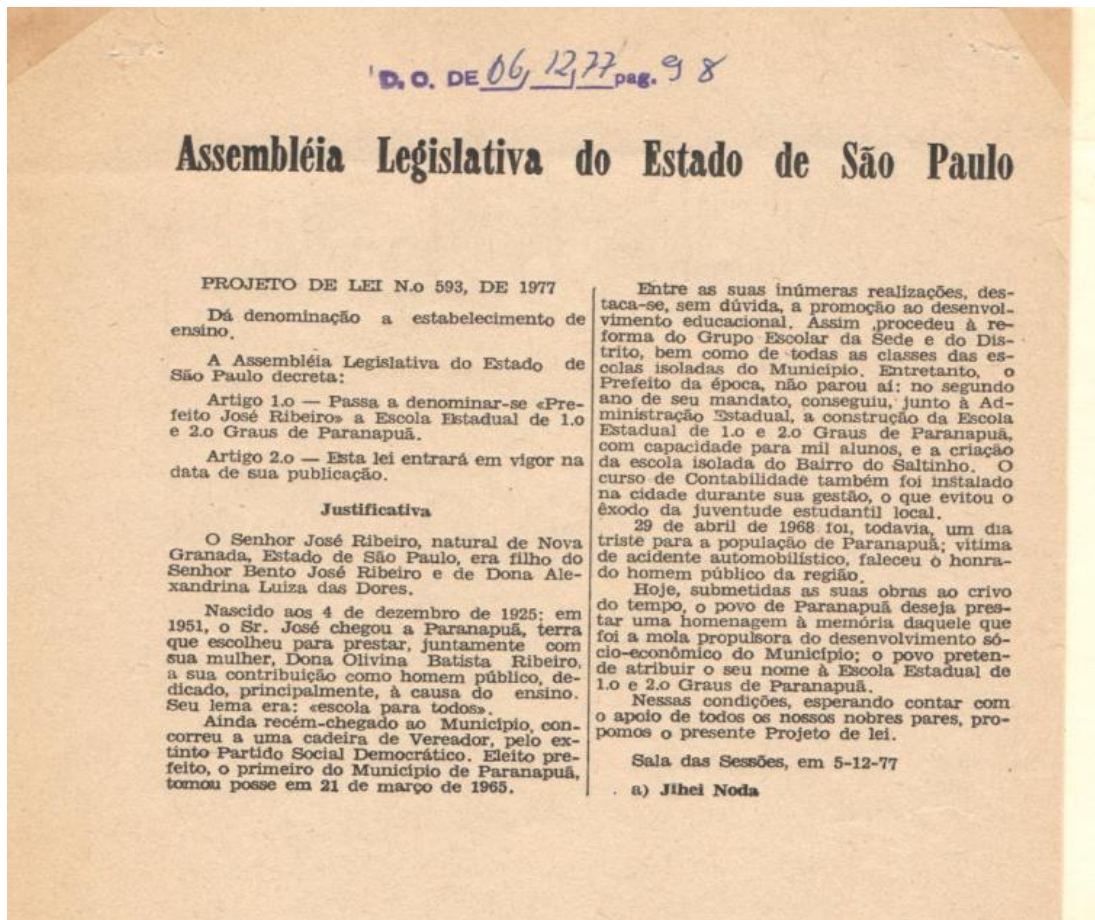
-biblioteca: a biblioteca até o ano de 1981 constava com 965 livros.

A EEPSG Prefeito José Ribeiro, no início dos anos 1980 atendeu a uma clientela de 777 alunos no primeiro grau e 160 alunos no segundo grau e 54 alunos no curso supletivo nível I e II, funcionando nos três períodos, manhã, tarde e noite, atendendo à população da cidade independentemente dos padrões econômicos existentes na época, lembrando que a base econômica do município era a agricultura e pecuária. Ao que tudo indica, em sua criação e instalação, a EEPSG Prefeito José Ribeiro ofertava o ensino de 2º grau, mas não o profissionalizante, instalado só no ano de 1983 com o curso HEM. E em relação a HEM, não se tem informações sobre a quantidade de alunos matriculados.

Em 1977, o Deputado Jihei Noda²⁶, apresentou o projeto de Lei nº 593, de 1977, na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, que visava a denominar Prefeito José Ribeiro a até então Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus de Paranapuã, como se pode observar na Figura 4.

²⁶ Jihei Noda nasceu em 16 de janeiro de 1918 na província de Saga, Japão e faleceu em 8 de maio de 1993. Filho de Jishichi Noda e Fumi Noda, imigrantes japoneses que desembarcaram em 15 de julho de 1925 no porto de Santos, naturalizou-se brasileiro em 1949. Ingressou no serviço público em 1954, como engenheiro da prefeitura de São Paulo. Lá, ocupou diversos cargos, inclusive o de chefe de gabinete do secretário de obras da prefeitura, na gestão do prefeito Francisco Prestes Maia. Foi sócio-fundador e presidente honorário da Associação dos Produtores Hortifrutigranjeiros do Estado de São Paulo e da Associação Brasileira de Assistência Mútua; além de ter sido bastante atuante na comunidade japonesa. Durante toda sua trajetória política concentrou sua atuação pública em temas relativos ao abastecimento, ao transporte e à proteção ao meio ambiente. Foi eleito deputado estadual em 1970, tendo exercido três mandatos consecutivos. Após o término de seu último mandato continuou a se dedicar à comunidade japonesa e a atuar na área da agricultura.

Figura 4 - Projeto de lei nº 593, de 1977

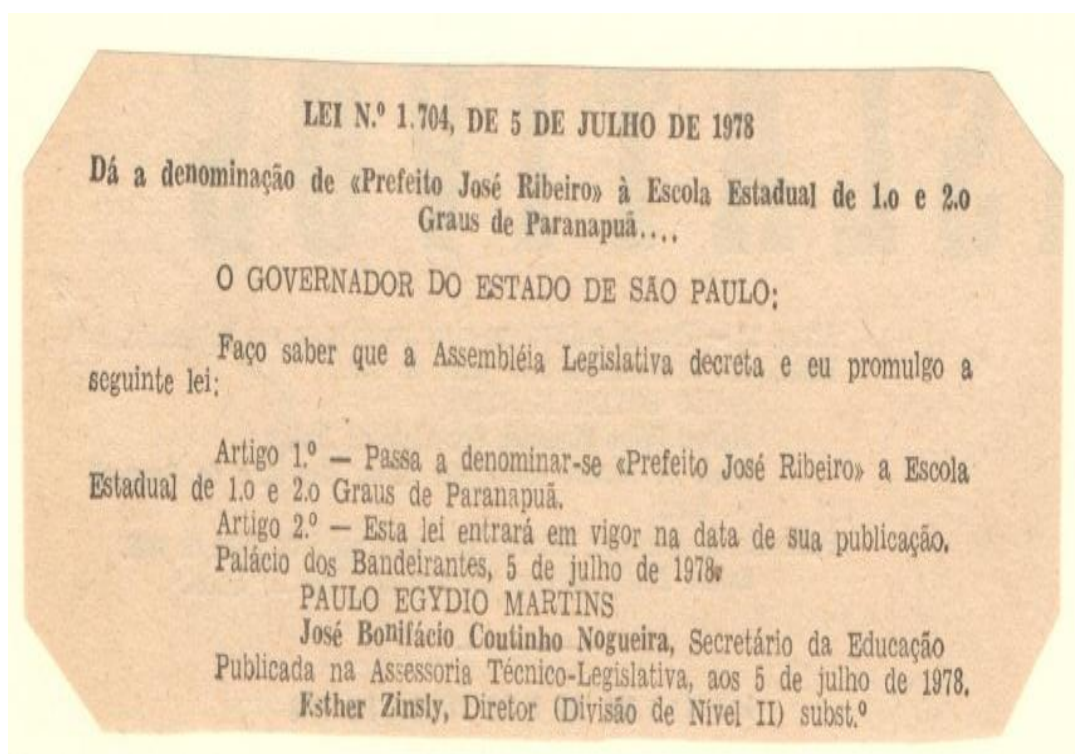


Fonte: Arquivos da Escola Estadual Prefeito José Ribeiro

Como se lê na Figura 4, para o Deputado Jihei Noda a justificativa da troca de nome da EEPG Paranapuã para EEPG Prefeito José Ribeiro se fazia necessário, pois o povo de Paranapuã nos anos 1970 desejava homenagear a memória daquele que para eles fora a mola propulsora do desenvolvimento sócio-econômico do município.

Por meio da lei nº 1704, de 5 de julho de 1978, o governador do estado de São Paulo deu, então, a denominação de Prefeito José Ribeiro à EEPG de Paranapuã, como pode se observar na Figura 5:

Figura 5 - Lei nº 1704, de 5 de julho de 1978



Fonte: arquivos da Escola Estadual Prefeito José Ribeiro.

Conforme a Figura 5, aos 5 de julho de 1978, o governador do estado de São Paulo, Paulo Egydio Martins²⁷, promulgou a lei que deu a denominação de EEPSPG Prefeito José Ribeiro à EEPSPG de Paranapuã.

A Resolução SE nº 33, de 08 de fevereiro de 1983, dispôs sobre a autorização de instalação de habilitação profissional e de formação profissionalizante básica, em nível de 2º grau, em escolas de redes oficial de ensino do interior do estado de São Paulo. Sendo assim, o secretário de estado da educação, Paulo de Tarso Santos²⁸, no uso de suas atribuições e

²⁷ Paulo Egydio Martins nasceu em 2 de maio de 1928 em São Paulo. É um empresário brasileiro, funcionário público e político. Formou-se pela Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil (atual UFRJ), no Rio de Janeiro, em 1951. Foi superintendente do Departamento de Engenharia e depois, gerente geral da Byington & Cia. Iniciou sua carreira pública na esfera federal, quando foi ministro da Indústria e Comércio do governo do presidente Humberto Castelo Branco. Foi o décimo-segundo governador do estado de São Paulo, eleito indiretamente durante o governo de Ernesto Geisel, pelo então colégio eleitoral. Atualmente é diretor-presidente da Itaucorp S.A.

²⁸ Paulo de Tarso Santos nasceu em 12 de janeiro de 1926 em Araxá. É um advogado e político brasileiro. Eleito deputado federal pelo Partido Democrata Cristão por duas vezes, posteriormente foi então prefeito do Distrito Federal no governo de Jânio Quadros, foi ministro da Educação no governo João Goulart, de 18 de junho a 21 de outubro de 1963, período em que lançou como nome nacional o educador Paulo Freire, dando-lhe o suporte para seu programa de conscientização, que compreendia a alfabetização de adultos. Teve como chefe de sua assessoria o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, e como chefe de gabinete Lauro Bueno de Azevedo. Entre os oficiais de gabinete estavam Luiz Olavo Baptista e Leopoldo Collor de Melo. Com a ditadura militar foi obrigado a sair do país, permanecendo durante 6 anos no Chile acompanhado de sua família. Foi o primeiro

considerando o que lhe foi representado pela coordenadoria de ensino do interior, resolveu, de acordo com o artigo 1º, autorizar, a partir de 1983, a instalação das habilitações profissionais plenas e das modalidades de formação profissionalizante básica, nas seguintes escolas da rede oficial de ensino da divisão regional de ensino de São José do Rio Preto: Delegacia de Ensino de Jales, município de Paranapuã, EEPSG Prefeito José Ribeiro – Habilitação Específica de 2º graus para o Magistério, iniciando assim, o curso HEM na EEPSG Prefeito José Ribeiro.

A escola atendia à população em idade escolar e o curso HEM além de atender alunos do município de Paranapuã, também atendia alunos (futuros professores) de cidades vizinhas, tais como: Mesópolis, Dolcinópolis, Populina, e Santa Albertina²⁹. Esse fator implica em afirmar que a EEPSG Prefeito José Ribeiro possuía uma boa estrutura.

Por meio dos estudos realizado por Oliveira (2014), de acordo com a Indicação CEE nº15/87, o relator do Conselho Estadual de Educação, fez a seguinte observação:

Já se tornou lugar comum criticar a formação de professores das séries iniciais do 1º grau. Os meios de comunicação estão repletos dessas críticas, principalmente no período que sucede a realização de concursos públicos a que esses profissionais se candidatam. [...] há um consenso de que a escola vem habilitando professores sem as condições para assumir as relevantes funções de ensinar as crianças, sem que estejam em condições de realizar a tarefa. E a culpa, conforme se acredita, é da estrutura sobre a qual se assenta essa habilitação de 2º grau. (OLIVEIRA, 2014, p. 234).

Assim, em 1987, a HEM passou por uma reformulação no estado de São Paulo, por meio da Deliberação CEE nº. 30/87. O currículo dessa habilitação passou a ser organizado em “Parte Comum” e “Parte diversificada”. Na “Parte Comum”, não houve alterações das disciplinas fixadas. Na “Parte diversificada” foi estabelecido que algumas disciplinas poderiam ser de escolha das próprias escolas, visando a atender às necessidades específicas da formação dos professores de cada localidade. Assim, por ser integrante da “Parte diversificada” do currículo, a disciplina Literatura Infantil ficou a critério de cada instituição que oferecia esse curso. Desse modo, pelas grades curriculares a que tive acesso na EEPSG Prefeito José Ribeiro pude observar que a disciplina Literatura Infantil foi ministrada de 1985 a 1989, no 4º

brasileiro exilado no Chile, e quem deu apoio aos brasileiros que foram chegando como Paulo Freire, Fernando Henrique Cardoso, Almino Afonso, entre outros. Foi Secretário da Educação do Estado de São Paulo no Governo de Franco Montoro, de 1983 a 1987, e diretor do Memorial da América Latina, localizado no município de São Paulo.

²⁹ Até o momento, em relação a quantidade de alunos (futuros professores) formados na HEM, não sei informar, pois ao perguntar na secretaria sobre este item, a secretaria da escola relatou que antes os alunos assinavam um documento na retirada do certificado e diploma, mas que em uma época mudou (não necessitava assinar documento), então ficou difícil saber quantidade exata dos alunos que se formaram na HEM de 1983- 1993.

ano do curso. O 4º ano era destinado à formação para atuar no ensino pré-escolar, como mostram o Quadro 7 e Quadro 8³⁰.

Quadro 7 – Grade curricular do 4º ano (1985 – 1988)

PARTE	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
Núcleo comum	Educação Física	3 aulas semanais
Fundamentos da Educação Pré-Escolar/ mínimo profissionalizante	Aspectos Histórico, Legal, Filosóficos e Sociológico	3 aulas semanais
	Nutrição e Higiene no Desenvolvimento Pré-escolar	3 aulas semanais
	Psicologia Desenvolvimento Pré-Escolar	3 aulas semanais
	Problemas de Aprendizagem	3 aulas semanais
	Didática da Educação Pré-escolar	4 aulas semanais
Diversificada	Literatura Infantil	2 aulas semanais
	Programa Informação Profissional	2 aulas semanais
Matérias de Livre Escolha	Educação Artística da Criança	3 aulas semanais
	Educação Física Infantil	2 aulas semanais

Fonte: Grade curricular da EEPSPG Prefeito José Ribeiro dos anos 1985 a 1988.

³⁰ Optei em colocar a grade curricular da 4ª série da HEM, pois foi nesse ano que era ofertada a disciplina Literatura Infantil.

Quadro 8 - Grade curricular do 4º ano (1989)

PARTE	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
Núcleo comum	Educação Física	3 aulas semanais
Fundamentos da Educação Pré-Escolar/ mínimo profissionalizante	Aspectos Histórico, Legal, Filosóficos e Sociológico	3 aulas semanais
	Nutrição e Higiene no Desenvolvimento Pré-escolar	3 aulas semanais
	Psicologia Desenvolvimento Pré-Escolar	4 aulas semanais
	Problemas de Aprendizagem	3 aulas semanais
	Didática da Educação Pré- escolar	5 aulas semanais
Diversificada: Matérias de Livre Escolha	Literatura Infantil	2 aulas semanais
	Educação Física Infantil	3 aulas semanais
	Educação Artística da Criança	3 aulas semanais

Fonte: Grade curricular da EEPSG Prefeito José Ribeiro (1989)

Como se pode observar nos Quadros 7 e 8, seguindo a legislação em vigor, a disciplina Literatura Infantil era ofertada na “Parte diversificada”, da 4ª série da HEM, com duas horas aulas semanais e no ano de 1989 com três horas aulas semanais. Isso a igualava as outras matérias como Educação Artística da Criança, Educação Física Infantil, constituindo o rol de disciplinas com menor carga horária na formação de professores da EEPSG Prefeito José Ribeiro.

Como não obtive informações sobre o conteúdo ministrado na disciplina Literatura Infantil, restou-me buscar nos arquivos escolares e nas “evidências orais” dos professores se o prescrito nos guias curriculares (1981) era o praticado na EEPSG Prefeito José Ribeiro na formação de professores, nos anos 1980.

3 ENSINAR A ENSINAR A DISCIPLINA LITERATURA INFANTIL NA EEPG PREFEITO JOSÉ RIBEIRO

Neste capítulo apresento os professores que lecionaram a disciplina Literatura Infantil, as fontes examinadas, que correspondem aos manuais de ensino que circulavam na EEPG Prefeito José Ribeiro representando o discurso “pelo alto” e os resultados das aulas ministradas na disciplina Literatura Infantil, sendo as apropriações dos alunos com o resultado do ensino de Literatura Infantil que os habilitava a ensinar Literatura Infantil.

3.1 Os professores

Em relação aos professores que lecionaram a disciplina Literatura Infantil na EEPG Prefeito José Ribeiro, localizei três nomes de professoras, por meio do livro de folha de frequência, conforme explicado na Introdução.

Então, realizei entrevistas com as professoras da época, Haruko Takaki, que ministrou a disciplina Literatura Infantil no ano letivo de 1985 e Lídia de Jesus Capela Cardozo Silveira, que ministrou a disciplina Literatura Infantil no ano letivo de 1988, as únicas com quem consegui entrar em contato e aceitaram participar do questionário, conforme já mencionado.

Figura 6 - Fotografia da professora Haruko Takaki (atual)



Fonte: Acervo pessoal de Haruko Takaki.

A professora Haruko Takaki nasceu em 05 de fevereiro de 1940, em Pedregulho/SP, mas vive atualmente em Paranapuã e trabalha como diretora de autoescola. Começou a estudar em Pedregulho, depois foi para Ituiutaba/MG, onde terminou o curso Primário no Grupo Escolar João Pinheiro, no ano de 1950. Sobre a trajetória escolar, ela narrou:

Comecei o curso normal em Ituiutaba/ MG no colégio Santa Maria e terminei em Fernandópolis no curso normal na Escola Normal Municipal de Fernandópolis em 1958, que estava iniciando o curso normal na cidade. Em 1974, fiz licenciatura em Letras, Português e Francês pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jales. No mesmo ano, cursei a especialização em Comunicação e Expressão pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Ministro Tarso Dutra, na cidade de Dracena. Em 1975, fiz especialização em Linguística Aplicada, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jales. E em 1978, fiz licenciatura em Estudos Sociais pela Faculdade de Educação, Ciências e Artes Dom Bosco de Monte Aprazível. (TAKAKI, 2015).

Em relação à disciplina Literatura Infantil, a professora Haruko disse que as aulas eram preparadas por meio de livros didáticos, no entanto não se lembra quais eram esses “livros didáticos”, mas sempre aproveitando experiências do dia a dia e que utilizava livros

infantis para contação de história, além da confecção de cadernos de músicas infantis da época, procurando mostrar a realidade (como deveriam atuar; como agir em sala de aula) para os alunos (futuros professores). Utilizava, também, livros com jogos infantis e livros que continham experiências de professores em sala de aula, tendo como objetivo preparar os futuros professores para enfrentar uma sala de aula de crianças.

Sobre a experiência como professora, a professora Haruko deixou registrado que:

É muito bom entrar numa sala de aula e transmitir conhecimento, transmitir as minhas experiências, visando a educação das crianças, pois elas serão o nosso futuro. Ai de nós, educadores, pais e professores, se deixarmos em nossas crianças semente morrer semente (sic). É preciso ter carinho com as crianças. Até hoje tenho uma ligação com a educação, pois sempre converso com os alunos da auto escola e falo pra eles continuarem estudando, incentivando eles a estudarem de ter uma profissão na vida. Sempre levei minha vida voltada a Educação. (TAKAKI, 2015)

Figura 7 - Fotografia da professora Lídia de Jesus Capela Cardozo Silveira (atual)



Fonte: acervo pessoal de Lídia de Jesus Capela Cardozo Silveira – 2015.

A professora Lídia de Jesus Capela Cardozo Silveira nasceu em 21 de janeiro de 1948, em Venda-Nova, Portugal. Vive atualmente em Paranapuã e é comerciante, dona do mercado Casa Mattos, tendo começado seus estudos na cidade de Envendos, Portugal.

Em relação a sua trajetória como aluna, ela começou o curso normal em Taquaritinga/SP. Depois fez licenciatura em Estudos Sociais pela Faculdade de Educação, Ciências e Artes Dom Bosco de Monte Aprazível, cursou Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Urubupungá, fez licenciatura em Letras, Português e Francês pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jales. E complementou com especialização em Comunicação e Expressão pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Ministro Tarso Dutra, na cidade de Dracena.

Teve sua primeira experiência como professora no curso de adultos Mobral, depois 1ª, 2ª, 3ª séries, tendo como sequência: ginásio, colegial e magistério na escola Prefeito José Ribeiro. Prestou concurso para P1 e P3³¹, sendo aprovada nos dois, ingressando em São Paulo/SP na escola estadual Padre José Carvalho e após meio semestre foi para a escola de Mesópolis/SP e depois de algum tempo voltou para a escola Prefeito José Ribeiro, passando para assistente de diretor e em seguida para diretora, onde se aposentou.

Sobre a disciplina Literatura Infantil, a professora Lídia ressaltou:

Quando trabalhei com o magistério na disciplina de Literatura, também estava incluído literatura infantil. Naquela época os alunos eram realmente comprometidos. Nós, os professores tínhamos prazer em dar aulas e eles prazer em aprender. Nós usamos livros infantis: primeiro estudo do autor, segundo estudo do livro que incluía, leitura e análises dos fatos mais importantes, transportando para o momento da época e dramatização para as classes primárias adequadas aquele autor e leitura. (SILVEIRA, 2015).

Em relação aos livros como os textos para crianças eram trabalhados na forma descrita, além de apresentá-los nos momentos oportunos para toda a escola em forma de teatro de fantoches. O palco e os personagens eram confeccionados pelos próprios alunos (futuros professores). E havia também, o material humano, com muito trabalho em grupo. Tornava-se, então, de acordo com a professora Lídia, uma aula lúdica, agradável que era a alegria das séries iniciais e algumas dessas apresentações tiveram a avaliação da senhora diretora da época (D. Cidinha) como um verdadeiro teatro. Em relação aos manuais de ensino a professora não se lembra de ter usado, mas quando mostrei os materiais encontrados na escola ela olhou para o *Leitura na escola primária: guia para normalistas e professores* (1966) de Juracy Silveira e disse que aquele livro não lhe era estranho.

³¹ P1 era a denominação para professor de 1ª a 4ª série da educação básica e P3 era a denominação para professor de 5ª série e ginásio.

Para Lídia, a disciplina Literatura Infantil tinha como objetivo desenvolver no futuro professor o gosto pela leitura e o conhecimento dos autores infantis, deixando registrado que sua experiência como professora sempre teve como princípio o seguinte: “Educai as crianças e não será preciso punir os homens”. (PITÁGORAS).

Como se pode perceber, pelo depoimento das duas professoras, ambas tinham formação específica para atuar na disciplina Literatura Infantil. No caso da professora Haruko, havia a utilização de livros didáticos, embora não se recorde qual (is), já a professora Lídia não menciona esse instrumento, mas se familiarizou com *Leitura na escola primária: guia para normalistas e professores* (1966) de Juracy Silveira, mas não disse se utilizou ou não o manual. Ambas utilizavam-se de livros de Literatura Infantil para ministrarem suas aulas. Como as professoras não se recordam de detalhes de sua prática, mencionando atividades paralelas como o caderno de músicas e teatro, a título de exemplos, tudo leva a inferir que os livros utilizados em sala de aula serviam de pretexto para essas atividades, ou seja, ensinar a ensinar Literatura Infantil no ponto de vista das professoras era prevalecer o uso do “infantil” do gênero, com atividades lúdicas e de acordo com essa fase da vida humana.

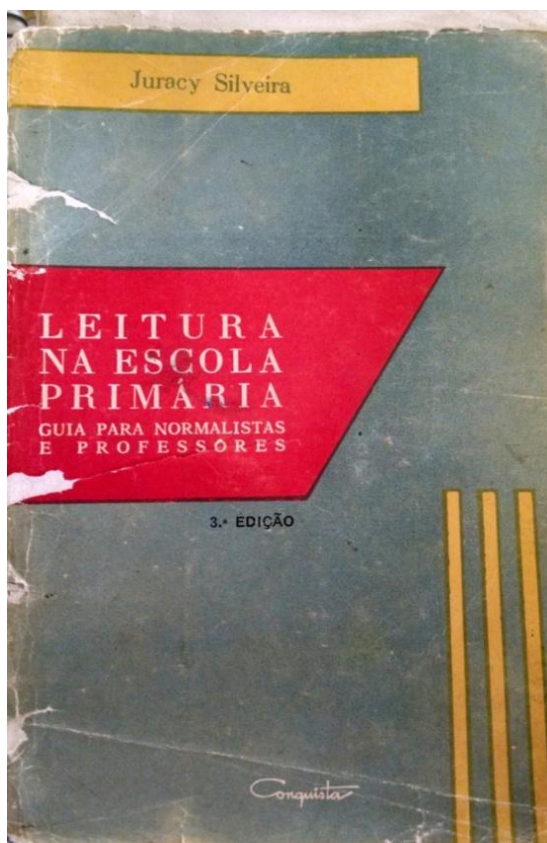
3.2 Os manuais da Biblioteca da EEPSG Prefeito José Ribeiro

Embora as professoras não tenham lembranças dos livros didáticos que utilizavam para prepararem e ministrarem suas aulas, ao voltar-me para os arquivos escolares da EEPSG Prefeito José Ribeiro, localizei manuais de ensino que, provavelmente, serviram de subsídio ou foram utilizados na disciplina, haja vista sua presença na biblioteca da escola, a saber: *Leitura na escola primária: guia para normalistas e professores* de Juracy Silveira, sendo a 3ª edição publicada pela editora Conquista em 1966; *A literatura infantil: visão histórica e crítica* de Bárbara Vasconcelos de Carvalho, sendo a 5ª edição, publicado pela editora Global em 1987; *Literatura infantil: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola* de Lúcia Lins Browne Rego, sendo a 2ª edição, publicado pela FTD em 1995 .

A opção por selecionar os manuais de ensino, deveu-se, principalmente, pelo fato de que por meio deles é possível compreender, de acordo com Oliveira (2014)

Em que condições e atendendo a que necessidades e urgências políticas e educacionais do país a matéria/disciplina “Literatura Infantil” passou a fazer parte dos cursos de formação de professores primários no estado de São Paulo; quais foram os conhecimentos e habilidades reconhecidos, em diferentes momentos históricos, como legítimos e necessários para a formação dos professores primários. (OLIVEIRA, 2014, p. 32).

Figura 8 - Capa de *Leitura na escola primária: guia para normalistas e professores* (1966) de Juracy Silveira



Fonte: Biblioteca da Escola Estadual “Prefeito José Ribeiro”.

O mais antigo, dentre os manuais localizados é *Leitura na escola primária: guia para normalistas e professores* (1966) de Juracy Silveira. Essa autora nasceu em São Fidelis/RJ, em 1898 e faleceu em 1991. Sua formação e atuação no campo educacional brasileiro estiveram marcadas pela busca por sua inserção no campo educacional. Exerceu por período restrito o cargo de superintendente de educação elementar, em 1941 e, em 1942, foi nomeada Chefe do Distrito Educacional. Foi a primeira mulher a dirigir o Departamento de Educação Primária do Distrito Federal. Convidada por Anísio Teixeira³², a autora chefiou os cursos do Centro

³² Anísio Espínola Teixeira nasceu em Caitité (BA) no dia 12 de julho de 1900 e faleceu no Rio de Janeiro no dia 11 de março de 1971. Realizou seus estudos primários e secundários nos colégios jesuítas São Luís, em sua cidade natal, e Antônio Vieira, em Salvador, transferindo-se depois para o Rio de Janeiro, então Distrito Federal, onde diplomou-se em ciências jurídicas e sociais no ano de 1922. Elaborou em 1930 novos programas para as disciplinas das escolas primárias e fundamentais da Bahia, e passou a lecionar filosofia da educação na Escola Nacional de Educação de Salvador, cujo sistema de ensino ele próprio havia reformado. No segundo semestre de 1931 transferiu-se para o Rio de Janeiro e integrou-se a uma comissão do Ministério da Educação e Saúde encarregada de estudar a reorganização do ensino secundário no país, sendo depois nomeado superintendente do Serviço de Inspeção dos Institutos de Ensino Secundário desse ministério. Presidente da Associação Brasileira de

Educacional Carneiro Ribeiro, acumulando vasta experiência e esteve, também, entre os nomes que subscreveram o Manifesto de 1959³³.

De acordo com a editora Conquista, *Leitura na escola primária: guia para normalistas e professores*, que em primeira edição constitui a primeira das publicações do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), na série II – Livros de Textos para a Escola Primária, destina-se a profissionais da educação primária e as professorandas.

Leitura na escola primária: guia para normalistas e professores teve sua primeira edição em junho de 1959, a segunda em 1960. No entanto, a que encontrei na biblioteca da escola foi a 3ª edição publicada pela editora Conquista em 1966, tendo como objetivo “[...] facilitar aos mestres a tarefa de ensinar a ler às crianças brasileiras, dando-lhe o gosto das boas leituras e a atitude de curiosidade intelectual”. (SILVEIRA, 1966, p.16).

O manual não é uma obra de literatura infantil especificamente, pois se trata de um guia para normalistas e professores do ensino primário, no que diz respeito ao ensino da leitura.

A organização da 3ª edição de *Leitura na escola primária: guia para normalistas e professores*, continha dedicatória, índice, nota explicativa de Anísio Teixeira, nota prévia por Juracy Silveira, prefácio de Lourenço Filho, introdução, doze capítulos e anexos.

Os capítulos intitulam-se “Valor cultural da leitura”, “Utilização da leitura”, “Leitura na 1ª série”, “Preparando-se para ler”, “Aprendendo a ler” “Desenvolvendo a leitura”, “Jogos de leitura”, “Organização de grupos para fins de leitura”, “Leitura em voz alta”, “Leitura silenciosa”, “Estudo das falhas e deficiências mais comuns na leitura das crianças” e “Meios de aferir a aprendizagem da leitura”. Ao todo o livro contém 313 páginas.

Educação e um dos líderes do movimento pela renovação do sistema educacional do país, Anísio Teixeira foi signatário em 1932 do manifesto intitulado *A reconstrução educacional no Brasil*, redigido por Fernando Azevedo e conhecido como Manifesto dos pioneiros da educação nova. Nele, propunha-se a adoção de um sistema escolar público, gratuito, obrigatório e leigo. Anísio Teixeira influenciou todos os aspectos da educação no Brasil, e participou de inúmeros projetos e eventos internacionais sobre o tema. Pronunciou conferências em diversos países asiáticos e americanos, elaborou programas de intercâmbio universitário, reformou o programa educacional da Organização dos Estados Americanos (OEA). Além de grande número de trabalhos publicados em revistas especializadas em educação, Anísio Teixeira deixou as seguintes obras: *Aspectos americanos da educação* (1928), *A educação no estado da Bahia* (1928), *Educação progressiva* (2ª ed., 1934), *Em marcha para a democracia* (1934), *Educação para a democracia* (1936), *A educação e a crise brasileira* (1956) e *Educação não é privilégio* (1957). (CPDOC, 2015).

³³. O ano de 1959 marca um importante momento no debate que então provocava a tramitação da LDB, futura 4.024/61, pelo Congresso Nacional. Impulsionado pela apresentação de um polêmico substitutivo pelo Deputado Carlos Lacerda, em janeiro de 1959, o debate educacional ganhou maior visibilidade nos meios comunicação e passou a envolver diferentes segmentos da sociedade civil. O principal resultado desse processo foi a articulação de um grupo de educadores em busca de uma reação organizada que fizesse frente aos princípios contidos no substitutivo Lacerda. Uma importante consequência dessa mobilização foi a divulgação do Manifesto dos Educadores Mais Uma vez Convocados. (SBHE, 2014).

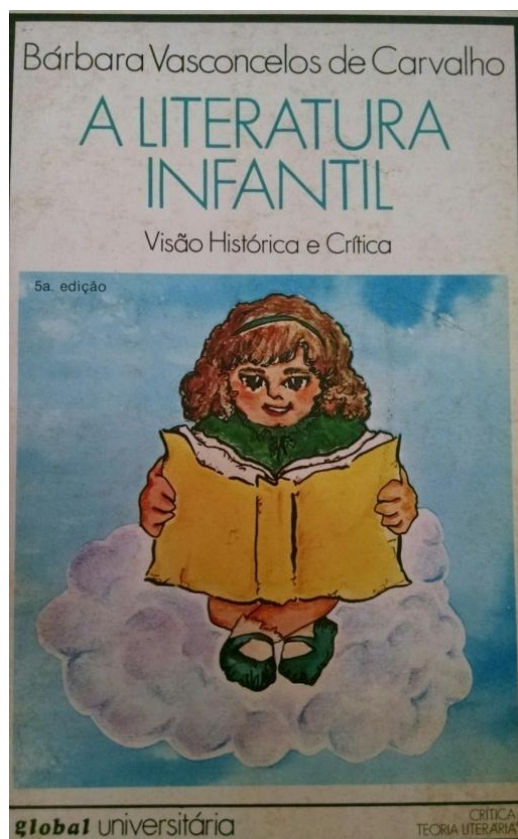
No prefácio, Lourenço Filho enfatiza que o texto de Juracy Silveira “[...] enriquece a classe de textos, os quais no melhor sentido da expressão, pode se chamar de teórico-práticos” (SILVEIRA, 1966, p. 19).

Teóricos, a aceção de que não indicam modos ou formas de ensino sem que os fundamentos em princípios inferidos de realidade; e práticos, na de que conduzem à ação, ou à melhoria da ação educativa, por estimularem a reflexão crítica, animando a substituição dos procedimentos da rotina por outros de sentido criador, que os mestres possam aceitar com íntima convicção. (SILVEIRA, 1966, p. 19).

Os textos que compõem a obra são de Literatura Infantil e parecem ter sido selecionados pelo grau de dificuldade literária, de acordo com as classes para as quais se destinavam. A autora utiliza-se tanto da poesia quanto da prosa para trabalhar variados níveis de leitura, bem como de jogos e rimas e outras atividades, além de sugestões de provas, sendo as descrições das atividades detalhadas, permitindo, assim, ao professor e ao futuro professor o entendimento das sugestões para usá-las em sala de aula.

Desse modo, nesse manual, observa-se o interesse da autora em estimular o gosto pela leitura das crianças daquela época e que foi utilizado pelos professores EEPsG Prefeito José Ribeiro com o intuito de ensinar os futuros mestres a tarefa de ensinar a ler, pois, de acordo com Silveira (1966) “A leitura é um processo mental de grande complexidade.” (SILVEIRA, 1966, p. 97).

Figura 9 - Capa de *A literatura infantil: visão histórica e crítica* (1987), de Bárbara Vasconcelos de Carvalho



Fonte: Biblioteca da Escola Estadual “Prefeito José Ribeiro”.

Outro manual localizado foi *A literatura infantil: visão histórica e crítica*, de Bárbara Vasconcelos de Carvalho (1987).

Bárbara Vasconcelos de Carvalho³⁴, nasceu no dia 5 de agosto de 1915, em Alagoinha/BA, como Bárbara Isabel Vasconcelos e faleceu em 2008, aos 93 anos de idade. Ela diplomou-se professora primária, em 1936, pelo Colégio Nossa Senhora da Soledade, e, no mesmo ano, casou-se com Aurivaldo Farias de Carvalho, a partir de quando passou a assinar Bárbara Vasconcelos de Carvalho. Após ficar viúva precocemente, essa professora passou a atuar em diferentes escolas no estado da Bahia; concomitantemente a isso diplomou-se, em 1949, bacharel e licenciada em Letras Neo-latinas pela Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia. Em 1953, mudou-se para o estado de São Paulo, para atuar como professora em escolas do interior e da capital. Em 1957 coordenou a equipe responsável pela reformulação dos programas de Português do curso pedagógico, quando apresentou projeto e

³⁴ Informações biográficas encontradas na dissertação de Oliveira (2010).

introduziu o ensino da literatura infantil nos programas do referido curso, e em decorrência dessa atividade escreveu, pioneiramente, *Compêndio de literatura infantil*.

Assim como ocorreu com a publicação de *Literatura infantil: estudos*, em 1973, decorrente da reformulação de *Compêndio de literatura infantil*, a publicação, em 1982, de *A literatura infantil: visão histórica e crítica* foi decorrente da reformulação de *Literatura infantil: estudos* e, por isso, sua publicação iniciou-se na 2ª edição. (OLIVEIRA, 2010, p. 129).

Foi publicado pela editora EDART em 1982, tendo a terceira edição sido publicada em 1983 pela Global editora, a quarta edição em março de 1985 e a quinta edição em 1987 (utilizo essa edição, pois foi a encontrada na escola).

A concepção de Literatura Infantil apresentada por Bárbara Vasconcelos de Carvalho, está relacionada “[...] ao entendimento de que, como toda Arte, a literatura infantil e, antes de tudo, recreação, jogo lúdico e, por isso é imprescindível na formação escolarizada da criança”. (OLIVEIRA, 2010, p. 130).

A literatura infantil: visão histórica e crítica de acordo com Carvalho (1987, p. 12) “[...] é um livro indispensável para os professores de todos os graus e níveis, educadores em geral, pais e todos aqueles que amam a criança, e a literatura têm em mira a boa formação estética e ética das novas gerações”.

A 5ª edição, publicada pela editora Global em 1987 foi organizada com obras da autora, agradecimentos, apresentação, dedicatória, plano da obra, vinte e cinco capítulos e bibliografia.

Esses vinte e cinco capítulos intitulam-se “A literatura infantil”, “A arte e o homem”, “O mito”, “O folclore”, “A fábula”, “Fontes da literatura infantil”, “Do conto na literatura infantil”, “O universo mágico dos contos maravilhosos”, “Simbologia nos contos de fadas”, “O século XVII”, “O século XVIII”, “O século XIX”, “A literatura infantil no Brasil”, “Monteiro Lobato”, “A literatura e a criança”, “Faixas etárias”, “A leitura na infância”, “O brinquedo”, “Linguagem e estilo na literatura infantil”, “A poesia e a criança”, “Publicações”, “teatro”, “Influência da literatura clássica na dramaturgia infantil”, “Cinema” e “Biblioteca”. Possui 314 páginas.

Para a autora,

[...] a literatura infantil é a mais importante forma de recreação para a criança, pois permite a manipulação da linguagem e é a fonte de riquezas de motivações, de sugestões e de recursos para o desenvolvimento da criança, sendo suporte de cultura e é um instrumento de diálogo entre a criança e o adulto. (CARVALHO, 1987, p. 172).

Nesse manual encontra-se também uma preocupação em oferecer a leitura de Literatura Infantil para a criança, pois a literatura infantil não constitui apenas como acervo a ser oferecido para a criança de forma aleatória, “[...] é necessário o desenvolvimento de atividade que requer conhecimento teórico, metodológico e crítico, a qual possibilita conhecer esse acervo e permite a conscientização dos que o oferecem à criança”. (OLIVEIRA, 2010, p. 131).

Para isso, Carvalho (1987) utiliza-se das especificidades das faixas etárias, tendo como base a compreensão do desenvolvimento do jogo e das características do desenvolvimento psicológico da criança. Outro conhecimento considerado necessário para a autora é o conhecimento dos requisitos para a leitura: “[...] a literatura é um fenômeno estético e ideológico, vinculado à cultura e à sua época. Como veículo educativo e considerando-se a permeabilidade da criança diante dos estímulos e motivações, é considerável o efeito que possa causar no comportamento do leitor em fase de formação”. (CARVALHO, 1987, p. 194).

Desse modo, por meio dos capítulos, a autora realizou um levantamento histórico sobre Literatura Infantil, conceituando o termo Literatura Infantil:

Literatura é evasão, prazer estético, porém comprometida de certo modo, com toda expressão de arte, com a educação, logo, com o real, com a experiência cognitiva. E é na infância que se adquire o hábito de ler, é na criança que estão todas as potencialidades e disponibilidades para o prazer da leitura. E é evidente também que se torna necessário abrir para as crianças as janelas desse mundo maravilhoso... mas é preciso saber fazê-lo. (CARVALHO, 1987, p. 194).

Assim, a partir desses requisitos da Literatura Infantil, Carvalho (1987) compreende que o gênero Literatura Infantil propicia o prazer estético ao leitor e está comprometido com a educação, com o conhecimento.

Para a autora, ainda, “[...] a literatura é o meio mais eficiente de enriquecimento e desenvolvimento da personalidade: é um passaporte para a vida e para a sociedade” (CARVALHO, 1987, p. 194). E “[...] sabe-se que a infância constitui uma fase especial de evolução e formação” (CARVALHO, 1987, p. 18) [...] “E todas as potencialidades da criança devem ser cuidadosamente cultivadas, com seriedade e amor”. (CARVALHO, 1987, p. 18).

Figura 10 - Capa de *Literatura infantil: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola* (1995) de Lúcia Lins Browne Rego



Fonte: Biblioteca da Escola Estadual “Prefeito José Ribeiro”

O último manual localizado foi *Literatura infantil: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola* de Lúcia Lins Browne Rego (1995).

Essa autora graduou-se em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco (UFP) em 1969, realizou o mestrado em Educação em 1975 pela Tulane University nos Estados Unidos e fez o Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento em 1991, na University of Oxford na Inglaterra³⁵.

O manual *Literatura infantil: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola* de Lúcia Lins Browne Rego teve sua primeira publicação em 1988, pela editora FDE, no entanto trabalho com a segunda edição, pois foi o manual encontrado na biblioteca da EEPSSG Prefeito José Ribeiro.

³⁵ Até o momento não encontrei onde a autora nasceu, mas coletei algumas informações do currículo Lattes da autora.

Nesse manual, a autora buscou salientar que a aprendizagem da língua escrita envolve muito mais do que o mero domínio do código alfabético, “[...] podendo mesmo uma criança tornar-se letrada antes de aprender a ler e a escrever. [...] através de experiências significativas com a leitura e a escrita.” (REGO, 1995, p. 07).

Dentre essas experiências destaca-se nos capítulos que se seguem a de escutar diariamente a leitura de histórias em voz alta, antecipando um espaço que se abre definitivamente para o uso da literatura infantil na pré-escola, antes e durante o processo de alfabetização. (REGO, 1995, p. 07).

A 2ª edição de *Literatura infantil: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola*, foi organizada com agradecimentos, sumário, apresentação, seis capítulos.

Esses capítulos intitulam-se: “A língua escrita: sua funcionalidade e suas características” (primeiro capítulo); “Que limites a prática pedagógica tradicional tem imposto à aquisição da língua escrita na pré-escola” e “A visão limitada do processo de preparação para a alfabetização nas classes de pré-escolar” (segundo capítulo); “Desenvolvendo uma sensibilidade para as características do texto escrito: a eficácia de um modelo de aprendizagem formal (terceiro capítulo) tendo como subtítulos “A história na escola”, “A história na família”, “O contraste entre a história na escola e a história na família” e “A importância dos modelos na aquisição da língua escrita”; “A criação de textos falados como se fossem escritos: especulações em torno de um fenômeno pouco conhecido na pré-escola” (quarto capítulo), tendo como subtítulo “Os possíveis efeitos desse tipo de aquisição sobre a aprendizagem efetiva da leitura e da escrita”; “A literatura infantil como um novo caminho para a alfabetização” (quinto capítulo), tendo como subtítulo “Adaptando um currículo informal à situação formal da sala de aula” e “Avaliando o resultado final desta forma de conduzir a alfabetização” e por último como sexto capítulo a conclusão. Ao todo contém 78 páginas.

Até o quinto capítulo, a autora retrata “[...] uma prática pedagógica na pré-escola permeada por duas concepções opostas em educação: ou se definem previamente os passos de aprendizagem que devem ser seguidos pela criança ou a deixando simplesmente livre para criar”. (REGO, 1995, p. 50).

No entanto, a autora propõe uma nova prática pedagógica, pois “[...] em termos de linguagem, a criação e a descoberta não ocorrem no vazio.” (REGO, 1995, p. 50).

Rego (1995, p. 50) acredita que tem de “[...] oferecer as crianças oportunidades de contatos com diferentes modelos, contextualizando a língua escrita através de seus usos, mesmo antes de se tornarem capazes de ler e escrever”, abordando, então, uma das questões

centrais desse processo: “[...] saber como orientar dentro da sala de aula esse contato com a língua escrita.” (REGO, 1995, p. 51).

Para a autora, a literatura possui duas credenciais básicas para ser “[...] o caminho que poderá conduzir, de forma eficaz, a criança, ao mundo da escrita.” (REGO, 1995, p. 52)

Em primeiro lugar, porque se prende geralmente a conteúdo que são do interesse das crianças. Em segundo, porque através desse conteúdo ela poderá despertar a atenção da criança para as características sintático-semânticas da língua escrita e para as relações existentes entre a forma lingüística e a representação gráfica. (REGO, 1995, p. 52).

No capítulo denominado Conclusão, Rego (1995, p. 77), procurou demonstrar que a Literatura Infantil, pode ser um “[...] instrumento pedagógico extremamente relevante durante todo o período que antecede um processo formal de alfabetização na pré-escola”. Assim, a alfabetização se transforma num processo que vai além do “[...] desenvolvimento das habilidades de codificação e decodificação, abrangendo também o estímulo à aquisição de um estilo de linguagem que pode ser extremamente importante para o êxito escolar da criança.” (REGO, 1995, p.77).

Os manuais encontrados se assemelham na questão de que é na infância que se adquire o hábito de ler, e que por meio dos professores (adultos), essa questão será desenvolvida, pois as autoras acreditam que é necessário saber fazer uma boa leitura, por isso, a necessidade de ensinar futuros professores a desenvolverem a prática de uma boa leitura.

De acordo com Oliveira (2014),

Na medida em que os manuais e programas subsidiavam a formação de professores para o ensino da literatura infantil e, posteriormente, passaram a funcionar como ‘teorização’ desse gênero literário, eles tiveram atuação direta na construção, disseminação e conformação de um padrão de literatura infantil para o Brasil. (OLIVEIRA, 2014, p. 314).

Esse padrão de literatura infantil foi se construindo nos manuais de ensino e nas prescrições oficiais e com base nas características que compunham o ‘bom’ livro de literatura infantil, os autores de manuais mencionam e/ou transcrevem um conjunto de livros e textos literários, a título de exemplo ou recomendação. (OLIVEIRA, 2014, p. 315).

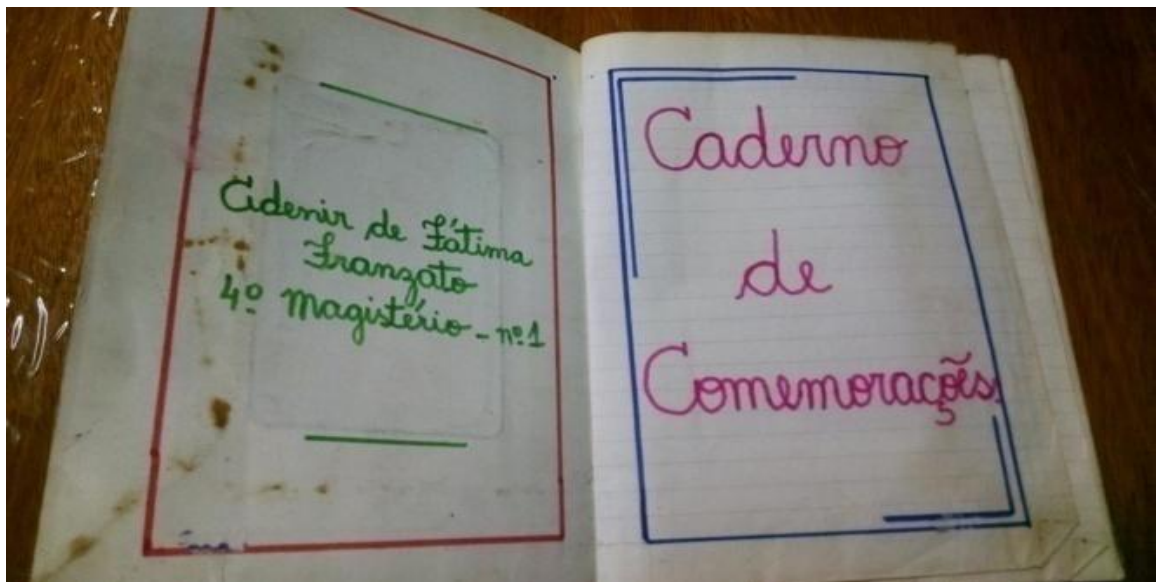
Eles retratam a necessidade da leitura por parte dos professores e o incentivo à reprodução de histórias por parte das crianças como um ponto de partida importante para o surgimento de uma segunda etapa: o momento da criação, onde as crianças são estimuladas a criarem suas histórias por meio de repertório existente.

Os manuais se assemelham, também, na questão de que a literatura se faz importante, pois permite a manipulação da linguagem para que aconteça o desenvolvimento da criança de forma eficiente.

3.3 Atividades das aulas de Literatura Infantil

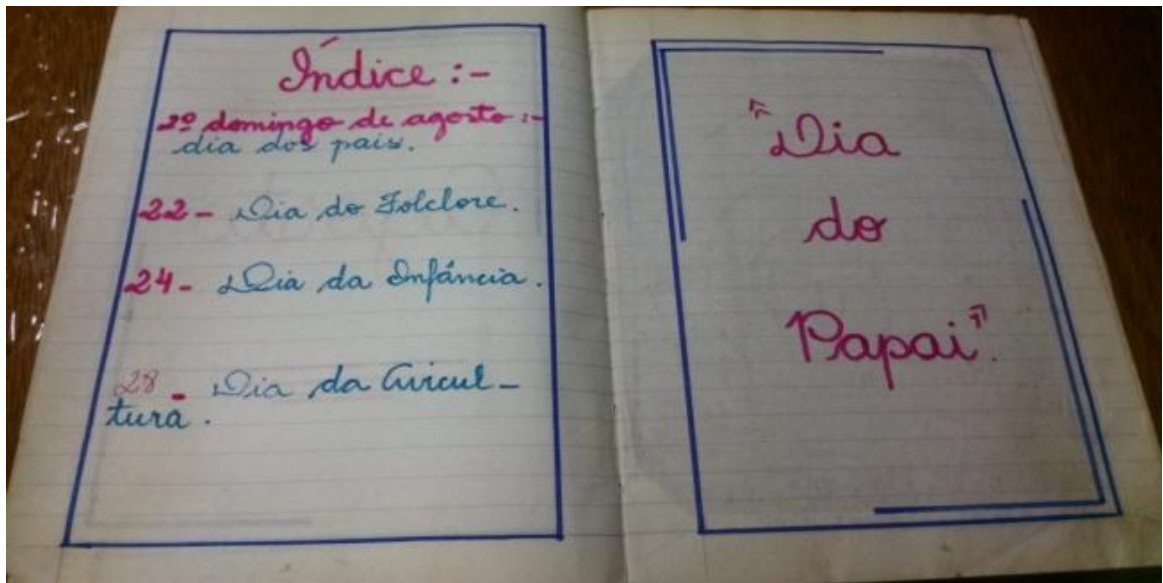
Além dos manuais de ensino, também encontrei materiais confeccionados pelas ex-alunas durante as aulas de Literatura Infantil: Adenir de Fátima Franzato (cadernos de datas comemorativas e caderno de dobradura do ano de 1983); Andréa Ferreira dos Santos (*Aventuras de Tiquinho* - livro de pano e caderno de músicas infantis do ano de 1987); Marcia Martins de Oliveira (fantoques de cartolina dos personagens do livro *Lúcia Já vou indo* do ano de 1989);

Figura 11 - *Caderno de Comemorações*



Fonte: Acervo pessoal de Adenir de Fátima Franzatto Sanches – 1983.

Figura 12 - Caderno de comemorações



Fonte: Acervo pessoal de Adenir de Fátima Franzatto Sanches – 1983.

Figura 13 - Caderno de comemorações



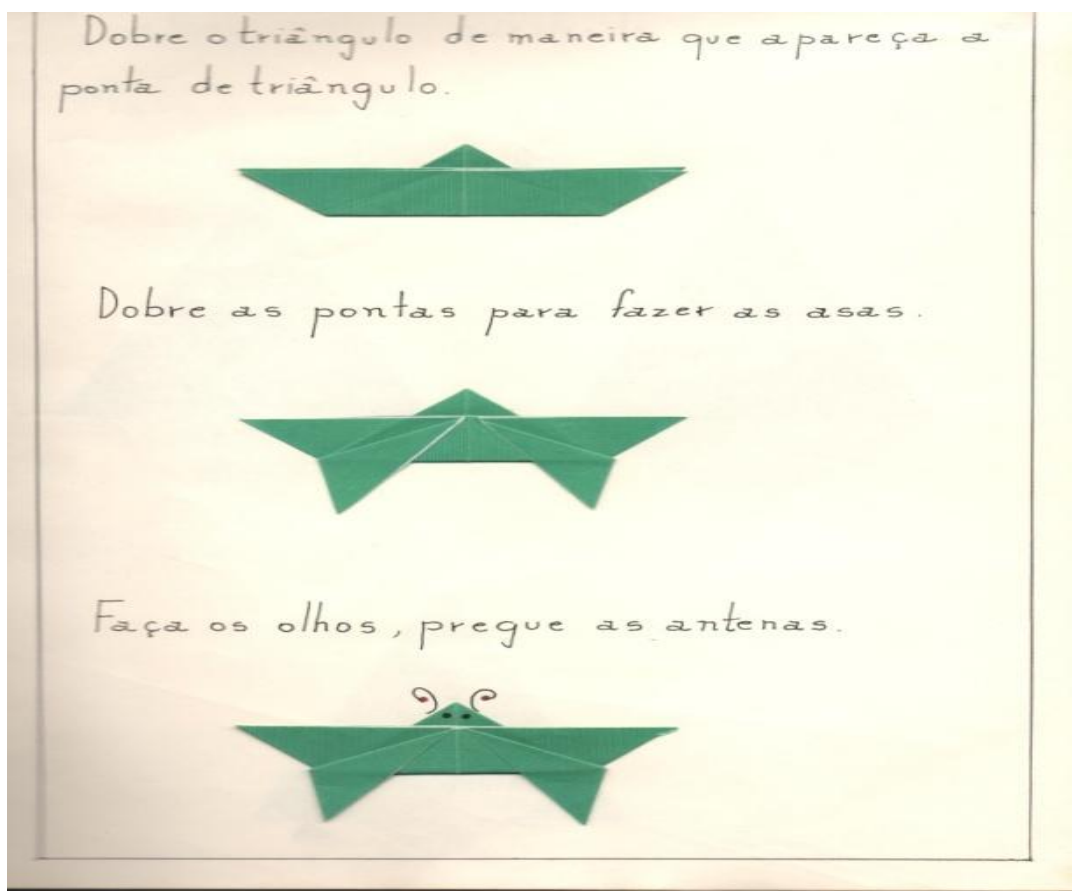
Fonte: Acervo pessoal de Adenir de Fátima Franzatto Sanches – 1983.

De acordo com as Figuras 11, 12 e 13, o material produzido denominado Caderno de comemorações, foi produzido em 1983, sendo um caderno encapado de acordo com a criatividade do aluno. Na primeira folha fazia-se a abertura do caderno e nas folhas seguintes de acordo com os meses do ano, fazia-se o índice, como pode ser visualizado na Figura 12.

Após o índice eram pesquisadas e recortadas figuras que lembrassem ou que se remetessem à data comemorada nos meses do ano como mostra a Figura 13. Depois se escrevia um texto informando sobre a data e, em sequência, quadrinhas, mensagens, poesias, músicas, jogral e outros.

O caderno que encontrei se referia ao mês de agosto em diante, por isso encontrei as seguintes datas comemorativas, do mês de agosto: dia dos pais, dia do folclore, dia da infância, dia da avicultura; mês de setembro: semana da pátria, dia da juventude, dia internacional da alfabetização, dia da árvore, semana dos bons dentes, início da primavera, dia do trânsito, início da semana de proteção aos animais; mês de outubro: dia da ave, dia da criança, dia do professor, dia mundial da saúde da boca; mês de novembro: proclamação da república, dia da bandeira, dia universal de ação de graças e por fim mês de dezembro: início do verão e natal (nascimento de Jesus)

Figura 14 - Caderno de Dobradura



Fonte: Acervo pessoal de Adenir de Fátima Franzatto Sanches – 1983.

Ainda na disciplina, os alunos também aprendiam a fazer dobraduras, como mostrou a Figura 14. O material encontrado denominado Caderno de Dobradura, também é do ano de 1983; era um caderno feito com folhas de sulfite, no qual os alunos faziam margens, utilizando papel verniz para realizar as dobraduras, e escreviam o passo a passo de cada uma delas, sendo que neste caderno a aluna utilizou folhas de verniz rosa e verde. As dobraduras encontradas foram: peixes, borboletas, coelho, pomba, baleia, copo, cachorro, barco, porco, tulipa e as dobras básicas.

Não tenho informações de que essas dobraduras se referiam a livros de Literatura Infantil lidos na sala de aula ou fora dela.

Figura 15 - Capa de *Aventuras de Tiquinho*



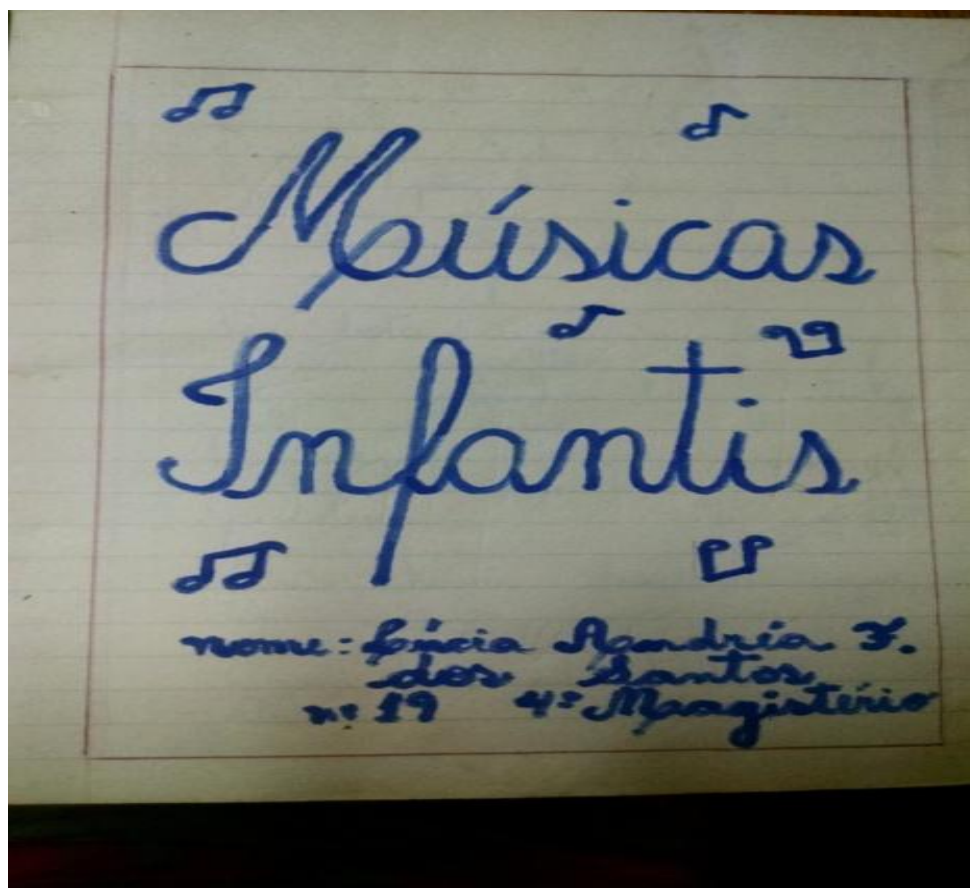
Fonte: Acervo pessoal de Lucia Andréa Ferreira dos Santos – 1987.

Os livros eram confeccionados com diferentes técnicas. O que encontrei como mostra a Figura 15 foi confeccionado em algodão, no entanto, cada aluno usufruía da sua criatividade para fazer os desenhos no tecido e na finalização do livro. *Aventuras de Tiquinho* foi pintado a mão com tinta para tecido, caneta de ponta fina própria para tecido para a escrita, e finalizado

com bico em crochê na cor amarela, combinando com os desenhos do livro. A história era escrita com a caneta e o ratinho (personagem principal da história) foi feito em outro tecido e colado com velcro, podendo mudar de página de acordo com a contação da história.

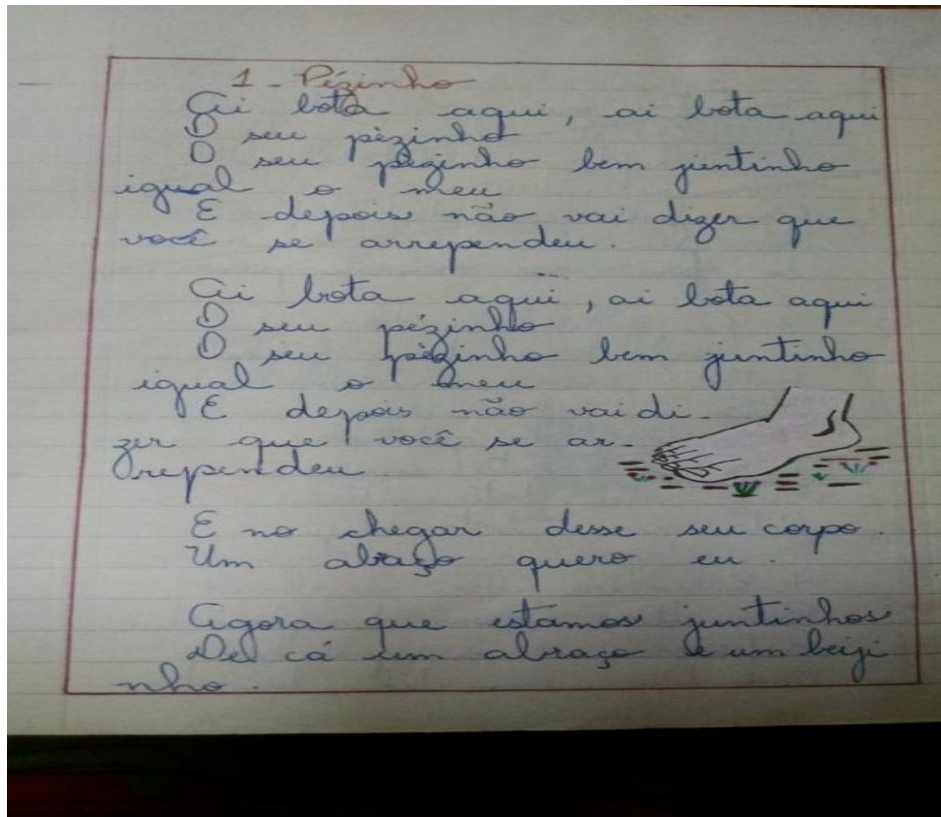
A história *Aventuras de Tiquinho* narra a história de um ratinho medroso que morava num buraco da árvore próximo de uma fazenda e que vivia com fome, então resolveu procurar comida nessa fazenda. Primeiro ele se deparou com patos, galinhas, vaca, gato e ficou com medo de todos e por isso fugiu deles, mas no final da história ele fugiu para a cozinha e encontrou a cozinheira, que ao ver Tiquinho, fugiu de medo. Então, o ratinho aproveitou para comer um queijo de minas e voltar satisfeito para o buraco da árvore, pensando que era sorte que existisse alguém mais medroso do que ele.

Figura 16 - Capa de caderno de *músicas infantis*



Fonte: Acervo pessoal de Lucia Andréa Ferreira dos Santos – 1987.

Figura 17 - Caderno de *músicas infantis*



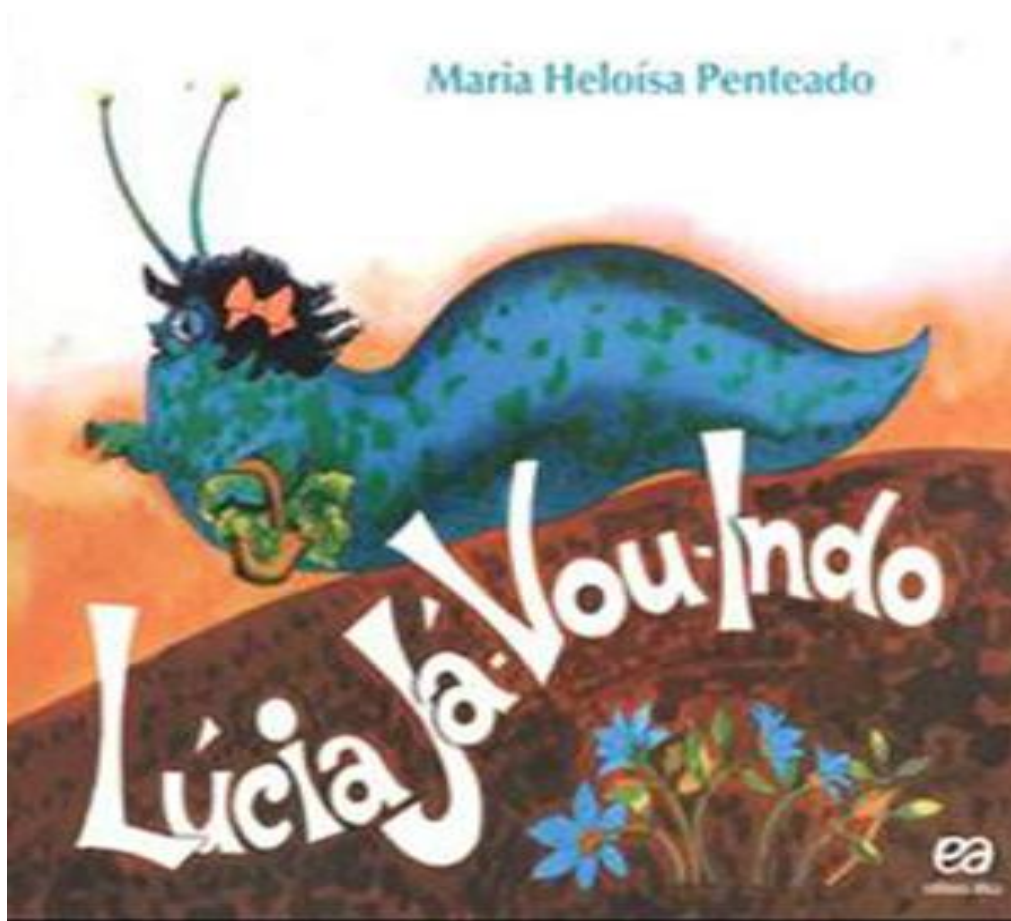
Fonte: Acervo pessoal de Lucia Andréa Ferreira dos Santos – 1987.

Na disciplina também se confeccionavam cadernos de músicas infantis, como mostram as Figuras 16 e 17. Esses cadernos de músicas eram cadernos brochuras pequenos e encapados de acordo com a criatividade e gosto do aluno. Na primeira folha fazia-se a capa com o tema a ser trabalhado (músicas infantis), nome do aluno, número da chamada e série em que estava. As músicas eram pertencentes ao folclore brasileiro, manuscritas e com ilustrações que remetiam às músicas para enfeitar as páginas do caderno.

As músicas encontradas nesse caderno foram 56 sendo elas: Pezinho; Se esta rua fosse minha; A galinha do vizinho; Marcha soldado; Peixe vivo; Prenda minha; O sapo; Pirulito; Cai chuva; Pato Pateta; Cachaça (marchinha de carnaval); Fui no Tororó; Carneirinho, Carneirão; Havia um patinho (pastorzinho); Eu vi uma barata; Atirei o pau no gato; As árvores balançam; Cachorrinho está latindo; Sonho de papel; Os dentes (Terezinha de Jesus); Palminhas; Meu galinheiro (folclore); Sapo Cururu; Samba lê lê; Marré marre; Saúde e alegria (Samba lê lê); A galinha pintadinha; Trânsito (O meu boi morreu – música); Coro falado (O saci); Capelinha de melão; Upa, upa cavalinho; Lá na estação; A canoa virou; Caninha verde; Luar do sertão; Noite de São João; Coelhoinho; Pra mamãe (música - nesta

rua); Cavalinho ploque, ploque; Eu tenho (Terezinha de Jesus); Cuidados; Eu era assim; Coelhoinho; O burrinho passou; O índio (marcha soldado); Nesta rua tem um bosque; Coelhoinho da páscoa; Meu coelho Janjão; Pastorzinho; Ciranda, cirandinha e Filha de João.

Figura 18 - Capa do livro *Lúcia já - vou - indo*



Fonte: <http://www.fabulasecontos.com/lucia-ja-vou-indo/>.

Figura 19 - Fantoches de cartolina do livro *Lúcia já - vou – indo*



Fonte: Acervo pessoal de Marcia Martins de Oliveira – 1989.

O livro *Lúcia já-vou-indo* de 1978, da escritora e ilustradora Maria Heloísa Penteadó³⁶, narra a tentativa da lesma Lúcia chegar a tempo a uma festa promovida por uma libélula que aconteceria dentro de uma semana. No entanto se pega pensando nas festas que já perdera por chegar atrasada e o tempo vai passando. E quando se pôs a caminho encontrou muitos amigos que iam para o Pé de Maracujá (local onde seria a festa): dona Içá e o marido, Lili Taturana, Zé Caramujo, formiguinhas Quem-Quem, abelhas, besouros, pernilongos, vespas e mil outros bichinhos, João-Barata do Mato, Maria Redonda (pedra). Assim, acabou chegando atrasada à tão esperada festa e chorou muito. Quando A libélula Chispa-Foguinho acordou e viu Lúcia chorando, decidiu que quem daria a festa seria a própria Lúcia, assim não teria como chegar atrasada, mas precisariam fazer algo para que Lúcia pudesse voltar para casa a tempo de começar a festa. Assim, a libélula teve uma ideia: colocar Lúcia numa folha

³⁶ Maria Heloísa Penteadó nasceu em 1919, em Araraquara e faleceu em 2 de novembro de 2014 na cidade de São Paulo. Foi uma escritora e ilustradora brasileira de livros infantis. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Helo%C3%ADsa_Pentead%C3%B3>. Acesso em: 10 jul. 2015.

de capim e levá-la voando. E, então, pela primeira vez na vida, Lúcia-Já-vou- Indo assistiu a uma festa inteirinha, do começo ao fim.

Este livro foi utilizado nas aulas de Literatura Infantil em 1989 para produção de fantoches. Desse modo, pelos documentos localizados, relativos às práticas desenvolvidas pode-se observar que havia atividades lúdicas na formação desse professor, mas não havia o estudo intensivo da literatura infantil, mesmo localizando livros (manuais) de Literatura Infantil conforme 3.2, não consegui informações sobre o uso desses livros na disciplina.

Conclui-se, de acordo com Chartier que:

O historiador procura localizar e interpretar temporalmente o artefacto num campo em que se intersectam duas linhas. Uma linha vertical, ou diacrónica, pela qual ele estabelece a relação de um texto ou de um sistema de pensamento com as manifestações anteriores no mesmo ramo de atividade cultural, (pintura, política, etc.) A outra é horizontal, ou sincrónica; através dela, determina a relação do conteúdo do objecto intelectual com que vai surgindo ao mesmo tempo noutros ramos ou aspectos de uma cultura. (CHARTIER, 1990, p. 64).

Daí, também, pode se afirmar, como Vidal (2011), que a cultura escolar não só articula em torno do conhecimento, mas da possibilidade histórica de construção de uma instituição e de tudo que a constitui.

3.4 Aspectos da disciplina Literatura Infantil na EEPSPG Prefeito José Ribeiro

De acordo com Mortatti (2001, p. 180)

As origens da literatura infantil brasileira encontram-se sobretudo na literatura Didático-escolar, que, entre o final do século XIX e início do século XX, começou a ser produzida de maneira sistemática por professores brasileiros, com a finalidade de ensinar às nossas crianças, de maneira agradável, valores morais e sociais assim como padrões de conduta relacionados com o engendramento de uma cultura escolar urbana e necessários do ponto de vista de um modelo republicano de instrução do povo. Esse ‘pecado original’ somente começou a ser enfrentado na década de 1920, com a produção do escritor Monteiro Lobato – e especialmente com a publicação de Narizinho arrebitado, quando, articuladamente à expansão e solidificação do mercado editorial tem início um processo de autonomização da literatura infantil em relação a suas origens didáticas/escolares, mediante a priorização programática de seu efeito estético e sua função de deleitar.

A partir dos anos 1970, com o chamado *boom* da produção de livros para crianças e jovens, tem-se “[...] a despeito da persistência da literatura infantil de caráter pedagogizante e de qualidade questionável – a consolidação dessa tendência esteticizante da literatura infantil brasileira.” (MORTATTI, 2001, p. 180).

Desse modo, por meio do *boom* da Literatura Infantil, a produção de livros que antes era tímida, cresceu vertiginosamente, trazendo consigo os problemas que se acentuaram: a produção era literária ou infantil?

Já nos anos 1980, surgiu uma preocupação, pois havia uma produção de literatura que crescia gradativamente em qualidade, e de cujos autores que se destacavam nessa época acabavam permanecendo. Eles permaneceram porque seus livros estavam ligados ao que a sociedade necessitava, ao que se propunha na época, pois eram anos efervescentes, anos de abertura política, após vinte anos de ditadura. Assim, a Literatura Infantil acompanhou esse processo, denunciando (características dos anos 1980), além das iniciativas e discursos que sustentaram esse processo.

A partir dos anos 1970, intensifica-se a produção científica sobre o gênero, responsável pela emergência, na cena acadêmica, de um campo de conhecimento específico, processo para o qual concorrem, dentre outros: a gradativa inserção e institucionalização da literatura infantil como matéria de ensino e/ou disciplina em currículos de licenciaturas em Pedagogia e Letras- a exemplo do que já vinha ocorrendo no curso normal-; a organização de entidades e projetos – governamentais ou não -, grupos acadêmicos e de pesquisa, seminários e congressos relativos á discussão de problemas e propostas concernentes à leitura e a literatura infantil; e, sobretudo, a expansão dos cursos de pós-graduação acompanhada de uma crescente produção acadêmica divulgada sob o formato de tese/dissertações, artigos especializados e livros. (MORTATTI, 2001, p.179-180).

Como citado, a pós-graduação brasileira instituiu os primeiros estudos sobre a Literatura Infantil; a Literatura Infantil passou a ser disciplina de ensino superior, sendo a FNLIJ a instituição responsável em organizar encontros, congressos, cursos, publicações, debates, exposição, entre outros.

Esses discursos tinham como objetivo fazer com que a Literatura Infantil deixasse seu caráter pedagógico – das origens (nascido na escola, feito para escola e produzidos pelos professores) e que os textos passassem a ter caráter literário e que essa característica prevalecesse no lugar de ensinar bons modos, de ensinar conteúdos curriculares, de doutrinação da criança, como uma das características apontadas por Mortatti (2001, p. 180) na “[...] produção de Literatura Infantil Brasileira sua oscilação entre gênero didático ou gênero literário e o correspondente esforço de superação do didatismo em favor da literaridade”.

Já em relação à disciplinarização da Literatura Infantil, esta aconteceu desde os anos 1940 no estado de São Paulo, estreitamente ligada ao processo de formação de professores no mesmo estado. Portanto, nos anos 1980, a disciplina Literatura Infantil não foi algo novo, foi um processo constituído, tendo uma nova configuração, com características próprias, com

uma série de prescrições que foram se constituindo ao longo dos anos, até chegar aos anos 1980, focalizados por mim, por meio dos guias curriculares.

Assim, a disciplina Literatura Infantil na EEPSPG Prefeito José Ribeiro, no curso HEM, está de acordo com a legislação em vigor, conforme 2.2, sendo ofertada na parte diversificada, na 4ª série da HEM, com duas aulas semanais, constituindo o rol de disciplinas com menor carga horária na formação de professores, tendo de acordo com Mortatti (2001, p.181) “[...] menoridade do campo de conhecimento”.

Nos anos 1980, a literatura era reconhecida como importante para a formação de leitores, no caso brasileiro, segundo Mortatti (2001), a Literatura Infantil

[...] trata-se de um gênero literário, cuja origem está diretamente relacionado com a organização de um aparelho escolar republicano e com certas concepções de infância, segundo as quais a criança – leitor previsto para os textos do gênero e responsável pelo qualitativo *infantil* – é um ser considerado ‘sem voz’ e ‘em formação’. Para ser crescimento integral, necessita submeter-se: ao processo de escolarização, enquanto prática sociocultural mediadora entre o mundo adulto e infantil; e à aprendizagem da leitura enquanto prática sociocultural mediadora entre os textos produzidos por adultos com finalidades de formação e seus leitores infantis. (MORTATTI, 2001, p. 182, grifos da autora).

Então, de acordo com os guias curriculares, os responsáveis pela formação do aluno na questão leitora, eram os professores. E, em relação aos depoimentos das professoras que consegui realizar o questionário, nota-se que ambas usavam livros infantis, no entanto, tudo indica que invés de estudarem, de realizarem leituras como prescreviam os guias curriculares e os discursos dos anos 1980, elas realizavam teatro, produziam cadernos de músicas, cadernos de datas comemorativas, entre outros, ou seja, faziam usos dos livros de Literatura Infantil para atividades práticas, manuscritas, destoando das leis e dos guias, sendo a Literatura Infantil um pretexto para divertir a infância.

As professoras, como já mencionado, tinham formação específica para lecionar Literatura Infantil e ambas em suas falas retratam o uso de manuais e/ou livros didáticos, no entanto, não recordaram de detalhes de suas práticas, tanto que a princípio não se recordaram de terem lecionado Literatura Infantil. Assim, tudo leva a inferir que ensinar a ensinar Literatura Infantil no ponto de vista das professoras era prevalecer o uso do lúdico do gênero.

Já, em relação aos livros infantis, como o *Lúcia já-vou-indo* de Maria Heloísa Penteadó, embora a atividade feita com ele fosse manual, confecção de fantoches, voltada ao lúdico, com intenção de divertir a infância e não para atividades com o literário, observa-se que faz parte dos textos canônicos dos anos 1980, considerados de qualidade. Assim, posso afirmar que na sala de aula circulavam textos representativos da época, no entanto, o que era feito com eles, em sala de aula, eram atividades manuais e artísticas.

Tratando dos manuais localizados na biblioteca da escola, nota-se que retratam a necessidade da leitura e o incentivo para a formação de leitores, se assemelhando na questão da importância da leitura para o desenvolvimento da criança. Esses manuais constituíam a biblioteca, e mesmo sem saber se foram utilizados pelos professores em sala de aula, infere-se que alguém – com poder decisório para formação da - pensou que esses manuais, que esse tipo de leitura, era necessário para a formação de futuros professores e que alguém poderia se interessar e realizar a leitura desses manuais.

Mortatti (2001) acredita que em relação à Literatura Infantil “[...] tem-se uma unidade múltipla determinante constitutiva do gênero - simultaneamente literário e didático – a qual implica reconhecer que os termos *literatura* e *infantil* não se encontram em relação de oposição, mas de complementaridade”. (MORTATTI, 2001, p. 182, grifos da autora). No entanto, ao analisar os aspectos constitutivos da disciplina Literatura Infantil no curso HEM da EEPSPG Prefeito José Ribeiro, em Paranapuã, nota-se que esse curso de formação de professores nos anos 1980, correspondeu a um modo próprio de ensinar Literatura Infantil que não considerava a questão nem didática nem literária, prevalecendo, então, a questão do lúdico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação de mestrado, apresentei resultados de pesquisa, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UEMS/Unidade Universitária de Paranaíba, sobre o tema disciplina Literatura Infantil na formação de professores na EEPSSG Prefeito José Ribeiro, em Paranapuã, focalizando quais foram os aspectos constitutivos da disciplina Literatura Infantil do curso de formação de professores denominado HEM, da EEPSSG Prefeito José Ribeiro, da cidade de Paranapuã, com os objetivos de contribuir para a produção de uma história da disciplina Literatura Infantil na formação de professores no curso HEM, no estado de São Paulo; realizar localização, reunião, seleção, sistematização e análise das fontes documentais sobre a disciplina de Literatura Infantil no curso de HEM; compreender o ensino da disciplina Literatura Infantil na formação de professores na EEPSSG Prefeito José Ribeiro, em Paranapuã, e contribuir com pesquisas correlatas. Deste modo, com o intuito de atingir os objetivos mencionados, essa pesquisa fundamentou-se na abordagem histórica, no âmbito da educação, na vertente da Nova História.

Para tanto, desde meu ingresso no mestrado em Educação, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, na área de concentração em Educação, Linguagem e Sociedade da UEMS /Unidade Universitária de Paranaíba, quando delimito tema, problema e *corpus* da pesquisa, iniciei a elaboração do instrumento de pesquisa (APÊNDICE A), o qual foi fundamental para que eu chegasse aos resultados que apresentei nessa dissertação, cabendo destacar as dificuldades surgidas na sua elaboração, que foram muitas. Dentre elas destaco o fato de algumas instituições tanto governamental quanto educacional não terem consciência histórica e por isso descartarem documentos (fontes) e/ou não saberem onde estão arquivados os documentos da instituição.

Em relação aos acervos pessoais, este também foi um fator que dificultou um pouco o andamento da pesquisa, pois a maioria dos alunos que cursou a HEM e até mesmo os professores não guardaram material, e este último fator, portanto fez com que os professores não se lembrassem com tanta clareza do que era trabalhado em sala de aula, não se recordando muitas vezes nem que lecionaram a disciplina. Portanto, pode se inferir que essa história da disciplina Literatura Infantil traz não uma verdade absoluta, mas uma representação dessa história que pode contribuir para uma produção da história da disciplina

Literatura Infantil na formação de professores do curso HEM, na EEPSG Prefeito José Ribeiro.

Assim, no capítulo 1 intitulado “Literatura Infantil, disciplina Literatura Infantil e formação de professores no estado de São Paulo, nos anos 1980” retrato a efervescência dos anos 1980 tanto na produção de Literatura Infantil no Brasil quanto nas iniciativas de promoção qualitativa do gênero e discussão acadêmica, com fito de definir a partir de critérios literários os livros para crianças. A disciplinarização da Literatura Infantil foi fruto de um processo ligado ao processo de formação de professores que vinha acontecendo no estado de São Paulo desde os anos 1940, mas nos anos 1980, há uma configuração própria, com características da época com prescrições que deram origem aos guias curriculares para serem utilizados em sala de aula, com prescrições para as disciplinas da parte diversificada dos currículos da HEM, fazendo parte deste rol de disciplinas, a Literatura Infantil, com duas horas aulas semanais, ofertada na 4ª série da HEM. Os guias curriculares tinham por função preparar o professor sobre o quão importante era o despertar o gosto pela leitura, além de promover o desenvolvimento leitor da criança.

Já, no capítulo 2, intitulado “O município de Paranapuã e suas escolas” retrato a formação de professores nos anos 1980 no curso HEM, na região de Jales, sobretudo no município de Paranapuã, na EEPSG Prefeito José Ribeiro, seguindo as prescrições oficiais federais e estaduais, pois mesmo sendo um município de criação e escolarização recente, o curso HEM foi criado em 1983, nessa escola, cuja oferta era para alunos (futuros professores) da cidade e para alunos de cidades vizinhas como Dolcinópolis, Mesópolis, Populina, Santa Albertina e outros, tendo sido oferecida a disciplina Literatura Infantil de acordo com a legislação: parte diversificada, com menor carga horária, duas horas aulas semanais para formação de professores para atuar na educação pré-escolar.

Dando continuidade a pesquisa, apresentei o capítulo 3, intitulado “Ensinar a ensinar a disciplina Literatura Infantil na EEPSG Prefeito José Ribeiro”, explorando como foi o ensino da disciplina Literatura Infantil, para isso analisei quais foram os aspectos constitutivos da disciplina Literatura Infantil do curso de formação de professores denominado HEM, da EEPSG Prefeito José Ribeiro, da cidade de Paranapuã, nos anos 1980, com o intuito de responder às questões formuladas: que formação foi oferecida na disciplina Literatura Infantil no curso HEM na EEPSG Prefeito José Ribeiro? Quem foram os professores que lecionaram a disciplina Literatura Infantil naquela época e qual o perfil deles? Quais os manuais foram utilizados no espaço escolar para o desenvolvimento da formação desses futuros professores?

Quais as atividades de ensino realizadas pelos alunos (futuros professores) na disciplina Literatura Infantil?

Em relação às professoras, pode se perceber que tinham formação específica para atuar na disciplina Literatura Infantil, embora, por meio dos depoimentos e conversas informais, elas não possuíssem memória de detalhes de sua prática escolar, e nem dos materiais utilizados, mas que foi um pouco despertada quando mostrei os materiais para elas. As professoras utilizavam-se de atividades como teatro, caderno de músicas, datas comemorativas, fantoches, entre outras para ensinar a ensinar Literatura Infantil; infere-se nesta questão, então, que no ponto de vista das professoras, havia o uso do infantil do gênero, deixando de lado o literário, ou seja, consistia num ensino lúdico.

Sobre os manuais encontrados na biblioteca da escola, a saber: *Leitura na escola primária*: guia para normalistas e professores de Juracy Silveira, *A literatura infantil*: visão histórica e crítica de Bárbara Vasconcelos de Carvalho, e *Literatura infantil*: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola de Lúcia Lins Browne Rego, estes se assemelham na questão de que a literatura se faz importante, pois permite o desenvolvimento da criança, além de despertar o gosto pela leitura, e muito embora, as professoras não tenham lembranças de que os utilizaram para preparem suas aulas, posso afirmar que eles constituíam a biblioteca da escola, pois alguém pensou que eles seriam importantes para a formação de futuros professores. Portanto, observa-se que esses manuais localizados na biblioteca da escola prescreviam, na formação de professores, um ensino voltado ao uso e à crítica de livros do gênero, sobretudo, para formação de leitores. Eles retratam a necessidade da leitura por parte dos professores e o incentivo à reprodução de histórias por parte das crianças como um ponto de partida importante para o surgimento de uma segunda etapa: o momento da criação, no qual as crianças são estimuladas a criarem suas histórias por meio de repertório existente e a literatura se fazia importante, pois permitia a manipulação da linguagem para que acontecesse o desenvolvimento da criança de forma eficiente.

Todas as atividades mencionadas remetem, enfim, a que o curso de formação de professores, denominado HEM, da EEPSG Prefeito José Ribeiro, da cidade de Paranapuã, nos anos 1980, correspondeu a um modo próprio de ensinar a ensinar literatura infantil, no qual houve a prevalência da questão do lúdico sobre a literária e a didática, indo ao encontro do que estava nos manuais da época.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história? In: GONÇALVES, Márcia de Almeida; ROCHA, Helenice; REZNIK, Luís; MONTEIRO, Ana Maria (Org.). *Qual o valor da história hoje?* Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2012.
- ALMEIDA, Lidia Maria Pedreira de. *Discursos sobre o livro infantil (1968–1978)*. 2009. 153f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- BELOTTO, Heloísa Liberalli. Os instrumentos de pesquisa no processo historiográfico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 4, *Anais...* p. 133-147, 1979.
- BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *Lourenço Filho e literatura infantil e juvenil*. São Paulo, SP: Ed. Unesp, 2012.
- BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani; OLIVEIRA, Aline Franciele Martins de. O ensino de literatura infantil e a formação de professores na Escola Estadual Prefeito José Ribeiro da cidade de Paranapuã/SP (1983-1993). In: PAES, Ademilson Batista; DEFFACCI, Fabrício Antonio; SOUZA, José Antonio de. (Org.). *Educação, linguagem e sociedade: temas e abordagens*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2014.
- BORDINI, Maria da Glória. A literatura infantil nos anos 80. In: SERRA, Elizabeth D'Angelo (Org.). *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. Campinas, SP: Mercado das Letras, Associação da Leitura do Brasil, 1998. p. 22-30.
- BRANDÃO, Ana Lúcia. A literatura infantil dos anos 80. In: SERRA, Elizabeth D'Angelo (Org.). *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. Campinas, SP: Mercado das Letras, Associação da Leitura do Brasil, 1998. p. 31-38.
- BRASIL. *Lei nº. 4.024, de 20 de dezembro de 1961*. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1961. Disponível em:
<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/6_Nacional_Desenvolvimento/ldb%20lei%20no%204.024,%20de%2020%20de%20dezembro%20de%201961.htm> .
Acesso em: 10 abr. 2014
- _____. *Lei nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971*. Fixa as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. 1971. Disponível em:
<<http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/1971/5692.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2014.
- _____. Decreto-Lei nº 8.530, de 02 de janeiro de 1946 – Lei Orgânica do Ensino Normal. In: Nóbrega, Vandick Londres da. *Enciclopédia da legislação do ensino*. Rio de Janeiro, 1967.
- _____. Ministério da Educação. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=buscageral&Itemid=164&pa>

rams[search_relevance]=Francisco%20Campos¶ms[de]=¶ms[ate]=¶ms[catid]=¶ms[search_method]=all¶ms[ord]=pr,> Acesso em: 10 abr. 2014.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales 1929-1989: a revolução francesa da historiografia*. São Paulo, SP: Unesp, 1992a.

_____. A nova história, seu passado e seu futuro. In: _____. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo, SP: Ed. UNESP, 1992b.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. 3. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1986.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *A literatura infantil: visão histórica e crítica*. 5. ed. São Paulo, SP: Global, 1987.

CARVALHO, João do Prado Ferraz. A origem do manifesto dos educadores mais uma vez convocados, de 1959, na correspondência de alguns de seus signatários. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5, 2008., *Anais...* São Cristóvão, SE: Universidade Federal de Sergipe; Aracaju: Universidade Tiradentes, 2008. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/827.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2015.

CASTILHOS, Gladiomar Saade de. *A Literatura Infantil e sua institucionalização como disciplina na formação de professores (1920 – 1960)*. 2013. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2013.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/gustavo_capanema>. Acesso em: 10 abr. 2014.

_____. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx?id=busca_rapida> Acesso em: 14 abr. 2015

_____. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/manuel_lourenco_filho> Acesso em: 14 abr. 2015

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas, SP: Papirus. Tradução de Enid Abreu Dobrânszky, 1995.

_____. *A escrita da história*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. Introdução: por uma sociedade histórica das práticas culturais. In: _____. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. p.12-28.

CHERVEL, Andre. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil: história, teoria, análise (das origens orientais ao Brasil de hoje)*. 2. ed. São Paulo, SP: Quíron/Global, 1982.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX*. 4. ed. São Paulo, SP: Edusp, 1995.

CORRÊA JUNIOR, José Firmino. *A importância da disciplina literatura infantil no curso de habilitação específica para o magistério*. 1993. 93f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1993.

D'ÁVILA, Antônio. *Literatura infanto-juvenil: de acordo com o programa das escolas normais*. São Paulo, SP: Editora do Brasil, 1961.

EEPSG Prefeito José Ribeiro. *Plano Escolar*, 1981.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL. Disponível em: <<http://www.fnlij.org.br/site/o-que-e-a-fnlij.html>>. Acesso em: jan. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/saopaulo/paranapua.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

_____. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=353590&search=|paranapua>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

JEAN PIAGET: biografia. 28 jan. 2014. Portal educação. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/53974/jean-piagetbiografia#ixzz3QLQ8P9qv>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. Trad. Gizele de Souza. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 1, p. 9-44, jan./jul., 2001.

KLINKE, Karina. *Escolarização da leitura no ensino graduado em Minas Gerais (1906-1930)*. 2003. 240f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

LABEGALINI, Andréia Cristina Fregate Baraldi. *A formação de professores alfabetizadores nos institutos de Educação do Estado de São Paulo (1933 a 1975)*. 2005. 315f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2005.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*. 3. ed. São Paulo, SP: Global, 1988.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Borges. 3. ed. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2003. p. 535-549.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Anteprojeto de programa de literatura infantil nas escolas normais. *Gazeta de São Paulo*, São Paulo, 29 de maio 1957a.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Anteprojeto de programa de literatura infantil nas escolas normais. *Gazeta de São Paulo*, São Paulo, 31 de maio 1957b.

_____. Anteprojeto de programa de literatura infantil nas escolas normais. *Gazeta de São Paulo*, São Paulo, 03 de jun. 1957c.

_____. Anteprojeto de programa de literatura infantil nas escolas normais. *Gazeta de São Paulo*, São Paulo, 04 de jun. 1957d.

_____. Anteprojeto de programa de literatura infantil nas escolas normais. *Gazeta de São Paulo*, São Paulo, 05 de jun. 1957e.

_____. Anteprojeto de programa de literatura infantil nas escolas normais. *Gazeta de São Paulo*, São Paulo, 06 de jun. 1957f.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto*. 2. ed. São Paulo SP: Martins Fontes, 1989.

_____. Entre a literatura e o ensino: um balanço das tematizações brasileiras (e assissenses) sobre literatura infantil e juvenil. *Miscelânea*, Assis, SP, v.3, p. 247-257, 1998.

_____. *Em sobressaltos: formação de professores*. 2. Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. "HEM (Habilitação Específica para o Magistério)" (verbete). *Dicionário Interativo da Educação Brasileira*: EducaBrasil. São Paulo, SP: Midiamix Editora, 2002. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=38>>. Acesso em: 28 maio 2014.

MICRORREGIÃO DE JALES. In: Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregi%C3%A3o_de_Jales>. Acesso em: 28 maio 2014.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Notas sobre linguagem, texto e pesquisa em história em educação. *História da educação*. Pelotas, v. 6, p. 69-77, out. 1999.

_____. *Os sentidos da alfabetização: São Paulo/ 1876 -1994*. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2000.

_____. Leitura crítica da literatura infantil. *Itinerários*, Araraquara, n. 17/18, p. 179-187, 2001.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da Educação e Fontes. *Cadernos ANPED*, Porto Alegre, n.5, p.7-64, 1993.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de. *O ensino da literatura infantil em compêndio de literatura infantil: para o 3º ano normal (1959)*, de Bárbara Vasconcelos de Carvalho. 2010. 253f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

_____. *História do ensino da literatura infantil nos cursos de formação de professores primários no estado de São Paulo, Brasil (1947-2003)*. 2014. 343f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

PARANAPUÃ. In: Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Paranapuã>>. Acesso em: 28 maio 2014.

_____. *Salve Paranapuã no seu 3º aniversário*. 1968.

PAUTASSO, Andrea Milán Vasques. *A Comissão de literatura infantil do Ministério da Educação e saúde do Brasil nos anos 1936 a 1938: literatura e leitura infanto-juvenil no contexto da nacionalização do ensino*. 2010. 97f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2010.

PERROTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo, SP: Ícone, 1986.

PESSANHA, Eurize Caldas.; DANIEL, Maria Emília Borges; MENEGAZZO, Maria Adélia. Da história das disciplinas escolares à história da cultura escolar: uma trajetória de pesquisa. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, nº27, p. 57-69, set./dez., 2004.

PIMENTA, Selma Garrido; GONÇALVES, Carlos Luiz. *Reverendo o ensino de 2º grau: propondo a formação de professores*. 2. ed. São Paulo, SP: Cortez, 1992. (Coleção magistério – 2º grau).

REGO, Lúcia Lins Browne. *Literatura infantil: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola*. 2. ed. São Paulo, SP: FTD, 1995.

SÃO PAULO (Estado). *Lei nº 3739, de 22 de janeiro de 1957*. Dispõe sobre organização do ensino normal do Estado de São Paulo. São Paulo, 1957. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1957/lei-3739-22.01.1957.html>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

_____. *Programas do curso normal*. São Paulo, SP: Editora do Brasil, 1958.

_____. *Lei nº 5.285, de 18 de fevereiro de 1959*.

_____. *Lei nº 8.092, de 28 de fevereiro de 1964*.

_____. *Lei nº 9.457, de 27 de janeiro de 1966*.

_____. *Decreto nº133, de 20 de agosto de 1968*.

_____. *Comunicado nº 4, de 31 de janeiro de 1975*

_____. *Projeto de Lei nº 593 de 1977*.

_____. *Lei nº1.704, de 5 de julho de 1978*.

_____. *Habilitação específica de 2º. Grau para o Magistério: guias curriculares para a parte diversificada da formação especial*. São Paulo, SP: CENP, 1981.

_____. *Resolução SE nº 33, de 08 de fevereiro de 1983*.

SAVIANI, D. *História das idéias pedagógicas no Brasil*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SERRA, Elizabeth D'Angelo (Org.). *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. Campinas, SP: Mercado das Letras, Associação da Leitura do Brasil, 1998.

SILVEIRA, Juracy. *Leitura na escola primária: guia para normalistas e professores*. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Conquista, 1966.

SILVEIRA, Lúcia de Jesus Capela Cardozo. *Lúcia de Jesus Capela Cardozo Silveira: entrevista*, mar., 2015. Entrevista concedida a Aline Franciele Martins de Oliveira.

TAKAKI, Haruko. *Haruko Takaki: entrevista* mar., 2015. Entrevista concedida a Aline Franciele Martins de Oliveira.

TANURI, Leonor Maria. *História da formação de professores*. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, nº14, p. 61-88, maio/ago., 2000.

VIDAL, Diana Gonçalves. *Escola nova e processo educativo*. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2011.

VINÃO, Antonio. *A história das disciplinas escolares*. Trad. Marina Fernandes Braga. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 18, p. 173-215, set./dez., 2008.

VINÃO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro, RJ: DP&A Editora, 1998.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 6. ed. São Paulo, SP: Global, 1987.

INSTITUIÇÕES, ACERVOS E SITES CONSULTADOS

- Paranapuã/SP

Acervo pessoal de Adenir de Fátima Franzatto Sanches

Acervo pessoal de Haruko Takaki

Acervo pessoal de Lídia de Jesus Capela Cardozo Silveira

Acervo pessoal de Lucia Andréa Ferreira dos Santos

Acervo pessoal de Marcia Martins de Oliveira

Biblioteca da Escola Estadual Prefeito José Ribeiro

Biblioteca Municipal de Paranapuã

Escola Estadual Prefeito José Ribeiro

- Jales/SP

Diretoria de Ensino da Região de Jales

- Paranaíba/MS

Biblioteca da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

- São Paulo/SP

BANCO DE TESES DA COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/serviços/banco-de-teses>

BANCO DE TESES DO INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIA (IBICT). Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/>

BASE DE DADOS BIBLIOGRÁFICOS DA BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br>

BRASIL. *Lei nº. 4.024, de 20 de dezembro de 1961*. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1961. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/6_Nacional_Desenvolvimento/ldb%20lei%20no%204.024,%20de%2020%20de%20dezembro%20de%201961.htm . Acesso em: 10 abr. 2014

_____. *Lei nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971*. Fixa as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. 1971. Disponível em: <http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/1971/5692.htm>. Acesso em: 10 abr. 2014.

CAMPOS, Francisco. Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=buscageral&Itemid=164¶ms\[search_relevance\]=Francisco%20Campos¶ms\[de\]=¶ms\[ate\]=¶ms\[catid\]=¶ms\[search_method\]=all¶ms\[ord\]=pr](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=buscageral&Itemid=164¶ms[search_relevance]=Francisco%20Campos¶ms[de]=¶ms[ate]=¶ms[catid]=¶ms[search_method]=all¶ms[ord]=pr)>. Acesso em: 12 nov. 2014.

CAPANEMA, Gustavo. Disponível em:

<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/gustavo_capanema>. Acesso em: 12 nov. 2014.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. Disponível em:

<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/gustavo_capanema>. Acesso em: 10 abr. 2014.

_____. Disponível em:

<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx?id=busca_rapida> Acesso em: 14 abr. 2015.

_____. Disponível em:

<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/manuel_lourenco_filho> Acesso em: 14 abr. 2015

CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO “Mário Covas” – Núcleo de Memória da Educação Paulista. Disponível em: <<http://www.crmariocovas.sp.gov.br/memorial.php>>

FUNDAÇÃO NACIONAL DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL. Disponível em:

<<http://www.fnlij.org.br/site/o-que-e-a-fnlij.html>>. Acesso em: 04 jan. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em:

<<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/saopaulo/paranapua.pdf>> Acesso em: 18 mar. 2015.

_____. Disponível em:

<<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=353590&search=|paranapua>> Acesso em: 22 jun. 2015.

JEAN PIAGET: biografia. 28 jan. 2014. Portal educação. Disponível em:

<<http://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/53974/jean-piagetbiografia#ixzz3QLQ8P9qv>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Disponível em:

<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/manuel_lourenco_filho>. Acesso em: 12 nov. 2014.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. "HEM (Habilitação Específica para o Magistério)" (verbete). *Dicionário Interativo da Educação Brasileira: EducaBrasil*. São Paulo, SP: Midiamix Editora, 2002. Disponível em:

<<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=38>>. Acesso em: 28 maio 2014.

SÃO PAULO (Estado) . *Lei n° 3739, de 22 de janeiro de 1957*. Dispõe sobre organização do ensino normal do Estado de São Paulo. São Paulo, 1957. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1957/lei-3739-22.01.1957.html>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

SCIENTIFIC ELETRONIC LIBRARY - SCIELO. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>
Site de busca “Google Acadêmico”. Disponível em: <<http://www.scholar.google.com.br/>>
Site de busca “GOOGLE”. Disponível em: <<http://www.google.com.br>>

APÊNDICE A

INSTRUMENTO DE PESQUISA

FONTES DOCUMENTAIS PARA ESTUDO DA DISCIPLINA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO ESTADO DE SÃO PAULO

1. Leis/ Reformas/ Programas/ Decretos

1.1 Leis/ Reformas/ Programas/ Decretos Federal

BRASIL. *Lei N. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências*

_____. *Lei N 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências*

_____. Decreto-Lei nº 8.530, de 02 de janeiro de 1946 – Lei Orgânica do Ensino Normal. In: Nóbrega, Vandick Londres da. *Enciclopédia da legislação do ensino*. Rio de Janeiro, 1967.

1.2 Leis/ Reformas/ Programas/ Decretos Estaduais

SÃO PAULO (Estado). *Lei nº 3739, de 22 de janeiro de 1957. Dispõe sobre organização do ensino normal do Estado de São Paulo.*

_____. *Coleção de leis e Decretos do Estado de São Paulo*. São Paulo, SP: Educação, imprensa oficial, 1957. V.1.

_____. *Programa do Curso Normal. Comunicado nº 18, de 03 de março de 1958, da Chefia do Ensino Secundário e Normal*. São Paulo, SP: Editôra do Brasil S/A. folheto n.32.

_____. *Coleção de leis e Decretos do Estado de São Paulo*. 1959. São Paulo: Educação, imprensa oficial, 1959.

_____. *Lei nº 5.285, de 18 de fevereiro de 1959.*

_____. *Lei nº 8.092, de 28 de fevereiro de 1964.*

_____. *Lei nº 9.457, de 27 de janeiro de 1966.*

_____. *Decreto nº133, de 20 de agosto de 1968.*

_____. *Comunicado nº 4, de 31 de janeiro de 1975*

_____. *Projeto de Lei nº593 de 1977.*

_____. *Lei nº1.704, de 5 de julho de 1978.*

SÃO PAULO (Estado). *Habilitação específica de 2º. Grau para o Magistério: guias curriculares para a parte diversificada da formação especial*. São Paulo, SP: CENP, 1981.

_____. *Resolução SE nº33, de 08 de fevereiro de 1983*.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Anteprojeto de programa de literatura infantil nas escolas normais. *Gazeta de São Paulo*, São Paulo, 29 de maio 1957a.

_____. Anteprojeto de programa de literatura infantil nas escolas normais. *Gazeta de São Paulo*, São Paulo, 31 de maio 1957a.

_____. Anteprojeto de programa de literatura infantil nas escolas normais. *Gazeta de São Paulo*, São Paulo, 03 de jun. 1957c.

_____. Anteprojeto de programa de literatura infantil nas escolas normais. *Gazeta de São Paulo*, São Paulo, 04 de jun. 1957d.

_____. Anteprojeto de programa de literatura infantil nas escolas normais. *Gazeta de São Paulo*, São Paulo, 05 de jun. 1957e.

_____. Anteprojeto de programa de literatura infantil nas escolas normais. *Gazeta de São Paulo*, São Paulo, 06 de jun. 1957f.

2. Livros sobre literatura infantil utilizados

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *Lourenço Filho e literatura infantil e juvenil*. São Paulo, SP: Ed. Unesp, 2012.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. 3. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1986.

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil: história, teoria, análise (das origens orientais ao Brasil de hoje)*. 2.ed. São Paulo, SP: Quíron/Global. 1982.

D'ÁVILA, Antônio. *Literatura infanto-juvenil: de acordo com o programa das escolas normais*. São Paulo, SP: Editora do Brasil, 1961.

GÓES, Lúcia Pimentel. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo, SP: Pioneira, 1984.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo, SP: Ática, 1984.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto*. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1989.

PERROTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo, SP: Ícone, 1986.

SALEM, Nazira. *História da literatura infantil*. 2.ed. São Paulo, SP: Mestre Jou, 1970.

SERRA, Elizabeth D'Angelo. *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. Campinas, SP: Mercado das Letras, Associação da Leitura do Brasil, 1998.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 6.ed. São Paulo, SP: Global, 1987.

3. Manuais de ensino localizados na biblioteca da EEPSP Prefeito José Ribeiro

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *A literatura infantil: visão histórica e crítica*. 5. ed. São Paulo, SP: Global, 1987.

REGO, Lúcia Lins Browne. *Literatura infantil: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola*. 2. ed. São Paulo, SP: FTD, 1995.

SILVEIRA, Juracy. *Leitura na escola primária: guia para normalistas e professores*. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Conquista, 1966.

4. Materiais produzidos pelos alunos

FRANZATO, Adenir de Fátima. *Caderno de Comemoração*, 1983. (caderno de datas comemorativas confeccionado durante as aulas de literatura infantil).

_____. *Caderno de dobradura*, 1983. (Caderno de dobradura confeccionado durante as aulas de literatura infantil).

OLIVEIRA, Marcia Martins de. *Lúcia já vou indo*, 1989. (fantoques de cartolina dos personagens da história Lúcia já vou indo confeccionados para a disciplina literatura infantil).

SANTOS, Andréa Ferreira dos. *Aventuras de Tiquinho*, 1987. (livros de pano confeccionado para a disciplina literatura infantil).

_____. *Músicas infantis*, 1987. (Caderno de músicas infantis confeccionado para a disciplina literatura infantil).

5. Revista em comemoração ao 3º aniversário de Paranapuã

PARANAPUÃ (Município). *Salve Paranapuã no seu 3º aniversário*. 1968.

6. Convite de formatura

OLIVEIRA, Marcia Martins de. *Convite de formatura*, 1989. (convite de formatura).

7. Grade curricular da HEM na EEPSP Prefeito José Ribeiro

PREFEITO JOSÉ RIBEIRO, escola. Grade curricular do ano de 1985. Paranapuã, 1985.

_____. Grade curricular do ano de 1986. Paranapuã, 1986.

PREFEITO JOSÉ RIBEIRO, escola. Grade curricular do ano de 1987. Paranapuã, 1987.

_____. Grade curricular do ano de 1988. Paranapuã, 1988.

_____. Grade curricular do ano de 1989. Paranapuã, 1989.

8. Plano Escolar da EEPSG Prefeito José Ribeiro

EEPSG Prefeito José Ribeiro. *Plano Escolar*, 1981.

APÊNDICE B

ROTEIRO PARA QUESTIONÁRIO COM PROFESSORES

(O roteiro foi adaptado das orientações de realização de projetos de História Oral do Centro de Referência em Educação Mario Covas disponível no *site* <<http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portals/28/4.pdf>>)

1. Qual é o seu nome completo?
2. Em que ano e em que cidade você nasceu?
3. Onde vive hoje e qual sua principal ocupação?
4. Fale sobre sua vida escolar: quando você começou a estudar? Em qual escola?
5. Fale sobre sua trajetória como professora? (formação, quando começou a lecionar, em que escola, etc)
6. Fale sobre a disciplina literatura infantil ministrada por você no curso HEM. Fale um pouco sobre sua experiência como professora, como eram as aulas, as disciplinas/matérias e o material de apoio pedagógico utilizado. Quais os textos e manuais de literatura infantil eram utilizados no espaço escolar para o desenvolvimento da formação desses futuros professores?
7. Como você utilizava esse (s) livro (s)?
8. Qual o objetivo dessa disciplina?
9. Quais outros materiais utilizados por você e pelos alunos em sala de aula (cadernos, apostilas, lápis, canetas, mapas, retroprojetores, carimbos, músicas, manuais de ensino, livros, etc.)? Como os utilizava?
10. Sobre a experiência como professora, o que mais gostaria de deixar registrado nesta data?

APÊNDICE C
CADASTRO DO(A) ENTREVISTADO(A)

Identificação do entrevistado

Nome: _____

Data de nascimento: _____

Local de nascimento: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ CEP _____

Cidade: _____ Estado: _____

Telefone: _____ Celular: _____

Filiação

Pai: _____

Profissão/ocupação: _____

Mãe: _____

Profissão/ocupação: _____

Observações

Entrevistadora: _____

Local _____ Data _____

APÊNDICE D**AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM, ÁUDIO E DADOS PESSOAIS E BIOGRÁFICOS**

Autorizo a _____

a utilização, a divulgação e a reprodução de imagens, áudios e dados pessoais e biográficos por mim relatados, incluindo todo e qualquer material fotográfico, objetos e documentos por mim apresentados, para a realização e a divulgação em projetos institucionais desenvolvidos relacionados à história e à memória da disciplina literatura infantil no curso HEM na EEPSSG Prefeito José Ribeiro em Paranapuã, Estado de São Paulo, e poderá, a qualquer momento, utilizar e reproduzir as informações citadas em mídia impressa (livros, catálogos, jornais, revistas, entre outros); mídia eletrônica (Internet); e demais meios de comunicação (TV, cinema e rádio); bem como em banco de dados informatizados, relatórios institucionais e eventos de divulgação acadêmicos e científicos.

Nome: _____

Endereço _____

Cidade: _____

Estado: _____ CEP: _____

RG: _____ CPF: _____

Telefone: _____ Celular: _____

E-mail: _____

(Local, data e ano)

Assinatura do entrevistado

ANEXOS

ROTEIRO PARA QUESTIONÁRIO COM PROFESSORES

(O roteiro foi adaptado das orientações de realização de projetos de História Oral do Centro de Referência em Educação Mario Covas disponível no *site* <<http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portals/28/4.pdf>>)

1. Qual é o seu nome completo?

Haruko Takaki

2. Em que ano e em que cidade você nasceu?

Nasci em 05 de fevereiro de 1940 , em Pedregulho no estado de São Paulo.

3. Onde vive hoje e qual sua principal ocupação?

Atualmente moro em Paranaçuã e sou diretora de auto escola.

4. Fale sobre sua vida escolar : quando você começou a estudar? Em qual escola?

Comecei a estudar em Pedregulho/SP, depois fui para Ituiutaba, em Minas Gerais, onde terminei o curso Primário no Grupo Escolar João Pinheiro, no ano de 1950.

5. Fale sobre sua trajetória como professora? (formação, quando começou a lecionar, em que escola, etc).

Comecei o curso normal em Ituiutaba/ MG no colégio Santa Maria e terminei em Fernandópolis no curso normal na Escola Normal Municipal de Fernandópolis em 1958, que estava iniciando o curso normal na cidade. Em 1974, fiz licenciatura em Letras, Português e Francês pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jales. No mesmo ano, cursei a especialização em Comunicação e Expressão pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Ministro Tarso Dutra, na cidade de Dracena. Em 1975, especialização em Linguística Aplicada, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jales. E em 1978, fiz licenciatura em Estudos Sociais pela Faculdade de Educação, Ciências e Artes Dom Bosco de Monte Aprazível.

6. Fale sobre a disciplina literatura infantil ministrada por você no curso HEM. Fale um pouco sobre sua experiência como professora, como eram as aulas, as disciplinas/matérias e o material de apoio pedagógico utilizado. Quais os textos e manuais de literatura infantil eram utilizados no espaço escolar para o desenvolvimento da formação desses futuros professores?

As aulas eram preparadas por meio de livros didáticos, sempre aproveitando experiências do dia-a-dia. Utilizei livros infantis, contação de história, cadernos de músicas infantis da época.

7. Como você utilizava esse (s) livro (s)?

Procurava mostrar a realidade para os alunos (futuros professores). Utilizei manuais de literatura infantil, no entanto, não recordo qual; utilizava livros com jogos infantis e também livros que continham experiências de professores em sala de aula.

8. Qual o objetivo dessa disciplina?

Preparar os futuros professores para enfrentar uma sala de aula infantil

9. Quais outros materiais utilizados por você e pelos alunos em sala de aula (cadernos, apostilas, lápis, canetas, mapas, retroprojetores, carimbos, músicas, manuais de ensino, livros, etc.)? Como os utilizava?

Confecção de mural informativos, livros infantis para leitura dos alunos.

10. Sobre a experiência como professora, o que mais gostaria de deixar registrado nesta data?

É muito bom entrar numa sala de aula e transmitir conhecimento, transmitir as minhas experiências, visando a educação das crianças, pois elas serão o nosso futuro. Ai de nós, educadores, pais e professores, se deixarmos em nossas crianças semente morrer semente.

É preciso ter carinho com as crianças. Até hoje tenho uma ligação com a educação, pois sempre converso com os alunos da auto escola e falo pra eles continuarem estudando, incentivando eles a estudarem de ter uma profissão na vida. Sempre levei minha vida voltada a Educação.

ROTEIRO PARA QUESTIONÁRIO COM PROFESSORES

(O roteiro foi adaptado das orientações de realização de projetos de História Oral do Centro de Referência em Educação Mario Covas disponível no *site* <<http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portals/28/4.pdf>>)

1. Qual é o seu nome completo?

Lídia de Jesus Capela Cardozo Silveira

2. Em que ano e em que cidade você nasceu?

Nasci em 21 de janeiro de 1948, em Venda Nova, Portugal.

3. Onde vive hoje e qual sua principal ocupação?

Atualmente moro em Paranapuã e sou comerciante.

4. Fale sobre sua vida escolar : quando você começou a estudar? Em qual escola?

Comecei a estudar em Envendos, Portugal

5. Fale sobre sua trajetória como professora? (formação, quando começou a lecionar, em que escola, etc).

Comecei o curso normal em Taquaritinga/SP. Depois fiz licenciatura em Estudos Sociais pela Faculdade de Educação, Ciências e Artes Dom Bosco de Monte Aprazível, cursei Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Urubupungá, fiz licenciatura em Letras, Português e Francês pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jales. E complementei com especialização em Comunicação e Expressão pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Ministro Tarso Dutra, na cidade de Dracena.

Minha primeira experiência como professora foi no curso de adultos Mobral. Depois 1ª, 2ª, 3ª séries. Daí pra frente foi uma sequencia: ginásio, colegial e magistério na escola Prefeito José Ribeiro. Prestei concurso para P1 e P3, sendo aprovada nos dois, ingressei em São Paulo na escola estadual Padre José Carvalho. Após meio semestre fui para a escola de Mesópolis e depois de algum tempo voltei para a escola Prefeito José Ribeiro, passando para assistente de diretor e em seguida para diretora, onde me aposentei.

6. Fale sobre a disciplina literatura infantil ministrada por você no curso HEM. Fale um pouco sobre sua experiência como professora, como eram as aulas, as disciplinas/matérias e o material de apoio pedagógico utilizado. Quais os textos e manuais de literatura infantil eram utilizados no espaço escolar para o desenvolvimento da formação desses futuros professores?

Quando trabalhei com o magistério na disciplina de Literatura, também estava incluído literatura infantil. Naquela época os alunos eram realmente comprometidos. Nós, os professores tínhamos prazer em dar aulas e eles prazer em aprender.

Nós usamos livros infantis: primeiro estudo do autor, segundo estudo do livro que incluía, leitura e análises dos fatos mais importantes, transportando para o momento da época e dramatização para as classes primárias adequadas aquele autor e leitura.

7. Como você utilizava esse (s) livro (s)?

Tanto os livros como os textos infantis eram trabalhados na forma descrita na questão 6, além de apresentá-los nos momentos oportunos para toda a escola em forma de teatro de fantoches. O palco e os personagens eram confeccionados pelos próprios alunos (futuros professores). Tornava-se uma aula lúdica, agradável e era a alegria das séries iniciais. Algumas dessas apresentações teve a avaliação da senhora diretora da época (D. Cidinha) como um verdadeiro teatro.

8. Qual o objetivo dessa disciplina?

Desenvolver no futuro professor o gosto pela leitura e o conhecimento dos autores infantis.

9. Quais outros materiais utilizados por você e pelos alunos em sala de aula (cadernos, apostilas, lápis, canetas, mapas, retroprojetores, carimbos, músicas, manuais de ensino, livros, etc.)? Como os utilizava?

Utilizei todos esses materiais e também material humano, onde havia muito trabalho em grupo.

10. Sobre a experiência como professora, o que mais gostaria de deixar registrado nesta data?

Sempre tive como princípio o seguinte: “Educai as crianças e não será preciso punir os homens”. PITÁGORAS